

✦ Francisco Lucas da Silva ✧

Um Sábio na Natureza

Maria da Conceição de Almeida
Thiago Emmanuel Araújo Severo

(organizadores)

IFRN
Editora

✧ Francisco Lucas da Silva ✧

Um Sábio na Natureza

Maria da Conceição de Almeida
Thiago Emmanuel Araújo Severo

(organizadores)



Natal, 2015

Presidenta da República **Dilma Rousseff**
Ministro da Educação **Aloizio Mercadante**
Secretário de Educação Profissional
e Tecnológica **Marcelo Machado Feres**

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Rio Grande do Norte**

Reitor **Belchior de Oliveira Rocha**
Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação **José Yvan Pereira Leite**
Coordenador da Editora do IFRN **Paulo Pereira da Silva**
Conselho Editorial **Samir Cristino de Souza (Presidente)**
André Luiz Calado de Araújo
Dante Henrique Moura
Jerônimo Pereira dos Santos
José Yvan Pereira Leite
Valdenildo Pedro da Silva

Todos os direitos reservados

Divisão de Serviços Técnicos. Catalogação da publicação na fonte.
Biblioteca Sebastião Fernandes (BSF) – IFRN

S586s Silva, Francisco Lucas da.
Um sábio na natureza. / Francisco Lucas da Silva. – Natal : IFRN, 2015.
176 p.

ISBN 978-85-8333-131-5

1. Narrativas populares – Rio Grande do Norte. 2. Saberes de tradição. 3.
Cultura popular. 4. Natureza. I. Título.

CDU 398.2(813.2)

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Charles Bamam Medeiros de Souza

FOTO DA CAPA

Thiago Emmanuel Araújo Severo

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Tatiana Lapitz Machado dos Santos

REVISÃO LINGUÍSTICA

Kalliane Sibelli de Amorim Oliveira

CONTATOS

Editora do IFRN

Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol.

CEP: 59015-300

Natal-RN. Fone: (84) 4005-0763

Email: editora@ifrn.edu.br

Edição eletrônica: E-books IFRN

Prefixo editorial: 68066

Disponível para download em:

<http://memoria.ifrn.edu.br>

Apresentação

UM SÁBIO NA NATUREZA é a ampliação de um singelo livro que teve por título *A natureza me disse*, com duas edições impressas esgotadas (2006; 2007) e que se encontra disponível na internet. O livro é um conjunto de entrevistas concedidas ao longo dos últimos vinte e oito anos pelo norterriograndense Francisco Lucas da Silva a biólogos, filósofos, historiadores, sociólogos, enfermeiros, antropólogos e educadores ligados ao Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM) da Universidade Federal do Rio Grande no Norte. Tendo alimentado teses, dissertações e monografias (que aparecem referidas ao final desse livro) as narrativas foram tematizadas de modo a construir uma totalidade aberta e capaz de dialogar com várias áreas de conhecimento.

A natureza me disse, em parte modificada e ampliada, constitui-se no primeiro capítulo do presente livro. Os outros cinco capítulos são inéditos. Três deles desenham as faces do geólogo, do acadêmico e do poeta Chico Lucas. Um contem artigos de vários colegas à guisa de reconhecimento e homenagem que foram recuperados entre os anos de 1998 e 2015, constituindo uma ecologia de ideias e estilos distintos. Por fim, falam as imagens: um conjunto de fotografias que compõem, hoje, o acervo do GRECOM, feitas desde 1986 por diversos pesquisadores.

O livro sugere uma ética da pesquisa e do trabalho científico afinados com o pensamento complexo e transdisciplinar que tem por horizonte reaver reservas de “um pensamento do sul”, conforme propõe Edgar Morin. Isso porque abre os conhecimentos acadêmicos para a escuta e o diálogo com os saberes da tradição; ultrapassa as fronteiras das áreas disciplinares; demonstra a vitalidade das práticas coletivas de pesquisa que se distanciam do individualismo, do narcisismo e da ilusão do gênio solitário; abre espaço para outros modos de conhecer e estratégias de método não usuais nos espaços universitários.

Para nós, tudo se passa como se **UM SÁBIO NA NATUREZA** tivesse nascido à sombra do baobá da Casa da Memória, na comunidade

de Areia Branca. É um livro que tece os fios de uma conversa sem fim, expressão que bem pode se tornar sinônimo da pesquisa que mantém os laços entre a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a Lagoa do Piató, em Assu, no Rio Grande do Norte.

A realização, organização e edição desse volume foi mais do que um trabalho a quatro mãos. Foi um trabalho simbiótico, em equipe, concebido de dentro da casa da memória e movido pelo sentimento comum de admiração ao grande pensador autor da quase totalidade das páginas a seguir. Representando todos que participaram desse livro, como um organismo simbiótico vivo, agradecemos pontualmente à: Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) pela apreciação e publicação desse volume; à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em específico à PROPESQ e à PROEX, órgãos de fomento que tem possibilitado as pesquisas no município de Assu-RN desde 1986; à Wyllys Abel Farkatt Tabosa pela cumplicidade e auxílio técnico no desenvolvimento do livro; à Wani Fernandes Pereira e Josineide Silveira de Oliveira pela parceria próxima durante a sua confecção; e à Tatiana Lapitz Machado dos Santos pelas afetuosas transcrições.

Por fim, sobre a sombra cada vez mais vasta do baobá que cresce no quintal da casa da memória, esse livro caminha em direção a um Sul regenerativo. Um espírito de observação paciente e de decifração da natureza é traduzido por entre as narrativas de Chico Lucas. Desejamos que essas narrativas possam ser como substrato fértil para um pensamento atento à beleza da diversidade de narrativas sobre a natureza. Um pensamento que não tem áreas disciplinares nem pré-requisitos para florescer.

Natal/João Pessoa
04 de maio de 2014

*Maria da Conceição de Almeida
Thiago Emmanuel Araújo Severo*

Prefácio

Olhar, Escutar, Sentir, Ler, Conhecer, Compartilhar.

Wani Fernandes Pereira

É de domínio público que desde 1986, uma pesquisa tem se consolidado como campo empírico e como um diálogo entre saberes científico e saberes da tradição na lagoa do Piató-Assú/RN. Para isto toma por aporte as ciências da complexidade, traduzidas em monografias, dissertações e teses operando uma releitura da ecologia, histórias da educação e autoformação de professores do lugar. É do que trata este livro e muito mais. Mas, é preciso ressaltar: ‘nada do que foi seria’, não fosse um encontro inevitável naquela data, entre dois personagens: Conceição Almeida, e Francisco Lucas da Silva, o autor homenageado como “Um sábio na Natureza”. Desde então se tem urdido uma trama indissociável entre o que é da ordem da ciência, dos afetos, estética de pensar, uma ecologia das ideias. Nessa trama Chico Lucas ocupa no processo de construção desses conhecimentos, um papel determinante: o de um *intelectual da tradição* – noção construída por Maria da Ceixa de Almeida e tão afeita ao Grecom e às ciências da complexidade. Comprometida com uma antropoética, Ceixa Almeida, adota um estilo cognitivo cujo código compartilha com a filósofa Isabelle Stengers: “um cientista sabe que, para aprender, precisa de inventar, imaginar, expor-se”.

*Attraversiamo*¹. Eis um apelo, mais que um convite para percorrermos e compartilharmos de uma metacartografia desenhada por Maria da Conceição Almeida (2010), “cujo método quaternário GESTAR, EXPANDIR, EXPULSAR e CONSOLIDAR constituem e espelham a vida do Grecom. Como uma mandala de quatro pontas, qualquer uma delas remete e pode se desdobrar na outra. Por outro lado, como um ponto qualquer de um holograma, cada um desses movimentos contém as propriedades comuns a todos”.

1 *Attraversiamo* significa o ato de atravessar, no sentido de fluir, mudar, avançar.

Não seria exagero afirmar que todo esse repertório intelectual não teria ‘vingado’ se não contivesse como alimento permanente, um ciclo de vida dedicado de corpo e alma à pesquisa na lagoa do Piató, conduzidas por Ceíça Almeida. Pesquisa esta concebida pelo projeto matriz “Potencialidades da Lagoa do Piató”, que deu origem ao livro-guia, “Lagoa do Piató, fragmentos de uma história”, uma cartografia do lugar, esgotada na sua segunda edição. Na sequência, outro livro de dimensões gigantescas traz por nome *Conhecimentos “Científicos e Saberes da Tradição”*. Este último, transformado num surpreendente Jardim Botânico. Uma relação simbiótica entre Conceição Almeida e Chico Lucas, tem gerado e disseminado em Areia Branca Piató - a capital do Grecom -, espécies e mudas exemplares representadas pelas produções acadêmicas já referidas, parte dela transformadas nos artigos que compõem esse “livro testemunho”.

Creio não ser demasiado humano, representar com a figura mitológica, do deus Jano ou *Janus*, todo um itinerário percorrido ao longo de três décadas, simbolizando a trajetória intelectual de mão dupla, e desenhado a quatro mãos por Ceíça Almeida e Chico Lucas.

Jano, com dois rostos contrapostos – um no verso do outro -, era um dos deuses mais antigos de Roma. Representava o deus das transições e das passagens, marcando a evolução do passado e do futuro das mudanças e tradições, das decisões e escolhas. Como argumenta Clene Salles, Jano “foi responsável pela idade de ouro, trouxe dinheiro e agricultura região, seu nome está associado às trocas e colheitas” (SALLES, 2014). Janus é o senhor dos inícios: a ele foi consagrado o primeiro mês do ano (Janeiro, Janua, Januarius: a porta do ano). Seu rosto duplo está associado às portas (entrada e saída), ao olhar para o interior e o exterior, para a direita e esquerda, para o alto e baixo, para frente e as costas, o pró e o contra; simboliza as mudanças de um estado a outro, de um universo a outro.

No que diz respeito aos artigos que compõem esta justa homenagem ao intelectual da tradição Chico Lucas, um leitor atento poderia observar uma matriz cognitiva já assinalada por Bruno Latour (1994), ao desconstruir a oposição entre natureza e cultura: “ninguém jamais ouviu falar de um coletivo que não mobilizaria, em sua composição, o céu, a terra, os corpos, os bens, o direito, os deuses,

as almas, os ancestrais, as forças, os animais, as crenças, os seres fictícios... Esta é a antiga matriz antropológica, que jamais deixamos de lado”. Talvez seja esse operador que mobilize os pesquisadores na travessia para o outro lado da Lagoa.

Todo esse repertório intelectual que o leitor tem a seu dispor, traz uma coautoria e parceria constantes de Chico Lucas: na vida e nas ideias. Ao longo de mais de duas décadas, através do seu dom de ‘encantador de palavras’, Chico tem compartilhado com a equipe de pesquisadores do Grecom de sua *ciência primeira*. Ciência esta que o Grecom tomou por ofício e arte, revelar sob a forma de uma escritura bilíngue: uma escrita da tradição e uma escrita científica. Estes ensinamentos cada vez mais densos e enxertados de delicadeza ecoam nessa travessia no entorno do Piató e para além dele. Travessias feitas a pé, muitas vezes no sol a pino. Pelas águas da lagoa, sempre que as chuvas renovavam os ciclos da vida e de esperança de uma boa pescaria, fartura de feijão e de mandioca, nosso pão primordial. Ao retornar das travessias, ninguém permaneceu o mesmo. Ou dito de outra forma, somos ao mesmo tempo o mesmo e outro. Está instituído a indissociabilidade entre o *autos* – auto-organização e o *oikós* eco-organização. Aqui caberia me reportar acerca da interrogação do prefixo RE. Para Edgar Morin, esse prefixo é paradigmático.

Ao problematizar o significado a conceituação do prefixo RE, Morin o identifica no conjunto de princípios paradigmáticos da complexidade: tudo o que é da ordem do vivo está permanentemente em *reorganização*, *recorrência*, *repetição*, *renovação*, *restabelecimento*, *regeneração*. O RE *está na* raiz destas raízes porque elas se enraízam. No que diz respeito ao universo antropossocial, o RE, vivo, atualiza uma memória, fabrica acontecimentos, formas, estruturas, a partir da marca de acontecimentos, formas, estruturas passadas. A renovação, por sua vez, inscreve-se no retorno que ela transforma. Todas as ideias, estratégias, representações, devaneios, sonhos necessitam da *rememoração*, todo fenômeno de consciência necessita de um retorno subjetivo e ao mesmo tempo objetivo sobre si. A dialética do RE não se limita a produzir renovação. Pode acolher o novo. E o novo só pode basear-se numa memória, isto é, no RE. Tudo o que depende do RE comporta ao mesmo tempo: ressurgimento no passado

ancestral, produção ou reprodução da existência presente, disposição para um futuro. O retorno e o irreversível são também as duas faces de um mesmo fenômeno. Todo indivíduo-sujeito é autônomo e insubstituível, e ao mesmo tempo, é filho do retorno, da repetição e do recomeço. É preciso conceber o RE no interior do indissociável paradigma da organização biológica: auto-(geno-feno-ego)-eco-re-(retro-meta)-organização. Nesse sentido, o prefixo RE nos reporta ao universo das naturezas-culturas. É este lugar - a Lagoa do Piató -, que desde aquele tempo, tem se constituído para nós, pesquisadores do Grecom, um laboratório. Não o modelo de laboratório ou um contralaboratório, repleto de caixas-pretas, descritos por Bruno Latour (2000). No Piató, mais precisamente no porto Areia Branca, se instituiu um laboratório a céu aberto, numa escola de vida e da vida, onde estão presentes “ao mesmo tempo nossos coletivos humanos e os não humanos que nos cercam” (LATOURE, 1994). Ali se opera uma das estratégias de método e se institui uma chave, um instrumento: uma pergunta-problema: “Está entendendo...”?

Venho ao longo de vinte e sete anos acompanhado os passos – por vezes mais de perto, outras a distância -, de Chico Lucas, esse artesão do conhecimento. Um privilégio ímpar, que me foi concedido por Ceiza Almeida quando a seu convite, me juntei a equipe de pesquisadores no ano de 1978 e nos anos seguintes aos do Grecom. Desde então temos navegado e juntos, atravessado a lagoa do Piató pelas águas do tempo.

Aprendemos todos nós com Ceiza Almeida e Francisco Lucas da Silva que para pensar bem é preciso *conhecer o campo, andando ele todo*. Método semelhante está posto pelo historiador Donald Worster, ao exigir uma ‘reinvenção da história’: se debruçar sobre o tema mais importante do século XXI: a condição ecológica dos seres humanos. Ao persistir nessa cegueira, a história pode tornar-se um saber irrelevante. Worster aconselha aos historiadores a comprarem sapatos apropriados, e a saírem para o trabalho de campo, dispostos a boas caminhadas para a realização de uma história ambiental definida como aquela “que trata do papel e do lugar da natureza na vida humana” (*apud* REGINA H. DUARTE, 2005).

Não é disso que tratam as narrativas dos autores nesse livro-homenagem? Não é dessa matéria que os ensinamentos de Chico

Lucas estão impregnados? É com o pai que Chico Lucas aprende a observar, escutar, sentir, olhar, ler e compreender as intimidades do mundo. Para além da profissão de pescador, Chico Lucas cumpre o que Montaigne sublinha ser um dever geral da humanidade - nos ligar “não apenas aos animais que têm vida e sentimento, nos ligar às próprias árvores e às plantas”.

Chico Lucas persiste e prima pelo uso da oralidade, ao sistematizar uma ‘Gramática expositiva do chão’. Considerado um polo da inteligência ancestral do *sapiens demens* - aprendido através da observação do canto dos pássaros, hipótese provocativa apresentada por Edgar Morin. Embora permaneçamos falantes, nossa cultura escolarizada não reconhece a oralidade com uma ferramenta importante para o processo de aprendizagem!

No universo dos saberes construídos ao longo de seus mais de 70 anos, na "arte de ler e de escrever", Chico Lucas nos confia: “A natureza me disse...”! E lamenta ter sido chamado de chamado de “louco” – como aconteceu em tempos idos com outro Francisco que, como você, considerava todo ser vivo, como irmão. Eis um dos princípios para instauração de uma ecologia da fraternidade. Ouvir e sentir, um saber que se alarga de forma imensurável na arte de cuidar que ensina Chico Lucas. Lembro que nos primeiros meses da pesquisa, na década de oitenta, chegávamos ao Porto Piató sempre no início da tarde. Um eco ressoa na minha lembrança, anunciando uma tensão e recomendação: “Vamos lá gente, vamos apressar... O vento norte está chegando...!” Chico Lucas tornou-se um erudito na arte das previsões dos ventos e do tempo, imprescindível para quem varou inumeráveis madrugadas lançando as redes de molho para pescar.

Creio que mesmo não sendo bióloga de formação reconheço naquela gramática expositiva do chão um protocolo vegetal, disseminado através das pesquisas e publicações. Nelas Chico Lucas, encontra-se enxertado de corpo e alma, alertando-nos: ‘tudo o que a ciência descobriu, a natureza já ensinou há muito tempo! Um inventário das espécies vegetais mais recorrentes dos ecossistemas da Lagoa do Piató está parcialmente consolidado e ao mesmo tempo em processo de ampliação. Assim para além da vegetação nativa, Chico redescobre os onze Baobás no entorno da lagoa. Árvore

sagrada para os africanos, mas tão temida pelo Pequeno Príncipe de Exupéry, os Baobás realimentam e ampliam uma mestiçagem entre os continentes do Brasil e África, e religa Areia Branca, Assú/RN, ao resto do mundo através da Lagoa do Piató. Com o redescobrimto dos Baobás aprendemos outra lição, a de que a história da Lagoa - já contada pelos antigos cronistas em seus desbravamentos topológicos, evocada pelo poeta açuense Elói de Sousa em seus versos, narrada pelos historiadores da academia -, pode e deve sempre recomeçar como anunciada às margens da Fazenda Curralinho: “Ceíça, a história do Piató vai ser contada toda de novo ..?!”

As pesquisas realizadas em Areia Branca Piató, como um microcosmo de complexidades, reiteram a compreensão e concepção de ciência expressada de forma poética pelo Nobel de Química (1970), Ilya Prigogine: a ciência é uma expressão da cultura. Expressão esta representada nos modelos reduzidos dos conhecimentos, saberes, arte, tradição.

Silêncio das pedras é o início das palavras? Perguntou-se um dia o poeta Manoel de Barros. A resposta pode estar nas rochas, na assinatura da natureza - em seu permanente diálogo com a cultura; nos artefatos arqueológicos e fósseis marinhos, recolhidos pelas mãos do poeta da natureza Chico Lucas em suas *andanças pelo campo todos* reunidos na Casa da Memória Chico Lucas num espaço construído em sua homenagem.

Encerro enviando para Conceição Almeida (companheira de copo e de cruz!) e meu querido compadre Chico Lucas, um abraço do tamanho da nossa Lagoa do Piató, nos períodos de suas maiores cheias.

E sabendo que vocês andam ‘passando a limpo seus rascunhos’, lhes ofereço duas epígrafes. A primeira, de Manoel de Barros: “*Privilégio dos ventos: semear as borboletas!*”; a segunda de Felix Guattari: “*O importante é que em toda situação resta – metodologicamente, em princípio – a possibilidade de tentar.*”

Açu, 19 de fevereiro de 2014.

Natal, 04 de maio de 2014.

Sumário

Apresentação	3
Prefácio	5
Sumário	11
Introdução	13
A natureza me disse	23
Leitura do lugar	25
Leitura de si e de seu mundo	27
Leitura da vegetação	34
Leitura da fauna	38
Leitura de fenômenos físicos	41
Leitura da farmácia da natureza	44
Leitura da pesca	46
Geólogo da mata	49
O Piató era mar	64
Golpe de vista	66
O tempo e as rochas	67
Acadêmico da complexidade	69
O passatempo do homem é estudar o dia a dia	71
O ponto primordial para encontrar o acerto	71
Estratégias de leitura da natureza	72
Não se conhece o campo todo em um dia só	73
Biologia ciência ou biologia da natureza?	73
A curiosidade de conhecer	75
A natureza é um corpo vivo	76
Me orgulho de fazer parte do Grecom	77

Poeta do silêncio	81
O sábio e a escola	84
O cachorro filósofo	84
O tejo e a cobra venenosa	84
Saudação à meia porta	85
Pensamentos	85
O pescador e o professor	88
Cartas	90
O homem revisitado	93
E se Chico Lucas fosse à escola?	95
Chico Lucas: o pedagogo da fraternidade ecológica	102
O homem que atravessa o tempo	107
O nome que é próprio de cada um	110
Chico Lucas, pescador polivalente e polifônico	114
O melhor lugar do mundo	116
Lagoa Piató, o meu fio condutor	120
O caminho e as pedras	123
Chico Lucas: a leitura de um retrato	128
Vinte e quatro horas de aula, apontamentos para a vida inteira	130
O cenário e o homem	137
Cenários	139
Gentes	144
As muitas artes do Intelectual da Tradição	160
Antropomorfismo ou a arte de perceber forma e processos humanos na natureza	171
Mapas mentais 173	
Referências	178

Introdução

Maria da Conceição de Almeida

Onde está o conhecimento que perdemos na informação?

Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?

T. S. Eliot

Informação, conhecimento, sabedoria. Essas três palavras são usadas apressadamente como se fossem sinônimas, como se significassem a mesma coisa. Mas é preciso, por um lado, distingui-las; por outro, compreender que da metamorfose da primeira na segunda e da segunda na terceira depende, em grande parte, saber pensar bem para enfrentar e conviver com os problemas e desafios colocados hoje nos níveis locais e globais.

Podemos dispor de **informações** e não construir conhecimento algum. Um computador acumula milhões de informações e dados sobre diversos temas e fenômenos, e nem por isso produz conhecimento. Estocagem de informação não é conhecimento, por isso usamos a expressão ‘banco de dados’. Melhor seria usar a expressão ‘baú de dados’ para nos afastarmos um pouco do sentido da sociedade capitalista, bancária, mercantil. Mas como falamos em banco de dados, o problema é o que fazemos com as informações estocadas. Às vezes não fazemos muita coisa e nos limitamos a anunciá-las em profusão, sem estabelecer nenhuma relação entre elas.

Podemos ser proprietários de um grande banco de dados; ser possuidores de muitas e valiosas informações e, mesmo assim, não construir conhecimento. Os conteúdos transmitidos nas escolas e universidades funcionam muitas vezes assim. São repassados muitos conteúdos, muitas informações, porém os alunos não são instigados a pensar sobre eles. O sistema educacional se torna, assim, um mercado de informações e forma alunos-bancos-de-dados. Mesmo com a cabeça cheia de informações eles não sabem como articular

tantos e tão importantes dados. É nesse sentido que Edgar Morin diz: é melhor ter uma cabeça bem feita do que cheia de informações.

Para conhecer, é preciso selecionar informações, eleger algumas como mais importantes, articulá-las entre si, imputar significados a elas. **Conhecimento** é tratamento de informações. É o resultado de uma ação e de um trabalho - ao mesmo tempo árduo e prazeroso - do pensamento para estabelecer elos entre os dados, observar aproximações e afastamentos, procurar encaixes entre indícios e sinais que reconhecemos como informações sobre um fenômeno, um problema, um tema. Conhecimento é manipulação cognitiva, trabalho artesanal do pensamento, como se o pensamento tivesse mãos para dar forma ao que vemos, ouvimos, sentimos, tocamos, apreciamos. Essa manipulação das informações para construir conhecimento se assemelha ao trabalho do oleiro que, com suas mãos, dá forma ao barro que se torna pote, panela ou telha.

A analogia entre o pensamento e o oleiro permite dizer também que informações e barro são matérias brutas a serem lapidadas pelos dois artesãos – o artesão do pensamento e o artesão do tijolo e da telha. Daí porque podemos ampliar, com justa medida, a compreensão do que seja um intelectual. **Intelectual** não é sinônimo de cientista ou acadêmico. Intelectual é, mais propriamente, aquele que faz da tarefa de transformar informações em conhecimento uma prática sistemática, permanente, cotidiana. É aquele que se esmera em manter viva a curiosidade sobre o mundo à sua volta; aquele que observa as várias faces do mesmo fenômeno, as informações novas, contraditórias e complementares; aquele que apura o olhar; aquele que não se contenta com uma só interpretação, nem se limita a repetir o que já disseram.

O intelectual é aquele que manipula, constantemente a mesma interpretação, inserindo-a num campo maior, observando suas transformações, dialogando com ela, pensando sobre ela em outros contextos próximos e distantes. O intelectual é um artista do pensamento, porque dá forma a um conjunto de dados, aparentemente sem sentido e desconexo. Onde quer que se opere essa complexa arte do pensamento aí está em ação um intelectual. Por isso, podemos falar em **intelectuais da tradição**. Eles são os artistas do pensamento que, distantes dos bancos escolares e universidades,

desenvolvem a arte e um método para ouvir e ler a natureza à sua volta.

E a **sabedoria**? Todos os que transformam informação em conhecimento constroem sabedoria? Não! Sabedoria não é o mesmo que conhecimento. O século 21 tem sido chamado de *século da informação* e fala-se muito hoje em *sociedade do conhecimento*. Isso é um equívoco: todas as sociedades humanas que nos precederam no tempo são sociedades do conhecimento. O conhecimento é a marca da cultura humana. O que distingue o nosso século é que vivemos em meio a um bombardeio de informações, reais e virtuais.

O mundo contemporâneo tem a seu favor o fato de que dispomos de meios para disponibilizar o conhecimento para a sociedade em geral. Mas uma pergunta se impõe: assim como temos a nossa disposição um acervo enorme de informações e conhecimentos temos também um estoque de sabedoria? Pode até ser que sabedoria seja um tipo, uma forma especial ou um determinado modo de ser do conhecimento, mas nem todo conhecimento se expressa ou se expande numa sabedoria. Ela parece ser mais um jeito de viver e sentir do pensamento; uma maneira de falar do mundo que associa simplicidade e sentimento de parentesco com o mundo; uma vontade de verdade, mas também a consciência da incompletude e do erro. Sendo maior, mais plena, mais essencial e duradoura, a sabedoria não se reduz a um conjunto de conhecimentos técnicos e demonstrativos.

A sabedoria é como o lodo que mantém viva uma lagoa; é o que sobrevive em meio à superpopulação das ideias, dos conceitos, das informações, das teorias, das interpretações. Quando dizemos que 'somos um dos fios da teia da vida', quando assumimos para nós próprios a ideia de que vida é uma teia, estamos anunciando e vivendo uma sabedoria, porque as teorias podem mudar, informações novas podem aparecer, mas apesar dessas mudanças podemos continuar dizendo 'a vida é uma teia de muitos fios e nós somos um desses fios'. O conhecimento se transforma, porém a sabedoria se mantém porque fala do essencial e permanente que se desdobra nos fenômenos, no particular, no fugaz, no instantâneo. E também no geral e universal.

Um dos grandes desafios do nosso século é saber ler bem um mundo imerso na incerteza. É saber escolher e tratar informações; é transformar informações em **conhecimento pertinente**, aquele que

está inserido num contexto, como ensina Edgar Morin; é exercitar, aprender e ensinar uma ecologia das ideias e da ação; é compreender sabedorias antigas, que nem por isso estão mortas, porque ainda falam do essencial que permanece; é facilitar a emergência de novas sabedorias. Saber ler bem o mundo de hoje é fazer uso de nossa inteligência geral tão adormecida pelos conhecimentos especializados e pela fragmentação do conhecimento; é remodelar o nosso 'pensamento quadrado' para fazer renascer um pensar 'redondo' ainda tão vivo em algumas culturas, como fala o educador indígena Daniel Munduruku. Saber pensar bem no século 21 é fazer do pensamento uma teia tecida de muitos conhecimentos, compreender o que eles têm de complementar entre si, de essencial.

Para pensar bem é necessário saber ler bem o mundo à nossa volta. Mas existe, no final das contas, uma leitura nota dez? Haverá uma medida, um critério, um método, uma condição de ler perfeitamente os fenômenos do mundo? Não! O conhecimento é sempre parcial e provisório, como mostram as *ciências da complexidade* e o intelectual da tradição Chico Lucas. Entretanto, se não há uma leitura perfeita, absolutamente irretocável e para sempre verdadeira, há, pelo menos, leituras mais próximas e leituras mais distantes do modo de ser das coisas, de sua dinâmica e transformação.

Sem nenhuma pretensão de desmerecer a ciência, e mesmo reconhecendo seus avanços e progressos, é oportuno proceder a uma autocrítica desse modo de conhecer. Uma autocrítica sensata e corajosa da ciência mecanicista inclui pensar uma nova postura em relação a pelo menos duas questões: a excessiva generalização e o distanciamento das linguagens primeiras. Sobre a excessiva generalização, temos caminhado por um caminho promissor. Cada dia mais pesquisas, em várias áreas do conhecimento, demonstram a variabilidade e a diversidade de fenômenos e dinâmicas do mundo vivo e não-vivo. Quanto ao distanciamento das linguagens primeiras, parece que o caminho não alimenta o otimismo e a esperança. E isso porque, regra geral, estamos tão firmados no solo das pesquisas e experiências dos outros; tão e tão fortemente apegados a conceitos e categorias explicativas já consagradas que, de bom grado, substituímos as coisas pelos conceitos, as nossas próprias experiências pelas experiências dos outros.

Em relação às ciências da natureza e da Terra, um tal distanciamento não se resolve unicamente com aulas de campo tão importantes e constantes nos cursos de Geografia, Ecologia e Geologia. Isso porque, com a excessiva urbanização, incluindo a urbanização do conhecimento, fomos aos poucos sendo arrancados da terra e do ecossistema, seja de forma real ou metafórica. Tornamos míopes e surdos diante das linguagens primeiras codificadas pelos animais, plantas, águas, ventos e pedras. Além de não ouvirmos nem compreendermos essas linguagens e, por causa disso mesmo, não percebemos, nas aulas de campo aquilo que Gregory Bateson chamou de “padrão que interliga” as coisas, os fenômenos e os ecossistemas; não fazemos uso abundante de uma *lógica do sensível*, estratégia cognitiva própria de uma *ciência primeira* como sugere Claude Lévi-Strauss.

Bem vistas as coisas, e a partir de uma concepção mais ampliada de conhecimento, que inclui a decodificação de informações pelo domínio do vivo em geral, podemos falar de três níveis de conhecimento. O primeiro, operado por sistemas vivos e seres mais difusamente imersos na natureza: as plantas, os micro-organismos, os insetos etc. Eles recebem e decodificam, à sua maneira, informações sobre situações adversas e situações favoráveis. A partir daí engendram comportamentos em grande parte padronizados, mas também, mesmo que em menor escala, comportamentos novos. Como acontece a um cientista, esses seres também se equivocam, leem errado as informações: esse é o caso, por exemplo, do sapo que lê uma chuva isolada como se fosse o início do inverno, como mostra Chico Lucas. Esse primeiro nível de conhecimento, ou seja, primeiro nível de leitura do mundo, é absolutamente mais próximo da natureza do que a releitura ou sobreleitura que possamos fazer a partir dele. É claro que essa primeira leitura é exponencialmente menos complexa do que a leitura feita por um humano, esse ser da imaginação e da palavra, que cria e multiplica sentidos, duplica a realidade, conta sua história, percebe e corrige os seus erros, projeta futuros. O único ser vivo que diz *Era uma vez...* Mesmo assim, temos que considerar a existência de um primeiro nível ou escala de leitura do mundo anterior à do homem, mais organicamente ligada aos ambientes e expressa pelas linguagens de decodificação de informações nos domínios vegetais e animais.

O segundo e o terceiro níveis de conhecimentos dizem respeito aos saberes propriamente humanos. Um deles, o segundo, opera por meio de uma escala de proximidade maior com o meio ambiente natural: aqui estão as construções de conhecimentos das populações tradicionais, dos intelectuais da tradição, das sabedorias edificadas longe dos bancos escolares e da educação formal. Por conviver com intimidade com outros sistemas leitores do mundo, por desenvolver uma escuta e uma visão apuradas dos fenômenos físicos, do comportamento dos animais e plantas e das dinâmicas climáticas, os intelectuais da tradição parecem perceber com mais facilidade e nitidez a dialógica entre a diversidade da natureza e a unidade do padrão que interliga. O aprimoramento do raciocínio analógico e, em particular, o uso das metáforas permitem uma compreensão mais complexa do que seja o próprio processo de produção de conhecimento na cultura humana, uma vez que reconhece um padrão de anterioridade presente na natureza, tanto quanto homologias e semelhanças. Parece ser disso que fala Chico Lucas quando afirma que “tudo quanto a ciência descobre, a natureza já ensinou há muito tempo”.

A esse respeito, e mesmo não sendo o caso aqui de nos determos sobre a concepção de Werner Heisenberg a respeito da realidade da natureza, uma pequena digressão se faz necessária. Em *A ordenação da realidade* (2009) escrito nos anos quarenta do século 20, argumenta Heisenberg que a natureza é a totalidade de todas as coisas e, como realidade estendida, se desdobra e se distingue por “regiões” e “camadas”. Assim caem por terra as oposições supostamente inconciliáveis entre real e imaginário, material e imaterial, objetivo e subjetivo, fenômenos físicos e simbólicos, ciência e religião entre outras.

Para esse físico esses todos esses fenômenos e seus respectivos conceitos dizem respeito a “regiões particulares” da realidade. E mais. A construção e ordenação da realidade supõem, e tem como condição *sine qua non* o seguinte paradoxo fundador: o sujeito que conhece (ordena a realidade) e a ciência (narrativa de ordenação) são regiões, camadas especializadas da natureza. Daí a recursividade forte contida nas palavras de Niels Bohr: “o homem não é um mero espectador da natureza, mas participa dela” (BOHR, *apud* COSTA e

VIDEIRA, na Apresentação do Manuscrito de 1942 de Heisenberg, p.XI). Uma reabilitação importante e inquietante do papel do sujeito observador se coloca então, antecipando o que Edgar Morin trabalhará com maestria em toda sua obra, quando se atém a “implicação do sujeito no conhecimento”. Estamos diante de uma nova concepção de ciência. “A ciência pode ser concebida como uma ampliação particular da região da realidade que pode ser apreendida com os meios de entendimento da linguagem e da escrita” (HEISENBERG, 2009, p. 127).

Essa digressão permite compreender o que estamos ordenando como sendo três patamares do processo de compreensão da realidade.

O terceiro nível de conhecimento se realiza por meio de uma escala de afastamento maior em relação às coisas pretende conhecer, das quais fala, às quais imputa sentido e edifica interpretações. Esse nível diz respeito ao conhecimento científico, à ciência. As pesquisas de laboratório com ratos, a simulação de ambientes naturais para observar o comportamento social e sexual dos saguis, tanto quanto dezenas de outras experiências programadas e controladas nas áreas da Zoologia, Botânica e Etologia demonstram, talvez, o esforço da ciência para minimizar seu déficit em relação a uma leitura mais próxima do laboratório natural da vida e do mundo. Orientada pelo afastamento dos fenômenos *in vivo*, a ciência se aprisiona, parcialmente, os fenômenos em uma rede de informações cristalizadas e distorcidas, por forças de categorias e métodos dissonantes com a dinâmica das transformações da natureza.

Esses dois últimos níveis de conhecimento do mundo, exemplificados pelo conhecimento científico e pelos saberes da tradição, não correspondem a níveis superiores e inferiores de conhecer. Eles expressam mais propriamente graus e escalas de afastamento da leitura do mundo. Nas palavras de Lévi-Strauss, esses dois modos de conhecer operam por estratégias distintas: um próximo da lógica do sensível, outro afastado dessa lógica. Os dois, no entanto, demonstram igualmente a universalidade do pensamento humano que, diante das coisas, articula sempre as mesmas operações do pensamento que emergem ao longo da história da nossa espécie. É assim que todos os homens pensam o mundo por meio das mesmas habilidades

de identificar, distinguir, relacionar, hierarquizar, opor, construir conjuntos significantes.

Fazer dialogar essas duas estratégias de pensar a natureza (que inclui o próprio homem) reduz a escala de distanciamento da ciência em relação aos fenômenos; permite exercitar uma escuta mais apurada de outras linguagens que não se reduzem à linguagem das palavras; ajuda a reorganizar em patamares mais complexos os conhecimentos dos quais dispomos para pensar melhor os múltiplos cenários interconectados do mundo contemporâneo e seus desafios.

O diálogo e a complementaridade entre saberes acadêmicos e saberes da tradição facilita uma ecologia das ideias e da ação. Trata-se mesmo de uma política do pensamento na contramão da monocultura da mente, como quer Vandana Shiva. Mesmo que os intelectuais acadêmicos e os intelectuais da tradição pensem por estratégias distintas, mesmo que compreendam um mesmo fenômeno de forma diferente e, por isso mesmo, precisamos fazer dialogar saberes distintos e procurar os campos de vizinhança entre esses modos de conhecer. Nas palavras de Chico Lucas, falar de nossas interpretações divergentes ou opostas é importante, porque “tudo é ganho em conhecimento”.

Escrever a introdução de um livro sem trazer para a cena o personagem-escritor seria o mesmo que jogar a rede numa lagoa artificial e sem peixe. O autor de *Um sábio na natureza* é um intelectual portador de uma inteligência, de uma curiosidade e de um método de fazer inveja a qualquer cientista que tenha a incerteza como princípio. Chico Lucas é um intelectual imerso na natureza; é uma camada, uma região complexa da natureza estendida da qual tanto fala com um amor contagiante. Capaz de tocar sete instrumentos, como se tivesse frequentado um conservatório de música, ele parece mais uma orquestra inteira. Com a mesma destreza que usa de uma força física enorme para descolar das margens da lagoa seu barco cheio de gente, ele constrói argumentos e interpretações que expressam a beleza de um pensamento cuidadoso, desafiador, crítico, atento e muito vivo. Para Chico, tudo o que ele sabe tem por origem os ensinamentos do seu pai e da sua mãe. Mas ele reconhece também que o que tem construído de novo se deve à sua curiosidade e, sobretudo, à escuta atenta dos sinais e linguagens das plantas, dos animais, das rochas, das nuvens.

Ao final dessa introdução faço duas confissões.

Primeira: entre os alimentos intelectuais-afetivos que mantêm vivo, em mim, o sonho de educar para um mundo onde todos sejam um pouco mais felizes, está Francisco Lucas da Silva. Para expressar isso faço minhas as palavras de Teresa Vergani em um dos seus livros, se referindo ao Sol, e que aqui dirijo a você, amigo Chico Lucas: “Acredito que suas centelhas, tão incandescentes quanto perturbadoras, poderão vivificar hoje o terreno humano onde se geram as referências do nosso pensar e os rumos do nosso querer, a renovação do nosso sentir ou dos nossos cotidianos modos de fazer” (VERGANI, 1995).

A segunda confissão decorre da primeira. Gosto do que faço. Gosto da academia, da universidade, da pesquisa, de compartilhar com alunos e orientandos um pouco do que sei. Mas devo dizer que uma divisão de águas aconteceu na minha vida. Isso foi em 1986, quando coloquei meus pés pela primeira vez na Lagoa do Piató e conheci Chico Lucas, o autor desse livro. Agora presencio e sinto a mudança do sol nos dias 20 de março e 20 de setembro com o coração, e não somente com o que aprendi nos livros.

E, porque Chico Lucas é como um sol escaldante em minha vida intelectual, assinar a introdução desse livro equivale a um presente que a vida me ofereceu.

Natal, 1º de maio de 2014

 Capítulo 1 

A natureza me disse

Francisco Lucas da Silva

Leitura do lugar

A história da Lagoa do Piató é uma história mestiça (negros e índios no início). E porque tem, também, tanta gente muito branca aqui na Lagoa? Eu, por exemplo, quando era criança era chamado de “americano”. Justamente por causa da invasão dos holandeses, expulsando os índios da nossa região. No nosso vale tinha uma grande população de índios quando os holandeses chegaram aqui. Eles se dividiram: foi esse senhor chamado Zumbinha lá pra Lagoa do Piató, veio outro Fulano de Tal também, mas ele se situou aqui no Assu. Ainda hoje tem a comunidade de Casa Forte. Esse senhor de engenho, acho que foi o que veio primeiro para o Pernambuco. Tinha influência (competição) entre eles, inclusive na época houve um fogo cerrado dos índios com os holandeses, escravos e tudo.

Quem eram os escravos? Justamente eram os que pegavam no bacamarte dos holandeses para brigar com os índios. Quer dizer, os próprios negros eram os soldados dos senhores para brigar com os índios, para expulsar os índios com os holandeses. Foi assim aqui no Assu. Senhores para brigar com os índios, para expulsar os índios. Eles fugiram todos daqui: os índios caiapós, pataxós e tapuia eram daqui da nossa região. E para comprovar tudo isso, têm as comunidades com nomes indígenas. Tem propriedade que se chama Tapuia, por quê? Tinha tribo tapuia aqui. Outra se chama Pataxó. Em Pataxó, aquela comunidade do outro lado do rio Assu, ali era uma comunidade de índio pataxó e caiapó.

O nome Piató é indígena, se refere a tudo isso. E daí começou. Quer dizer, como veio muita gente branca, esses holandeses, esses “puros-sangues” justamente fizeram a mestiçagem com o negro e com o índio. Aquelas caboclas bonitas que eles pegavam e queriam ficar com elas, ficaram para produzir com os índios. Eles pegavam, também, as caboclas. Os senhores de engenho mandavam pegar as caboclas e ficavam com elas. E daí partiu a mestiçagem. Por isso é que existe muito negro por aqui, pela região, na várzea, ali na comunidade de Martins – que é município de Assu, bem próximo daqui. Dali da ponta do sangrador da lagoa pra lá é uma légua. Lá é só negro. Tem

mais negro ali do que na Bela Vista Piató. A comunidade de Bela Vista Piató também foi um quilombo, justamente quando houve a libertação dos escravos.

Dizem que quem primeiro libertou os escravos foi a cidade Mossoró, mas não foi, foi o município Assu. Foi a baronesa. A baronesa deu a carta de alforria logo (primeiro) aos escravos da fazenda dela, e Mossoró deu depois. Tem, ainda hoje, um casarão aqui no Assu que era da baronesa. Ela deu um jantar a todos os escravos no dia da alforria. Ali naquela Casa da Cultura que tem aqui no Assu foi onde ela assinou a carta de alforria dos escravos, e primeiro do que Mossoró.

Leitura de si e de seu mundo

Sou Francisco Lucas da Silva, conhecido como Chico Lucas. Meus pais, Manoel Lucas da Silva e Maria Cesária da Silva, conhecida como Maria Lucas da Silva. Nasci no dia 17 de julho de 1942, em Areia Branca – Piató, no município de Assu, Rio Grande do Norte, e permaneço aqui até hoje.

Na década de 1950, que foi uma década de seca, meu pai achou por bem procurar por dias melhores e, aos onze anos de idade, em 1953 a gente foi para o Ceará e moramos três anos no Distrito de Feiticeiro. Quando chegamos lá papai arrumou logo uma vazante no açude e plantou muito arroz, rama de batata e arrumou uma pescaria pra Zé, meu irmão, e fomos tocando a vida. A gente morava vizinho a um sapateiro, era um sapateiro mesmo, que fazia sapato de sola. Aí arrumei logo um trabalho com ele. O cara fazia aqueles sapatos de vaqueta de couro e tinha que engraxar, e eu comecei a dar polimento nos sapatos. Por conta disso, ele deu as contas ao polidor que engraxava antes e eu fiquei trabalhando como **engraxate**. Além desse trabalho na sapataria, trabalhei também numa padaria. Tinha uma **padaria** que o dono pagava para botar água na padaria, pegando do açude com um galão de água. Na época não tinha água encanada em canto nenhum, nem nas capitais. A água era carregada em carroça, em carro de boi, aí eu arrumei com o dono da padaria para toda tarde ir lá botar água. Trabalhava na sapataria de manhã, e de tarde na padaria, botando também aquelas massas nas assadeiras para assar no forno.

Em 1956 a gente veio de volta para o mesmo canto, para a mesma comunidade, morar na mesma casa. Em 1964, aos 22 anos, me casei com D. Maria – Maria Auxiliadora Paiva da Silva – que conheci em 1960 quando José Constantino, que era um comerciante da cidade de Assu, encontrou a propriedade dos herdeiros do Vermelho e procurou um vaqueiro. Esse vaqueiro veio morar em Alto Rodrigues e terminou sendo meu sogro. Foi assim que eu conheci Dona Maria.

Desde que me casei morei em três casas. Morei primeiro numa casinha de taipa que foi desocupada na fazenda onde meu sogro era

vaqueiro. Minha família foi crescendo e tive que construir outra casa. Fiz uma casinha de taipa maior. E a família continuou crescendo. Eu tive que fazer essa casa que moro hoje, uma casa com 21 metros de comprimento para poder caber eu, Maria e os treze filhos: João Batista da Silva; Manoel Neto; José Wilson; Antônia Auxiliadora; Antônio Nazareno; Francisco de Assis; Vicente Paulo; Luís Carlos; Maria da Conceição; Maria de Fátima; Marcos Antônio; Maria Lúcia (Mara) e Maria Márcia.

Quando eu era criança, fiquei muito frustrado porque tinha uma curiosidade grande para aprender, mas a gente precisou trabalhar para sobreviver e freqüentei a escola pouco tempo. No inverno, a gente trabalhava no roçado e, no verão, a gente ia ganhar dinheiro para sobreviver.

Meu pai, vendo que eu tinha muita vontade de aprender, comprou uma cartilha de ABC e ensinou o alfabeto. Com ele é que me viro até hoje. Foi a escola que eu tive. As contas também aprendi com meu pai. Ele tinha um pequeno comércio e fazia contas. Eu aprendi as contas que ele fazia. Ele era bom de matemática.

Tudo o que ele sabia me ensinou como a conta de **cubação**. Os trabalhadores chegavam com as empleitas e entregavam aquelas tarefas para meu pai cubar. Eu, ligeiramente, quando meu pai fazia aquela cubação, já ia pegar aquelas medidas e fazia as contas que meu pai fazia. Entregava a ele e dizia: “Ó, papai, veja se tá certo!”.

A minha primeira atividade foi cunhar uma enxada aos sete anos de idade, porque eu trabalhava mais meu pai na **agricultura**. Meu pai não era pescador, era só agricultor, era um homem totalmente do campo.

Depois de 1960 a lagoa todos os anos passou a tomar água e ter muito peixe, e aí foi que eu me agreguei à **pescaria**. Depois, veio o lado da **carpintaria** e da **construção de canoas**, e foi assim. Foi uma coisa que foi o tempo que me ensinou. Com as necessidades que eu tinha aconteceu o seguinte: 1960 foi um bom inverno, a lagoa ficou com muito peixe e eu com vontade de pescar. Aí pensei: “Vou fazer uma canoa”. Fui para Assu, comprei o material de construir a canoa, trouxe um carpinteiro da cidade aí ele construiu uma canoa. Só que essa canoa que ele construiu, por ironia do destino, uma tábua

entortou e a outra ficou reta, não era a embarcação que eu queria. Aí eu desmanchei essa canoa, fui para a cidade, comprei mais duas tábuas e fiz uma canoa. E foi a melhor canoa que eu já fabriquei em minha vida, com a ansiedade que eu tinha de fazer aquela canoa sem ter com que fazer, mas ficou uma beleza. Essa canoa eu só tive o prazer de possuir uma semana. Um senhor daqui da comunidade, que era leiteiro e precisava de uma canoa para atravessar com o leite para a cidade, me comprou a canoa e com essa canoa eu comecei a ser fabricante de canoa, eu fabriquei uma para mim e aí pronto: Chico Lucas, o fabricante de canoa da região.

Depois eu precisei de um barco motorizado e não encontrei na região quem fizesse e eu fiz. Eu construí o meu barco e ninguém me ensinou. Não tinha quem me orientasse a fazer acoplamento de motor e eu fiz dentro da necessidade e da visão que eu tinha. Quer dizer, eu aprendi com as minhas necessidades, com a minha visão. Até hoje, dentro dos meus trabalhos, não devo homenagem a ninguém. O Meu Eu foi o meu professor.

Para construir barco, eu acho que fui me preparando desde criança. Quando eu era menino, o barco eu fazia de tábua, de compensado, de caixão de charuto, de tudo no mundo eu inventava um barco. Eu não sei da soma, mas já completei mais de mil canoas. E barco motorizado, até agora eu já construí onze.

Também fiz outras coisas com a madeira. Como carpinteiro, em 1956, com 14 anos, fiz uma **prensa de queijo**. Eu me lembro como se fosse hoje. Chico Leite foi trabalhar no fuso da prensa e fez o cilindro para cortar a rosca. Eu, muito curioso, gostava muito de ver carpinteiro trabalhar, parecia que era aquilo que eu queria. Chico Leite começou a cortar e eu disse para José Mago: “José Mago, o fuso que Chico Leite está fazendo ele vai botar a perder”. Chico Leite riu e continuou trabalhando. José Mago foi olhar o serviço e disse: “Chico Leite, não continue mais o serviço. O menino tem razão”. Daí, José Mago foi buscar um pau-d’arco lá no Currálinho. Meu tio veio com uma carroça, com uma junta de boi, para buscar esse pau-d’arco lá no Currálinho. Foi uma luta! Um bocado de homens trouxe o pau na leva até o ponto da carroça. Trouxeram o pau e José Mago disse: “Quem vai fazer o fuso é você”. Eu respondi: “José, eu não posso fazer

esse fuso. Eu não tenho ferramenta”. Ele disse: “Eu tenho. Eu trago a ferramenta”. Trouxe a ferramenta. Eu disse: “O senhor faça o cilindro, e eu garanto ao senhor que eu risco e o senhor corta”. E assim nós fizemos. Foi daí que começou minha experiência de prensa. Não sinto dificuldade para fazer o furo de prensa por conta disso, porque aprendi sem fazer, vendo pelo erro do mestre que estava fazendo. Daí já fiz muitas prensas. Prensa queijeira eu já fiz umas nove. E duas de cera de carnaúba. Uma vez fiz, também de madeira, um **ex-voto**. E já botei coronha em espingarda.

Tenho um lado construtor de casa. Eu trabalho na parte **hidráulica**, na parte de energia. Conforme o que eu preciso fazer, eu não boto ninguém para fazer, eu mesmo é que faço. Sou o **arquiteto**, o **engenheiro**, o **pedreiro**, o **eletricista** e o **encanador**.

Já fui até **costureiro**. Isso aconteceu quando Dona Maria passava o dia trabalhando, ensinando, e à noite precisava trabalhar na papelada da escola, dos alunos. Eu tinha comprado um tecido, chamado mescla, para fazer roupas grosseiras para trabalhar, umas camisas com manga comprida. Dona Maria ganhou um nenê. As pessoas que podiam me ajudar eram as meninas, irmãs de D. Maria, mas eram meninas do campo e passavam o dia na colheita de milho, do feijão, do algodão. Uma determinada noite, eu me decidi, porque eu estava precisando de uma camisa para trabalhar. À noite, eu cortei a camisa por outra camisa. Fiz o molde por outra camisa. Costurei e fiz a camisa. Eu acho que foi a mais perfeita que eu usei porque ela não ficou me pegando e não ficou retorcida em canto nenhum. Ficou sob medida! Fiz a calça também.

Sobre **ecologia**, eu sempre fui ligado às previsões de chuva e de seca. Isso eu aprendi com o meu pai. Ele era um agricultor e sempre prestava atenção na natureza. A minha vivência foi no trabalho com ele, e eu toda vida tive a curiosidade de perguntar as coisas a ele. Quando tinha o formigueiro, e a gente estava trabalhando numa vazante, na pegada do inverno, e o formigueiro se retirava, ele dizia: “Vai chover. Eu vou parar o trabalho da vazante porque o inverno vai pegar”. Porque a formiga que morava na beira d’água saía para o tabuleiro. Quer dizer, são essas coisas que eu prestei atenção e elas são, durante o tempo que eu venho observando, corretíssimas.

Ninguém pode dizer que não é verdade, porque é verdade. É tanto que, quando eu estou trabalhando numa vazante, e vejo a formiga se retirar para o tabuleiro, eu já paro a vazante porque tenho certeza que o inverno vai pegar, e aquele trabalho que a gente vai fazer na vazante é inútil. São essas coisas que eu presto atenção, que pouca gente observa isso, e que passa de pai para filho.

Com a idade que eu tenho, levei um tempo para observar as coisas, estudar o que eu via, mas isso foi o que eu estudei. O meu pai, nas bocas de noite, nessas noites de escuro na época de dezembro, que dava muito bem pra gente ver o carreiro, ele olhava e dizia: “É, meu filho, em janeiro não vai chover porque o carreiro não está imitando”. São essas coisas que a gente grava e presta atenção. Então, quando vai aparecer chuva, que o tempo vai mudar, o carreiro me diz que faz parte da natureza. São essas coisas que a gente observa e que não estão na metodologia. Os cientistas não olham para isso, eles estudam por outra maneira. Eu estudo diferente, estudo observando a natureza. Mas é preciso saber ler a natureza.

Veja como fica essa coisa da natureza com tantas transformações. Ela vai dar informação errada e isso é que eu acho a maldade do sistema. Por exemplo, nas primeiras chuvas, o sapo pensa que é inverno. Ele não sabe o que é março, abril. Ele não sabe que a carnaúba foi tirada, que não vai ter precipitação, portanto não vai ter regularidade. Ele não sabe do tempo cronológico da gente, do mês, do calendário gregoriano, ele não sabe nada disso. A informação que o sapo consegue receber é: “Choveu, ôpa! Chuva, então, já é época de procriação!”. Só que foi uma informação equivocada, pois quando mexeram com um elemento ou dois, ou três do ecossistema a coisa não ficou duradoura. Então, se a informação vem simulada, isso pode inclusive comprometer a espécie: porque eles não podem mais se reproduzir. Porque o saber dele, o eu dele do conhecimento é o clima. Eu diria que ele está codificando e não está tratando.

Medicina. Com relação aos remédios da natureza, meu aprendizado foi dos remédios que a minha mãe passava para a gente. Todos os anos ela tinha por obrigação mandar papai arranjar *batata-de-purga* e a gente todos os anos tinha que tomar aquele purgante, porque na época do inverno vinha aquela virose de febre, de gripe,

dor de barriga, e lá em casa não existia isso, porque a gente tinha que tomar aquele purgante de batata-de-purga pra ficar curado. E eu descobri na batata-de-purga um remédio que serve pra tudo.

Já fui até **parteiro** de animais. Eu acompanhava os vaqueiros que faziam parto de vaca. E aí é preciso a gente saber o que a gente vai fazer. Eu nunca encontrei dificuldade. Quando tem uma vaca para parir, que aquele bezerro não nasce, é porque ele vem com a parte traseira que é a parte mais difícil de passar, ou ele vem com as mãos pra frente, aí bota só uma e a outra pra trás, ou ele do contrário dobra o pescoço. Então é preciso a gente localizar e tirar o bezerro. Uma vez eu estava doente de uma das mãos e o compadre Mariano, que também faz parto de vaca, encontrou uma vaca no mato que já tinha passado do ponto de parir. A vaca era de Jaime, da outra fazenda, então eu disse que ele trouxesse um veterinário pra fazer o parto da vaca porque o bezerro já tinha morrido e ele não tinha conseguido tirar. O veterinário veio, muito novinho, sem experiência, e lutou, lutou pra tirar esse bezerro com uma corda pra ver se pegava, pra amarrar dentro o bezerro. Aí eu vim em casa e levei uma corda de seda que eu tinha, bem fininha, e mandei ele amarrar no queixo do bezerro e dei a laçada, pra quando ele colocasse e puxasse, a laçada amarrar. Aí ele conseguiu tirar o bezerro.

Cosmologia. Quando eu era pequeno, papai mostrava o céu pra gente nas bocas de noite e dizia: “Olhe, aquele é planeta tal, aquele é planeta tal, aquele é planeta tal...” A estrela Dalva passa nove meses, ela tem um ciclo de nove meses no nascente e no poente. Eu conheço pessoas que dizem que ela passa nove meses no nascente e seis no poente. Não é nada disso, o percurso dela é nove meses em um e nove no outro. Quando ela está no nascente e atrasa, que passa do Sol, aí ela passa três meses para aparecer no poente, entende? Porque ela fica andando no movimento do Sol, por isso que demora pra gente ver. Mas a estação dela é a mesma. E a questão do Sol? Dele passar seis meses no polo sul e seis meses no polo norte? Justamente era o que meu pai dizia: “Olha, no dia 20 de março o Sol está caindo na linha do Equador”. Ele tinha um livro que falava que o Sol passava seis meses no polo norte e seis meses no polo sul, e no dia 20 de março ele cai no centro do Equador e no dia 20 de setembro, novamente.

Porque ele passa três meses subindo e três meses para cair na linha do Equador. São essas coisas que o meu pai passava pra mim, que depois eu comecei a refletir. O que eu sei hoje, devo ao meu pai, porque ele era uma pessoa altamente inteligente, que naquela época não teve estudo.

Avaliando a vida. Eu me sinto realizado com o meu trabalho. Eu moro aqui e tenho tudo isso para ouvir: o cantar do galo, o berro da ovelha, o mugir da vaca, o relinchar do jumento, o latido do cachorro.... Eu adoro isso aqui. Por isso eu digo a vocês: pra mim, aqui é o lugar, é um pedacinho do céu, é o lugar melhor do mundo, pra mim, pra minha vivência do que já vivi até hoje. Estou com 65 anos e tenho aquele pique do trabalho do dia-a-dia. Amanheço o dia, muitas das vezes, enfadado pela mudança de atividade. Você sabe que com uma mudança de trabalho o corpo da gente enfada, mesmo quando a gente é jovem. O trabalho do dia-a-dia, não. É um trabalho corriqueiro e que você já tem aquela pista. Mas, quando você muda, o seu corpo vai pegar outro pique de física, aí aquele trabalho enfada. Mas eu, com 65 anos, o trabalho do dia-a-dia não me enfada. Eu sinto vontade de trabalhar depois da meia-noite. Depois do cantar do galo, eu já começo a pensar no trabalho daquele dia-a-dia. Quer dizer, isso pra mim é maravilhoso. O meu ritmo é esse e será até morrer. Eu acho que se Deus me der 80, 90 anos, eu vou viver com aquele pique de pilotar barco e virar o motor!

Leitura da vegetação

Catingueira – Quando a catingueira está esperando um bom inverno, ela chora uma resina do caule dela mesmo.

Palmatória – Quando o ano é mau de inverno, você chega num partido (área delimitada de plantio) de palmatória e dificilmente vê uma fruta.

Baobá – A folha do baobá tem cinco pontas que representam as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Segundo os historiadores, é a árvore de sofrimento, até porque a região nativa dela é o deserto do Saara. Ela captura água para as pessoas que andam no deserto morrendo de sede. Eles furam um buraco no tronco dela e aquele buraco forma uma bacia, e aquela bacia enche d'água como se fosse água mineral. Por isso é que a chamam de árvore sagrada.

Categorias de plantas – As categorias de plantas são agrupadas conforme o tipo de ambiente em que vivem. Na caatinga tem mais a jurema, a catingueira, o pereiro. Na chapada, você encontra mais o marmeleiro, o mufumbo, a catingueira, a catanduva, a aroeira.

Juazeiro, Pereiro, Cumaru – São plantas que se revestem na caatinga sem receber água, porque a natureza oferece um ciclo de oxigênio para elas se revestirem, para quando chegar a chuva elas estarem prontas para vagar, para produzir a sua semente. O problema é que o homem faz a devastação e a terra fica totalmente raleada, queimada. Isso faz com que a outra planta que iria se reproduzir, como o juazeiro, o pereiro, o cumaru, essas plantas que se revestem antes do inverno pegar, morram. Estão morrendo porque o solo está desprotegido e elas estão recebendo muita quentura no caule e não dá para reagir. Acredito que essas plantas que se revestem fornecem um tipo de gás que contribui para as nuvens e para a atmosfera da Terra.

Carnaúba – Os pés de carnaúba macho e fêmea são diferentes entre si, dada uma certa característica: o tronco da fêmea tem suas frestas viradas para a esquerda, enquanto no macho elas são viradas para a direita. Elas se reproduzem principalmente por estarem muito

próximas. O vento, os pássaros e as abelhas também ajudam, fazem a fecundação. Quando ela nasce, forma o caule para cima. Às vezes, por causa da erosão e da enchente da lagoa, a raiz apodrece dentro d'água, ela arreia, mas não morre. Ela procura se defender, ela quer viver! Ela está torta daquele jeito, mas procura sempre a linha do Sol!

Cana-de-açúcar – Nós temos aqui na nossa região a nossa cana-de-açúcar. Como nosso solo do agreste é muito fértil, não usamos muito adubo, nem tampouco agrotóxico. As pragas não gostam da folha da cana. Ela é uma planta altamente rica em açúcar, mas a folha dela é sugada, não tem nutriente até para o próprio inseto. É riquíssima! Da cana-de-açúcar você faz o mel, o açúcar e a rapadura.

Feijão Macaça – Macaça é um nome indígena. O índio encontrou a semente dele na mata e deu o nome de macaça. Contam que foi porque ele foi caçar e não matou nenhuma caça. Encontrou aquele pé-de-feijão bem vargeado, apanhou aquelas vagens de feijão, chegou em casa, debulhou e botou no fogo. Quando foi na hora do almoço, só tinha aquele feijão. Aí a mulher disse: “Fulano, venha comer! A má caça já está pronta!”. Porque ele não encontrou uma caça de verdade.

Vive-morre – É uma planta que é e não é tóxica. Ela não é tóxica para o gado que está acostumado com ela e sim para o animal que não está acostumado. O animal da região come ela e não tem nada. Mas na várzea não tem esse mato, então os animais de lá que chegam onde tem a planta, um cavalo por exemplo, ele passa a noite pastando dentro do cercado. Se a gente botar a sela e for viajar, campear, é sujeito a ele ter um ataque cardíaco e morrer na hora. Ele não está acostumado. A planta é tóxica, aí ataca o coração dele e ele morre na hora. Agora, os animais da região, não. Já estão acostumados.

Floração e chuva – Tem várias plantas, umas floram para chover e outras floram após o inverno. É preciso você prestar atenção a essas mudanças. O **pereiro** florou, eu já estou sabendo que é um bom inverno. A **jurema** florou após o inverno, já estou sabendo que o inverno acabou. Quer dizer, a jurema me disse que ela florou hoje e que agora avante é verão, não vai chover.

Jaramataia – Quando a jaramataia nasce no mangue de água doce, isso me diz que é para a croa não se decompor, pois ela entrelaça toda essa croa de raiz. Esse intrelaço das raízes acontece na

vertical do baixio. Parece que ela já nasce com o intuito de ajudar, de conservar a própria natureza. A semente dela só nasce em baixio de enchente. Ela não nasce no molhado do tabuleiro, ou seja, só nasce no molhado em que outra semente apodrece. Quer dizer, ela precisa do baixio bem molhado para ela fermentar e nascer.

Espinheiro-de-bode – Espinheiro-de-bode por quê? Porque ele tem uma vagem que quando abre solta uma semente, e o bode vem e come. A casca dele serve para tinturação, porque dá uma gosma muito forte que antigamente era usada na tinturação da linha de algodão, usada pra fazer rede, para não apodrecer.

Espinheiro-de-bode, Juazeiro, Trapiá e Feijão-bravo – São vegetações que enramam sem chover. Quando o inverno chegar, como a vagem é dura, a natureza se encarrega de molhar a vagem para ela abrir e soltar a semente.

Feijão-bravo – Quando o feijão-bravo macheia a carga, o ano é mau. Quando o feijão-bravo segura a carga dele 100% é um ano bom de inverno.

Macambira – Ela tem duas utilidades: na comida, serve de ração para o gado e para o ser humano. Tira-se o miolo da cabeça da macambira, bota para secar, faz a farinha e a goma do beiju. A outra utilidade é a corda da macambira, que é uma imbirá mais fraca que a do agave. Os índios usavam para várias coisas, para fazer esteiras, cobertores e para cobrir a casa.

Juazeiro – No final do ano, se ao meio-dia garoar, é claro e evidente que o inverno está próximo. Quando ele está bem enramado, por volta de dezembro e a gente chega na sombra dele de doze horas do dia, a gente sente que ele está garoando. É sinal de bom inverno. Agora, o juazeiro não está mais enramando em dezembro, por quê? Por conta da mudança climática que houve. O lençol freático não está contribuindo para que a raiz dele capture aquela água.

Piquiá – É uma madeira naval. Ela não é uma madeira de construção de casa, porque pela temperatura ela quer água. Sem a água ela empena, e dentro d'água ela não apodrece, ela tem durabilidade.

Pereiro – É muito sensível aos anos secos. Ele só toma carga num ano bom de inverno, quando solta muita semente. A semente

do pereiro tem um algodãozinho, uma pluma que o vento leva a distância. É por isso que aqui no nosso terreno a mata nativa tem muito pereiro. É uma árvore que demora muito a fornecer madeira para construção. A estaca demora 50 anos para chegar à espessura de 1 litro, num diâmetro de 10 cm.

Jurema – É uma árvore que suporta a seca e, com um ano bom de inverno, ela reage. Com cinco ou seis anos você corta um partido de jurema, e com mais cinco ou seis anos aquele cipó que ficou dá madeira novamente. É a madeira mais procurada aqui na nossa região por ser a mais rápida no crescimento.

Leitura da fauna

Curimatã – A experiência do pescador, para saber se vai chover, é a curimatã ovar. No ano que é mau, ela só ova, aqui acolá, uma. E só de um lado. No ano que ela está esperando uma enchente grande, então ela ova os dois lados. As duas laterais dela ficam bem ovadinhas. A mesma coisa acontece com o peixe **coró**.

Gado – Na época do inverno, quando começam as chuvas, mas pára de chover dois ou três dias, observamos o gado. Pela manhã, vamos buscar o gado no cercado. O gado está malhado, com a frente para o poente – quer dizer, dando os quartos para a chuva. Quando ele se levanta, ele tem um modo de dar com os quartos, ficar patinando. Aí a gente diz: “Hoje vai chover!”, e é certo. Pode esperar que duas, três horas da tarde, a chuva está caindo.

Três coco – Três coco é uma espécie de codornazinha. Quando pegam um bom inverno, eles ficam só no baixio. Quando é de manhãzinha, ele empurra o grito: "três coco, três coco". Aí a gente fica logo animado, quando ele começa a cantar. Isso é sinal de que já está bem pertinho de chover.

Gata – Se no mês de janeiro a gata der cria e comer os gatos, seus filhos, é uma seca de fazer medo.

Borboleta – Quando termina a reprodução dela, que ela botou o ovo, o ovo se transforma em lagarta que se encanta formando um casulo que apita as doze horas do dia como se fosse uma cigarra. Quando é época de procriação, elas começam a assobiar para ter o contato entre o macho e a fêmea. Elas começam a assobiar, um assobio fino. Elas fazem isso para a procriação. Elas vão tendo aquele contato, vão tendo aquele contato para se reencontrar. Aí, quando é a pegada do inverno, o casulo rompe, se desencanta e vira borboleta. A lagarta que tem ali dentro estoura, ela mesma fura aquele burquinho, cria asas e voa. Elas saem, se encontram, fazem o acasalamento.

Tatu – Essa observação é feita no mês de dezembro: se a gente for caçar para pegar tatu e a fêmea tiver apenas com dois ou três tatus, o inverno vai ser um invernozinho fraco. Se a gente pega ela com quatro tatus, aí é um inverno forte.

Aruá-da-serra – Quando ele está prevendo um bom inverno, ele se trepa naqueles matos, naquele velame, para desovar. Ele trepa tanto que arreia os galhos do velame. Quando o ano não é bom, ele não faz isso: você chega num pé de velame, você vê um aruá por acaso.

Sapo – Quando o sapo cocoreja, esturra, parece que o macho avisa para a fêmea que a fecundação está próxima. Eles só esturram quando está próximo de chover.

Fura-barreira – É um pássaro agoureiro, só sai depois que chove. Ele põe no chão e só se reproduz quando a terra está molhada. Como só faz o buraco em barreira, ele fica na expectativa esperando que chova. Quando ele está esperando para pôr e o inverno não dá trégua, o que é que ele faz? Ele não cava o ninho no pé da barreira, e sim no pico da barreira, e aí quando a gente vê ele cavar o buraco alto é porque não vai ter verão, vai chover todo dia.

Tetéu – Durante o dia, eles fazem a imigração, caçando alimentos. À noitinha, regressam para um campo seco, onde tem um campo limpo. Quando passa uma pessoa, uma raposa ou outro bicho, eles fazem aquela gritaria para se defender, que não é para dormir, mas para ninguém se aproximar deles.

Formiga (1) – Ela faz uma barragem quando está esperando chuva. É para a água da chuva não correr para dentro da casa dela. No verão, ela faz a morada dela, mas não faz essa barragem em volta. Na barragem tem até um desnível para a água da chuva não entupir a morada dela. É mais inteligente que aquele pessoal da periferia que mora na beira do rio, lá em Natal. Eles constroem aquelas casas, mas se fosse a formiga, não construía, pois sabia que o rio ia e carregava.

Formiga (2) – Quando está esperando enchente, mesmo no período chuvoso, começa a sair e fica fora da bacia da lagoa.

Formiga (3) – A formiga de roça, prevendo inverno, joga fora todo o bagaço e vai buscar folha para fazer o colchão lá na morada, porque a oca dela é muito grande! Ela faz uma oca de 10 a 20 metros abaixo do chão. Ela tira toda aquela bagaceira para fora e, no inverno, ela bota folha nova para, justamente, ter aquele gás para se aquecer no período chuvoso. Em pleno sertão nordestino, quando a gente vê um fenômeno desse, é claro e evidente que é sinal de um bom inverno.

Preá – Quando está esperando uma seca, ele se castra, o macho se castra.

Tejo – Quando está esperando uma seca muito grande, ele come o próprio rabo.

Galinha – Quando às três horas da manhã ela desce do poleiro e vai para o terreiro, dificilmente dá um ano bom de inverno. Ela fica o dia comendo semente no tabuleiro, caçando recurso, e só sobe para o poleiro às 6h30, 7 horas da noite. Quando ela está esperando um bom inverno, às 5h30, ou quando o Sol se põe, ela sobe para o poleiro e só desce quando o Sol aponta no outro dia.

Leitura de fenômenos físicos

Vento norte (1) – Se o vento norte cai no dia primeiro de setembro e encariá o mês todinho, é bom sinal de inverno.

Vento norte (2) – Na hora de acender a fogueira para São João e São Pedro, no mês de junho, você presta atenção ao vento. Se o vento for norte ou poente, pode considerar um bom inverno para o outro ano. Se o vento for sul, será um ano de seca.

Vento (3) na lamparina – Meu tio tinha uma experiência – a do tamborete. Ele disse que de quatro horas da manhã, ele bota um tamborete lá no fim do terreiro. Aí ele traz um farol – uma lamparina acesa, e bota lá. Aí ele pastora, fica olhando. Se não tiver ventania, ele espera. Só sai de lá quando sair qualquer raia de vento pra açoitar a fumaça. Se a fumaça for do nascente, quer dizer que está ventando poente. Nesse caso, se espera inverno. Quer dizer, se a fumaça for norte, esperamos inverno; se for sul, nada de inverno.

Ventos (4) – Vento norte, sul, leste e oeste: são os principais sinais que estão indicando um bom inverno. Eles formam como se fosse um redemoinho, que amarra a embarcação. Você vai remando e fica ruim de remar, pois fica amarrando; você vai encontrando uma mareta, então isso é um bom sinal de inverno.

Ventos (5) – Vocês estão vendo como está o jeito do vento? A gente saiu com o vento no nosso ombro esquerdo. Já estamos pegando ele aqui na cara. Os ventos estão brigando. Isso é justamente uma mudança atmosférica pelo vento.

Ventos (6) – Nas coisas da natureza há sempre uma modificação. Os ventos orientam também. Quando é para entrar o clima de inverno, os ventos mudam. Começa a ventar aquele vento do poente. Aí começam a aparecer aquelas carregações e o clima muda para inverno.

Calendário da chuva – Se chove dia de Santa Luzia, 13 de dezembro, é experiência boa. Aí chove dia 14 de janeiro, 15 de fevereiro, 16 de março, 17 de abril, 18 de maio, 19 de junho. Isso quer dizer que a gente pode contar com seis meses de inverno.

Pedras de sal – A experiência é feita na véspera do dia de Santa Luzia. Enroladas uma a uma em pedaços de papel, se bota em cima da casa. Quando é de manhã, antes do Sol sair, aí se tira aquelas pedras. Se as pedras derreterem e emendar uma com a outra quer dizer que está partindo cacimba grande, que chove todos os seis meses. Mas se derrete uma, depois de um mês outra, aí quer dizer que se considera um inverno variado.

Temperatura – Se a quentura é 32 °C, 36 °C e à noite baixa para 18 °C é um bom sinal, porque aqui, no nosso clima, só chove quando à noite esfria e o clima está muito bom à noite.

Raios – A Terra tem um setor que sai no clima frio e outro sai no clima quente. Por que? Porque existe uma parte da Terra que tem aquela temperatura mais alta e uma linha magnética. A linha magnética é o seguinte: a Terra tem ouro, tem ferro, metais, enxofre. Tudo isso tem lá debaixo do solo. Então, aquela região onde tem esses metais, ali são correntes magnéticas que podem muito bem atrair os raios.

Inverno no Nordeste – O Ceará é o termômetro do nosso inverno aqui no Nordeste e no Rio Grande do Norte. Dos estados nordestinos, o último da estação chuvosa é o Rio Grande do Norte. Porque ele faz esse ciclo: Bahia, Maranhão, Piauí, que o inverno começa em outubro. Aí, vem o Ceará. Depois do Ceará, é que entra a estação chuvosa aqui no Rio Grande do Norte.

Dia 20 de março – Por que o nordestino espera o inverno até o dia 20 de março? Porque o Sol no dia 20 de março cai na linha do Equador e vai governar seis meses o Pólo Norte, que é uma parte do planeta que tem influência justamente para o inverno. No dia 20 de setembro, ele está de volta na linha do Equador e vai passar seis meses no Pólo Sul que é para no dia 20 de março estar de volta na linha do Equador novamente.

Nascente e poente – A ciência devia trabalhar com a sabedoria do caboclo. Por exemplo, o leigo que não vive na natureza, aprende na escola o leste, o oeste, norte e sul. Aí, se dá um monte de nomes: o sudoeste, noroeste, etc. Aí, se confundem as coisas. Para o camponês, o lado norte que ele conhece é o norte mesmo, de origem, ao lado esquerdo. O poente é que é o lado norte. Poente é poente, nascente

é nascente. O professor não explica que tem dois nomes, que aqui é nascente e ali é poente. Porque nascente? Porque o sol nasce aqui. Porque poente? Porque o sol se põe ali. Acho que o certo deveria ser isso. Para aquele que não tem muita bagagem e aprende na marra, sem conhecer a natureza, fica difícil de entender as duas linguagens, os dois nomes.

Leitura da farmácia da natureza

Antibiótico – Meu pai dizia pra gente que as plantas que reagem logo eram as plantas que continham o antibiótico sarante. Se você estava com uma ferida, lavava com aquela água e podia também tomar um pouco dela, que justamente ajudava. Esses são os antibióticos sarantes que os mais velhos usavam. Não tinha farmácia, a farmácia deles eram esses arrelíquios de plantas que eram feitos mesmo em casa.

Umburana e Jurema – Boas para **feridas** e para **frieira**. Faz uma lavagem com a casca da umburana ou da jurema. A gente aprende com os mais velhos, meu pai me ensinou muito. A gente ia andando na mata e ele ensinava a gente a tirar a casca da umburana. Quando a gente tem um corte, ou está com uma frieira e precisa fazer uma lavagem, a casca da umburana é boa e a casca da jurema também. Faz um corte, tira a casca e a metade do entrecasco, deixando a pele que protege o caule da madeira, que é justamente para a planta reagir. Tira-se a casaca da umburana e rala para fazer o pó, e bota em cima de ferida. A própria água da casca da umburana é sarante.

Pepaconha, Cumaru e Aroeira – Para **gripe** e para **expectorar**. Faz um xarope da raiz da pepaconha. Também tem lambedor de cumaru e com a casca de aroeira. Me lembro muito bem que mamãe fazia esses lambedores e a gente tomava e era ‘pei bufo’, ficava bom com isso.

Cumaru (2) – Usa-se a casca dele para inalação. Se você está com **dor de cabeça**, com **sinusite**, faz a inalação dele com a **canela-do-mato** para justamente destilar o catarro. É o remédio que a gente faz. Você inala, lava o rosto e toma um gole daquela água serenada. É um santo remédio para sinusite.

Pepaconha (2) e Batata-de-purga – São utilizadas para matar **vermes, giárdia, parasitas** do intestino. Não pode tomar muito se não vira veneno.

Catanduba e Catingueira – Da casca se faz remédio para **expectorar**.

Sensitiva – É utilizada contra **picada de cobra**, para todas as cobras. Retira-se a entrecasca de um pedaço do caule, de aproximadamente um palmo e uma pologada de diâmetro, para se fazer o remédio.

Jaramataia – A folha é medicinal, as pessoas usam para controlar o **colesterol**. Pega-se a folha, quebra, coloca em 1 litro d'água e, quando fermenta, que solta o sumo, bebe a água.

Quixabeira – A casca é medicinal para **pancada e quebra de ossos**. Inclusive a medicina já reconhece e passa para fraturas dos ossos. Tira a casca dela, machuca e bota de molho para beber o sumo da casca.

Marmeleiro – Se você comeu de noite, e o comer lhe fez mal (a gente aqui chama de **indigeste**), você mede um palmo do caule do marmeleiro maduro, tira a casca preta e raspa a entrecasca. Bota um pouquinho na boca e mastiga. Amarga um pouco, porque é esse amargo dele que faz com que você vomite.

Mufumbo – É **diurético**. Se você está com dor nas urinas, então você toma a água da raiz do mufumbo justamente para desobstruir as pedras renais para urinar bem, quando você está com privação de urina.

Aroeira – É **cicatrizante**. Você tira a casa da aroeira para fazer a água para lavar o corte. Botar a entrecasca para secar, para fazer o pó para colocar em cima da **ferida**.

Pinhão – O leite do pinhão é bom para **picada de cobra**. Uma colher de sopa é suficiente para o ser humano. Não precisa nem tomar soro. Na luta do tejo com uma cobra venenosa, quando o tejo é picado pela cobra, ele corre para o pé de pinhão, morde o caule, chupa o leite e volta para continuar a luta.

Leitura da pesca

Modos de pescar – Cada lugar, cada estado tem um modo do povo pescar. Quando a gente saía daqui para pescar no Ceará, lá eles achavam estranha a pescaria da gente. Eles vinham pescar aqui e a gente achava estranha a pescaria deles. Porque a gente bate uma **buia** e vai fazendo um cerco pra combater aquela buia. Os cearenses não. Eles chegam, soltam a linha esticada que parece uma cerca de arame. Aí eles batem de um lado, voltam, batem do outro lado e apanham o peixe. A gente, não, dá duas voltas, uma pra lá e outra pra cá, pra poder apanhar a linha.

Tilápia – é um peixe de ninho, um peixe de coita de madeira. Sempre onde há dois ou três pés de pau, é ali que a gente vai colocar a rede. A gente cutuca, bate ali para o peixe sair para a rede. A gente procura sempre o jeito da madeira para colocar as redes.

A **Tilápia** se enterra na lama de cabeça pra baixo e, como defesa, deixa as espinhas apontadas para cima. Ela ficava de cabeça pra baixo como quem diz: “Olha o meu perseguidor, ele vem e se estrepa na espinha”. Muita gente se espinha. E aí, quando a gente termina de apanhar a rede, a gente só vê o peixe subindo e ficando assim com a cabeça, balançando e lavando a lama, mangando da gente.

Tibungo – é uma maneira de **bater a buia**. Coloca-se um pau, como uma cabeça de imburana, de mais ou menos 20 centímetros de comprimento. Fura um buraco naquele pau e coloca a cabeça da vara dentro. Aí, em vez de bater na água, eles dão estocadas com o tibungo lá em baixo, na lama. Aquilo tira os peixes do local onde estão.

Peixes da Lagoa do Piató – O **tucunaré** não é fácil de cair na linha. É um peixe mais de anzol. Mas quando não tem a **piaba** para fazer a isca para pegar ele, se torna difícil. Agora, quando começa a chover, ele corre muito atrás dos alevinos da produção do peixe para comer. Aí ele cai mais na rede. Então, no inverno a gente faz uma pescaria boa de tucunaré. Quando está chovendo, também aparece a **piranha**. Quando começa a chover dá muito a **traíra** e a piranha. Quando aparecem as enxurradas dos riachos, aí aparece a desova do

piáu, de alguma piaba que tem. Só não aparece **curimatã**. Não houve piracema após a barragem para haver a desova da curimatã, aí não tem curimatã na lagoa.

Pescaria de molho – a gente usa toda época. O período que dá melhor é no inverno. Quando termina o inverno, a gente não tem outro meio, a gente tem que explorar a pescaria de molho porque antigamente a gente usava a pescaria da buia. Botava duzentos metros de rede e ia bater com a vara para fazer zuada para o peixe correr pra cima da rede. O Ibama proibiu, pois disse que essa técnica de pesca acaba com a produção do peixe. Mas quem acabou com a produção do peixe não foi a buia não, foi a linha de nylon que apareceu em 1960. Antigamente a gente pescava só com linha de algodão. Como a linha de algodão não tinha resistência pra gente botar de molho porque apodrecia rápido, o que se fazia: pescava só de buia. Você ia lá duas horas da manhã, batia três buias e pegava peixe suficiente pra vender e pra sua manutenção, e a água ficava livre. Não tinha linha para atrapalhar o peixe. Aí inventaram a linha de nylon. Você pesca de seis meses a um ano com ela dentro d'água só capturando o peixe. Porque ela tem mais durabilidade dentro da água do que no seco. E é a isso que eu atribuo a falta de peixe, a invenção do homem. Ele mesmo por si destrói.

 Capítulo 2 

Geólogo da mata

Francisco Lucas da Silva

O que trouxe a minha curiosidade a fazer o reconhecimento dessas pedras foi justamente o que meus pais diziam para mim: aqui, nessa comunidade, antigamente, os primeiros habitantes foram os índios Tapuia. Diziam a mim como eles trabalhavam e usavam ferramentas feitas de pedra. Só que eu nunca tinha visto. Nunca ninguém mostrou para mim essas pedras, para dizer que eram ferramentas que os índios trabalhavam.



Eles usavam essas pedras (foto anterior) como machadinha para cortar madeira. E eu andando no mato encontrava e tinha curiosidade. Atribuí que eram ferramentas de um índio. Assistindo filmes eu via as ferramentas que os índios faziam de pedra para trabalhar. Que justamente está aqui uma das ferramentas encontradas aqui na nossa região, nos baixios, onde a terra era mais fértil, onde os índios moravam e trabalhavam.



Grande parte dessas rochas ferramentas foram encontradas aqui nos baixios, no pé da serra, onde tem um cercado antigo de pedra (foto anterior) feita pelos índios, que hoje já está coberto pela terra. Eles não faziam de madeira até porque tinham dificuldade de cortar. Então o que era mais fácil? Quebrar a pedra e fazer a cerca. Aqui ou acolá a gente encontra um cercado de pedra já degradado pelo tempo, mas ainda identificável (foto seguinte).



E o que era aquilo? Era justamente uma divisória de um cercado, era uma cerca que eles faziam para trabalhar, para plantar mandioca, essas coisas.



Isso aqui (foto anterior) eram machadinhas. Essas outras eles também usavam como uma pequena machadinha. É isso aqui que eles usavam para cortar, tá entendendo?



Essa outra pedra também é um trabalho indígena. Eles usavam isso aqui como se fosse para machucar talvez um tempero, ou uma raiz. Picar as coisas, como se fosse um ferro cortante.



Isso aqui eles usavam como martelo, feito de pedra. Ele é usado nessa posição para bater os cravos que eles faziam de madeira. E aqui eles colocavam o cabo de madeira, como também na machadinha. Era colocado um cabo e amarrado com embira para eles trabalharem.



Essas outras pedras bem trabalhadas aqui, eles usavam para machucar a mandioca. Para preparar a farinha. Elas eram trabalhadas na mão para isso. Eles encaixavam uma pedra na outra, era a engenhoca que eles usavam. A máquina deles era essa.



Depois, com a chegada do homem branco, vieram mais instrumentos. Mas a natureza já tinha feito o furo. Que está ali. Isso aqui são obras da natureza. Eu vejo uma obra dessa ,trabalhada pela natureza, como a pele de um sapo.



A natureza também pinta seus quadros. São verdadeiros desenhos, como essa pedra que tem uma imagem de ramallete, trabalhado pela natureza. Definindo bem, você vê o formato de um “p” e ao mesmo tempo um “r”. E do outro lado é um ramallete. Em um xêxo. Isso é trabalhado pela natureza. Ela é uma grande desenhista.



Aqui eu vejo uma galinha deitada em cima dos ovos. São essas coisas que eu acho interessante, e que mostram o quanto a natureza é importante e tem muita coisa a nos ensinar.



Essa pedra eu achei linda. Muito bonita. E trouxe só para mostrar o quanto a natureza é importante e tem muita coisa bonita a nos mostrar. Olhe, eu não sou geólogo. Mas ela tem justamente essas rochazinhas, parecidas com as rochazinhas de diamante. Essas são as minhas interpretações, as minhas leituras dessas rochas.



Aqui temos a cabeça de uma cobra jiboia, direitinho.



Minha mãe contava que os antepassados diziam que aqui já tinha sido mar. A Lagoa do Piató era um braço de mar. Não é que eu andando na mata, lá na Chapada da Serra onde a região é calcária, encontrei esse fóssil de um aruá marítimo?! E aqui não tem desse aruá. Isso aqui é um fóssil. Quer dizer, isso para mim é uma comprovação do que eu escutava de minha mãe. Aqui já foi mar.



Na mesma região encontrei esse fóssil de um maracá de um cascavel macho. Esse é macho porque o maracá da cascavel fêmea é chato. O do macho tem três quinas, é triangular.



Como eu sou pescador e gosto de aparentar as coisas andando no perímetro do pé da serra, na beira da lagoa, encontrei essa pedra. Achei parecida com a cabeça de um peixe Tucunaré. São essas as comparações que eu faço.



Aqui na nossa região não existe esse tipo de pedra. Andando aqui no cerrado só encontro xêxo e calcedônias calcárias. Mas esse tipo de rocha não. Pelo que eu observei dela pude compreender que ela se formou dentro de um oco de um pau. Só encontrei esse pedaço. Não encontrei mais em parte nenhum outro pedaço dessa pedra. Isso é uma comprovação das mudanças que existem no nosso planeta.



Nas minhas caminhadas nas margens da Lagoa Piató encontrei essa pedra. Eu parei e fiquei refletindo comigo mesmo: oxente, alguém tirou o coro de um bode, jogou a cabeça e ela fossilizou aqui? Porque é idêntica à cabeça de um bode, tirado o coro, viu?



Andando na serra, lá na região aonde eu encontrei o fóssil do aruá, encontrei essa pedra, também calcária, e achei parecida com um bacuri, quer dizer um porquinho recém-nascido. Tinha as pernas e a cauda, só que uma das pernas quebrou.



Essa outra pedra eu encontrei e achei parecida com a cara de um macaco. São as minhas aparências, o que eu acho que é.



Algumas pedras que eu mostrei eram as ferramentas dos índios, mas tudo isso são páginas passadas. Agora vamos a uma comprovação dos nossos invasores que eliminaram toda essa amostragem que eu

fiz. Dos portugueses que vieram e tomaram o Brasil dos donos: os índios. Quando eles vieram pra o Brasil eles não tinham muita ciência, eles só traziam a ambição.

Nessa época até as garrafas que eles traziam eram feitas de pó de pedra. Os garrafões, não é? Eu ainda alcancei esse tempo. Lá em casa tinha um garrafão desses, não sei que fim levou. Era de meu pai para guardar sementes, para plantar. Era feito desse pó de pedra. E hoje só restam os cacos.



Os índios faziam aqueles pequenos barreiros para manter a água armazenada. Enfim, foi aonde eu encontrei essas pedras.

Aquelas outras ali [*apontando às que são trabalhadas pela natureza, parecidas com o couro de sapo e a cabeça do bode*] eu encontrei no perímetro da Lagoa. O maracá da cascavel macho e o fósil do aruá foi lá na serra. Os cabos dos vasos, dos vasilhames, foi justamente aqui na região onde foi moradia dos primeiros habitantes.

O Piató era mar



Após o achado desses fósseis de aruá e da pedra que se calcificou dentro de um tronco oco de um pau, eu não tenho nenhuma dúvida que aqui já foi mar. Por quê? Em 1972 eu tive conhecimento do trabalho feito para a construção da barragem Armando Ribeiro Gonçalves. Foi feito um serviço de topografia aqui na bacia da Lagoa Piató e eu conheci aonde ia ficar a barragem; a ponte; o anivelamento da ponte ao nível do mar; o outro da embocadura da lagoa com o mar; e o anivelamento da lagoa. E o resultado foi que a lagoa está anivelada com o mar.

A embocadura está acima do nível do mar 15m. A bacia da lagoa está abaixo da embocadura 15m. Claro e evidente que a Lagoa Piató é anivelada com o mar. Se tirasse todo esse assoreamento que tem, o mar vinha aqui para dentro.



Tá claro e evidente que a chegada do homem branco, que quis só explorar as margens dos rios, contribuiu para que o assoreamento levasse o mar lá para a região de Macau. Não existia desmatamento. O índio não desmatava. Não tinha máquina nem chibanca para arrancar mato e toco. Então naquele tempo tudo era puro, a terra era pura.

Com a chegada do homem branco, que corre nas nossas veias, houve o desmatamento às margens dos rios, que era onde eles procuravam explorar. Aí começou a haver o assoreamento. Mas tá claro e evidente que fazendo o serviço de topografia você comprova isso: a Lagoa Piató era agarrada com o mar.



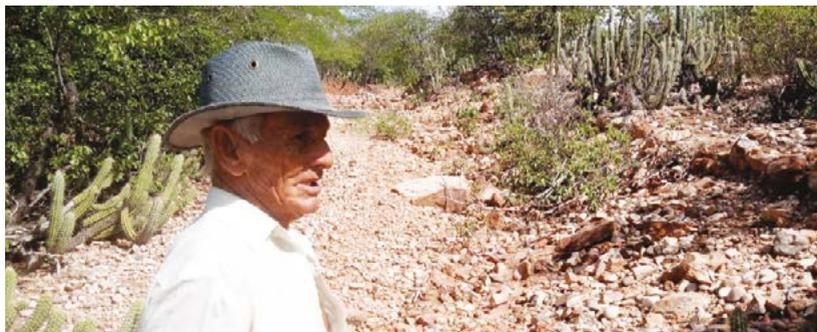
Taí uma cabeça de um Tucunaré que é um dos peixes marítimos. Sobre o Camurim: toda vida quando há enchente ele sobe e fica aqui

dentro da lagoa. Por quê? Eles eram acostumados a fazer isso. Isso aqui é, justamente, o caminho deles. Eles vinham para aqui e nunca deixaram de vir. Era um pedaço de mar, era aqui que eles moravam.

Golpe de vista

Minha mãe, Dona Cesarina, não sabia nem assinar o nome. Ela contava muita história pra gente. No começo da história a avó dela era uma índia. Ela disse que nós éramos descendentes de índio porque o pai do pai dela tinha pego uma cabocla a casco de cavalo e tinha casado com ela. Ele foi pra o campo campiar e encontrou uma tribo. A índia correu e ele foi, correu atrás, pegou, botou ela na garupa do cavalo e a trouxe para casar-se com ela. Minha mãe contava muito essa história.

Minha mãe era leiga, não sabia fazer um “a”, tá entendendo? Mas só que, conversando, você percebia que ela não era uma pessoa analfabeta. Ela sabia pronunciar as palavras. Uma prima dela, que sabia assinar o nome, disse uma vez: “- menino, tá na hora do aRmoço!”, e minha mãe disse: “- meu filho, o nome não é aRmoço. É aLmoço!”. Ela corrigia.



Minha mãe dizia também que todo ser humano tinha um *golpe de vista*. Ela dizia: “- meu filho, todo mundo tem um golpe de vista diferente e vê as coisas diferentes”. Eu vejo aquela planta como ela é, mas alguém pode chegar e não ver. Desde menino gosto de olhar as coisas e descrever como elas são, como eu vejo na minha aparência ocular.

O tempo e as rochas

Quando tinha o material pra fossilizar a pedra no tronco de uma árvore, eu não sei o que tinha aqui. Pode ser que o mar tenha secado e ficaram restos da água com poeira de lama em um tronco de uma planta marítima, como os manguezais. Quem sabe se isso aí não foi a pedra formada em um tronco de um mangue? Quer dizer, mais uma prova de que essa rocha pode ser um calcário sedimentado.



Capítulo 3



Acadêmico da complexidade

Francisco Lucas da Silva

O passatempo do homem é estudar o dia a dia

Não tive escolaridade. Tudo que eu sei, a minha leitura, o meu livro, tudo que eu aprendi foi com a natureza. Não tive estudo, não frequentei banco escolar. Por isso mesmo nunca desisti. Fico muito feliz porque vocês acreditam que eu tenho algo a acrescentar no trabalho de vocês. Eu acredito que o passatempo do homem é estudar o dia-a-dia. A natureza é como se fosse um livro aberto, que vai passando, passando... Todo dia passa uma página virada para a gente ler. E eu, com o passar dos tempos, fui fazendo essa leitura e construindo meus diagnósticos.

Levei a vida toda trabalhando na agricultura. Aprendi um pouco com meu pai e um pouco com minha experiência a fazer a leitura dos sinais da chuva, do inverno. Quando estava perto da nossa estação chuvosa meu pai prestava atenção às plantas, à natureza, e notava que as plantas ganhavam carga no inverno e se enfeitavam, mas quando ia ser um ano mal elas perdiam essa carga.

Da mesma forma que nós temos o corpo cheio de veias e o sangue circulando para manter a nossa própria vida, o planeta também tem suas correntes e canais subterrâneos fazendo justamente essa mesma circulação. Muitos biólogos e geólogos se formam mas não vão atrás disso, das correntes marinhas. Eles pensam que o mar é uma bacia. O mar corre aqui por baixo da terra, tem correntes marinhas, canais marinhos, justamente bombeando as águas. Não é diferente do corpo humano, que é uma máquina que bombeia, por isso ela tem gás, tem ar, tem tudo.

O ponto primordial para encontrar o acerto

Durante minha vida aprendi muito com a leitura da natureza e com o erro. Muita gente pensa que temos somente que aprender, aprender e aprender, descobrir só sabedoria, sem errar. Não é assim. Tudo que você vai fazer só é aprimorado se errar. Tem que ter o erro,

porque faz parte da leitura, faz parte da complexidade de tudo que você vai fazer. O erro é um ponto primordial para encontrar o acerto. Faz parte do aprendizado.

A natureza não aprende com o erro porque ela é sábia. Ela tem tudo a nos ensinar. A natureza não erra! Quando ela apresenta uma revanche, o ser humano acha que é um erro. Mas ela está nos ensinando que quem errou foi o ser humano. Sobre a natureza... ela não tem erro, ela é completa.

Estratégias de leitura da natureza

Não existe uma forma exata para aprender a observar e a ler a natureza. É uma intuição do homem, não é de um dia para o outro que se aprende. Eu posso passar para alguém conhecimentos que eu aprendi com a natureza. Aí podem dizer: “Ah! Chico sabe isso, isso e isso sobre a natureza, eu agora sei também...”. Mas não é assim. A pessoa apenas pegou esses pontos que eu passei. Mas para ler a natureza não se aprende comigo. A natureza tem um livro e todo dia passa uma página. Você precisa se ligar à natureza, às coisas que acontecem nela. Por exemplo, para compreender a degradação do meio ambiente e das plantas é preciso entender, através da observação cotidiana, que cada campo é diferente. Isso porque o campo daqui, a mata, a caatinga, é diferente daquela dali do agreste, lá tem outra estação. Lá é o mato, lá tem ramalho. O inverno acabou agora no agreste, enquanto aqui caem as folhas. Aqui passou o tempo do inverno, enquanto aqui é verão, em outros lugares é seca.

No Rio Grande do Norte nós temos praticamente quatro estações. O inverno no oeste, na tromba do elefante, que é extremo com a Paraíba e o Ceará, cai no período de dezembro a janeiro. O nosso inverno só começa de março em diante. Na maioria das vezes, quando a gente vai plantar aqui, o pessoal da Chapada do Apodi já tem milho e feijão verde. No ano de 2012 aconteceu que aqui ninguém teve nada de roçado, mas lá eles tiveram o milho e o feijão. Aqui a estação chuvosa foi passageira. O inverno pegou no agreste e lá houve fartura. Já perto de Montanhas, no final do Rio Grande do Norte, disseram que o inverno foi bom. É como eu digo naquela frase-

guia do livro *A natureza me disse* “Cada região é cada região, cada ser humano é cada ser humano, cada cabeça é um mundo, e estamos conversados”.

Não se conhece o campo todo em um dia só

Certa vez eu disse para Wyllys, que não era em um dia que ele ia conhecer o campo todo. Ele ia trabalhar na pesquisa dele, sim, (era inclusive nesse campo aqui) mas não tinha condições de conhecer o campo inteiro. Fica difícil para você conhecer tudo em um dia. Só a natureza do Rio Grande do Norte você encontra essas quatro estações. Cada uma com seus pontos diferentes. Eu não conheço lá, eu conheço aqui, essa região. Quer dizer, se eu saísse para ir morar no agreste de Ceará Mirim eu ia demorar um tempo para me adaptar às coisas, para ler a natureza de lá. Por isso que eu digo: a natureza é um corpo vivo com seus pontos diferenciados. E leva um tempo para fazer essa leitura.

Biologia ciência ou biologia da natureza?

Quando se fala em biologia me pergunto: mas que biologia? A biologia ciência ou a biologia da natureza? A biologia ciência é um ponto que falei pelo diagnóstico dos danos causados do impacto na lagoa. Quando vieram os biólogos, entre eles um grande amigo de Ceíça, que morreu o ano retrasado, professor Maurício Oliveira, da Esam, eles levaram a água e fizeram exames três vezes. Constataram metais pesados mas nunca constataram que a degradação da lagoa era causada pelo calcário. E até aí eu ainda estava leigo sobre o diagnóstico da degradação ocasionada pelo calcário na nascente do riacho. Depois Ceíça trouxe o professor Wyllys, meu aluno também, e ele fez o mesmo diagnóstico: só acusava metais pesados, causado pelas empresas. E então eu disse a ele o que eu tinha feito, o meu

diagnóstico, obtido pela minha experiência. Mostrei para Wyllys que o tanque estava lodado. Peguei cal e coloquei lá. No outro dia ele ficou surpreso em ver como a rede tinha ficado limpa.

No meu ponto de vista leigo acho que para concluir o curso de biologia os saberes da natureza lhe ajudam muito. Porque você chega lá com mais bagagem, com mais conhecimentos. Já pensou você ser contratado para fazer uma análise da água da barragem Armando Ribeiro Gonçalves e encontrar um impacto? Qual é o impacto que está acontecendo? O peixe todo sugado sem se desenvolver. Por que isso acontece? Os pescadores se maldizendo que o peixe está ficando magro e que não tem nutriente. Então você começa a fazer várias análises na água e não faz uma análise de campo: das nascentes, dos riachos, das degradações e das regiões calcárias que tem no perímetro daquele lago. Se você faz um diagnóstico de campo, da geologia no perímetro do lago, eu acho que você está mais que completo e mais seguro para um diagnóstico correto.

A leitura da natureza envolve muitos aspectos. Por exemplo, não é somente a planta ou somente o animal. Envolve o homem, a geologia, as rochas. Você talvez até ignore e diga: “mas Chico, eu sou um biólogo, eu trabalho com as águas”. Mas como é que você vai encontrar um diagnóstico nas águas se o impacto que está acontecendo é por conta da degradação das nascentes do riacho? Então você tem que trabalhar a geologia. Quer dizer, chegando lá você vê que há um impacto naquela nascente toda desmoronada, como você viu ontem aqui. Foi ali que eu constatei a degradação daquela chapada calcária e relatei com o impacto nos peixes das águas aqui na Lagoa Piató. Levei um tempo para ver que todo o dano causado foi por conta daquele desmatamento na aba da serra. Mas se a gente não tivesse ido ali ? Se eu não tivesse estudado aquilo? Eu não teria esse diagnóstico nunca para contar para vocês.

A leitura da natureza não considera apenas um elemento. Ela é complexa, é um conjunto. Quer dizer, alguém pensa que a filosofia é uma coisa só, mas ela agrega muitas filosofias juntas. Na minha maneira de observar a natureza vejo isso. A natureza tem várias filosofias para você ler.

A curiosidade de conhecer

Desde criança faço a leitura e a observação da natureza. Na minha adolescência me sentia frustrado quando imaginava o que eu deveria ser. Eu sentia muita inteligência e tudo que o eu via, tudo que eu aprendi sobre minha área de trabalho, ninguém me ensinou. Comecei a plantar feijão e milho aos sete anos de idade, e puxava o cabo da enxada limpando a roça com meu pai. Frustrado porque queria conhecer as letras, mas não pude ir à escola. Minha mãe era analfabeta e o meu pai só assinava o nome. Um dia meu pai trouxe uma carta de ABC e foi assim que eu conheci o alfabeto.

Minha exigência era tanta comigo mesmo para conhecer o alfabeto e para aprender a ler algo que eu pegava um caderno de contas do trabalho do meu pai e ia anotar os preços da mercadoria. Meu pai tinha uma bodega que vendia mercadoria, fornecimento para os trabalhadores. Eu já sabia anotar, mas não sabia o nome de quem. O meu pai sabia fazer conta. Mil réis é com três zeros, por exemplo. Então quando era dez mil réis eram quatro zeros, e assim sucessivamente. Meu pai trouxe para mim a carta de ABC e a tabuada, que são os dois livros fundamentais para as crianças de hoje, mas as escolas não admitem mais. Eu tenho visto meninos no 5º ano que não conhecem o alfabeto. E aí vem a minha ansiedade de aprender, de conhecer o alfabeto. Dentro de uma semana eu li a carta de ABC todinha. O be-a-bá, o be-é-bé e o be-i-bí. Aprendi a assinar o nome rapidamente. A força de aprender era tanta que meu pai até chorou. Ele não tinha um poder aquisitivo para me colocar na escola e mesmo assim eu aprendi. Naquela época não tinha meio de transporte, tudo era difícil. Para você manter um filho na escola da cidade era preciso ter uma estabilidade, uma família lá. E o poder aquisitivo da gente era muito pequeno na década de 50 que foi toda escassa e difícil. Na época os desmatamentos não eram através de máquinas. Eram através do braço do homem aqui na região do nordeste. Lá no sul não. Lá era só maquinário. Aqui na região do nordeste ainda se usa o desmatamento.

Esse trabalho era feito por tarefas e os trabalhadores que tiravam essas tarefas iam para o meu pai fazer as cubações. Eles traziam as

medidas para meu pai cubar e enquanto meu pai fazia eu já tinha pego as medidas, fazia as contas e dizia: “meu pai eu sei fazer isso aí também” e quando ele ia olhar tinha batido com as contas dele. Aí ele disse: “- meu filho, você é um menino muito inteligente...” e as lágrimas vinham aos olhos. Ele era muito sensível, como eu sou também.

A leitura que eu tive foi por causa do meu pai. Não frequentei banco escolar. Coloquei essa e outras frases no livro, agradecendo à professora Ceíça por ter me levado até a universidade. Essa é a frase que está na primeira página do livro A Natureza me disse: “Não frequentei banco escolar por não ter tido oportunidade, mas com a ajuda dos amigos cheguei até a universidade”.

A natureza tem algo a nos ensinar. Todo dia ela passa uma página, porque quanto mais o homem agride mais ela tem algo diferente a nos mostrar. Ela tem as suas transformações. É preciso observar as transformações diferentes para saber o dano que causou. Não é em um dia só que a gente vai ter esse diagnóstico.

A natureza é um corpo vivo

A criatividade está presente no homem. Da mesma forma está presente na natureza, e o homem faz parte da natureza. Se ele quiser fazer parte da natureza, porque para fazer parte da natureza ele tem que aceitar as coisas que a natureza oferece, ou seja, as coisas que a natureza nos oferece sobre preservar.

A natureza, para mim, é um corpo vivo, infinito. O ser humano nunca vai conseguir, por mais sábio que ele seja, descobrir o que é a natureza, porque a ciência avança muito, mas ela só faz degradar. E a natureza é muito além da sabedoria do homem. E tem suas revanches, dando o troco à ciência.

O que eu aprendi foi com o dia-a-dia, com a vivência, com as páginas e a sabedoria da natureza. A natureza é um livro, é sábia. Nunca vai haver um ser humano com capacidade de fazer todas as leituras da natureza, porque ela é infinita.

Me orgulho de fazer parte do Grecom

Com muito orgulho eu me sinto privilegiado e devo tudo isso a um trabalho feito por uma pessoa que é parte da minha família. Eu guardo ela sempre dentro do meu coração: é a Dra. Ceiça. Eu tive o prazer de no dia 13 de junho de 1986 a gente se encontrar nas margens da Lagoa Piató. Eu tinha aportado lá no barraco onde eu vendi o peixe e tive o prazer de conhecer a professora Ceiça. Ela vinha em uma caravana. Parecia Pedro Álvares Cabral à procura de uma pessoa para fazer um trabalho na lagoa. Eu tinha um barco e ela me convidou para fazer esse trabalho. Foi a partir daí que ela se interessou a trazer os orientandos dela para fazer pesquisas aqui na Lagoa Piató, pesquisas de campo. Então comecei a conversar. A gente fez várias palestras aqui e ela, muito curiosa, sempre trabalhando a minha mente. Eu aprendi muito com ela e tive o prazer de repassar os saberes e conhecimentos que eu tinha aprendido com a natureza. Ela transformou tudo isso em um livro para levar meus conhecimentos lá para o Grecom. Me sinto muito feliz com isso.

Agradeço tudo isso à professora Ceiça que para mim chegou ao topo. Dra. Ceiça, mas eu sempre a chamo de professora Ceiça, ela sabe que eu não estou menosprezando ela nem um pouco, porque para mim ela é a maior de todas as professoras. Ela sempre mora dentro do meu coração. Eu prezo tanto por ela que a gente tem discórdia. Em vários pontos eu discordo dela. Mas só para provocar, porque gosto de provocar as pessoas que eu gosto. É uma pessoa altamente capacitada e eu aprendi muito com ela. Muito mesmo. É bom quando você tem um conhecimento e repassa para alguém. Eu me sentia com todo aquele armazenamento dos saberes da natureza e não iria passar para ninguém, se não tivesse acontecido essa pesquisa da equipe do Grecom, da Universidade Federal.

Tive o prazer de ter na pessoa de Ceiça alguém que se interessava por esses saberes, que queria compreender esses conhecimentos. Fiquei muito gratificado com isso. Por ela achar que a ciência não estava só, que não se aprendia só lá nos livros da universidade, com os professores. Por ela achar que a ciência estava incompleta. E que Samir, Willys e todos os orientandos dela precisavam saber algo

diferente: as coisas da natureza, uma página que eles não tinham lido, um livro que eles não tinham encontrado lá na universidade. Isso para mim é muito gratificante. Me sinto muito honrado por ela me elogiar tanto. Ter a mim, uma pessoa leiga, para fazer parte da leitura dos saberes do Grecom. O Francisco Lucas da Silva, vulgo Chico Lucas, “o homem que não frequentou o banco escolar, por não ter tido oportunidade, mas que com ajuda da professora Ceiça chegou até a universidade”. Para mim ela está aqui presente. Não foi à toa que eu coloquei essa cadeira aqui encostada em mim. Talvez você não tenha nem percebido que eu coloquei essa cadeira aqui. Para mim Ceiça está sentada aqui, porque ela está aqui no meu coração. Muito embora você não esteja vendo a imagem dela sentada, mas para mim ela está aqui comigo, nesse tamborete.

Por isso, a importância do Grecom é todo o contexto desse trabalho, das pesquisas aqui da Lagoa Piató, da leitura do meio ambiente, da natureza. E eu estou lá presente, compartilhando com esses saberes da natureza. Me sinto com muito orgulho em fazer parte de uma instituição que eu nunca pensei em fazer parte, como o Grecom. Quer dizer, se para chegar ao acerto precisa dos erros, então eu faço parte de lá. Eu sou um ponto negativo para se encontrar. O ponto positivo lá, que é a professora Ceiça, e eu o ponto negativo, mas estou lá presente. Porque não existe o positivo sem o negativo. Me sinto muito gratificado com isso.

Sobre as pesquisas que são desenvolvidas no Grecom, acho muito importantes, porque todo trabalho para se encontrar o ponto fundamental é a pesquisa. Como é que você vai encontrar um ponto positivo, se não tem uma pesquisa sobre aquele trabalho? É como o seu trabalho, a sua pesquisa, que você fez aqui no Piató. E a de Wyllys, aquele diagnóstico, que é um diagnóstico leigo, mas positivo. São por essas coisas que eu acho que o Grecom é uma instituição válida, valiosa. E que todos vocês que passarem pela universidade, precisam passar pelo Grecom, porque é de lá que vocês vão sair com mais conhecimentos.

Me sinto muito gratificado. A professora Ceiça diz que eu sou e faço parte hoje do Grecom. Com muito orgulho digo: nunca pensei, sendo uma pessoa leiga, não ter estudado e ter tido o prazer de

lançar um livro com as leituras leigas da natureza, com os saberes da natureza. Inclusive o título do livro é “A Natureza Me Disse”. Por que “A Natureza Me Disse”? A natureza me disse as leituras que eu pude observar com o dia-a-dia, com o passar dos tempos. Saber que o Grecom lançou um livro com os saberes da natureza, de minha autoria e oferecido à minha pessoa; saber que em várias partes do Brasil e do mundo ele anda de mão em mão mostrando o que é a sabedoria da natureza me deixa muito honrado, e devo tudo isso à professora Ceíça.



Capítulo 4



Poeta do silêncio

Francisco Lucas da Silva

Um homem que não tropeça nas palavras. Que as usa com cuidado, com vagar. Que pensa algum tempo antes de responder uma pergunta. Que guarda o que escutou, pensa algum tempo, e muitas vezes, meses depois retoma o mesmo argumento acrescentando dados novos, exemplos esclarecedores daquilo que tem convicção. Que expõe seus argumentos com clareza porque tem por base, sempre, as experiências vividas, suas pesquisas, suas observações, o que aprendeu com seu pai, com sua mãe, com livros que viu quando jovem (o famoso Lunário Perpétuo, por exemplo), mas também com os e-mails enviados pela natureza, como ele diz. Que é mestre na construção de analogias, e em particular na elaboração de metáforas. Que se move entre a prosa e a poesia. Que constrói versos, glosas e repentes por vezes animados pelo carinho e amizade, por vezes sutilmente irônicos, críticos, desafiadores.

Um homem que não tropeça nas palavras, mas assegura: “quando tropeçamos numa pedra que está em nosso caminho é uma oportunidade que a vida está oferecendo para refletir sobre as coisas que vivemos”.

Um homem que aprecia o silêncio. Que é capaz de permanecer horas sem dizer palavra alguma, pensando, tentando solucionar os problemas que lhes são postos, e também aqueles do seu dia a dia. A vazante, a copa de uma árvore, uma pedra e o sol a pino, são mais que paisagens para ele: são cenários para pensar.

Desde 1986 foram sendo registrados fragmentos de uma poética que nasce da sensibilidade e do silêncio. Com formas narrativas diversas uma parte dessa poética vem à luz, a seguir. Algumas dessas narrativas se assemelham a aforismos, outras a princípios. Outras são versos, fábulas, parábolas. Estamos diante das palavras do poeta do silêncio, Francisco Lucas da Silva.

O sábio e a escola

Não frequentei banco escolar
Por não ter tido oportunidade
Mas com a ajuda dos amigos,
Cheguei à Universidade

O cachorro filósofo

Era uma vez um caçador que saía todos os dias com seu cachorro para caçar, a fim de garantir a alimentação de sua família – a mulher e os filhos ainda pequenos. Um dia, durante a caçada, esse homem foi picado por uma cobra e morreu na hora. O cachorro voltou pra casa para avisar a família, que foi até o lugar onde estava o caçador morto e fez o enterro. A partir daí, todos os dias o cachorro saía para caçar a fim de trazer o alimento para a mulher e as crianças. Pergunto: esse cachorro não era um filósofo?

O tejo e a cobra venenosa

Já vi muita luta entre o lagarto (tejo) e uma cobra venenosa (a cascavel) aonde o tejo leva vantagem. Como? Cada vez que ele é picado pela cobra, ele corre até o pé de pião roxo, chupa o leite do caule e volta para a luta. Quer dizer: é lógico e evidente que o leite do pião roxo é um soro para o veneno da cobra. Por isso o tejo só entra em luta com cobra venenosa se tem algum pé de pião por perto. Ele só trabalha num terreno favorável para ele. É a estratégia dele.

A gente só conhece o campo, andando ele todo. Não é com um dia só que a gente arruma a bagagem da vida inteira, do tempo inteiro.

As “histórias de pescador” não são mentirosas. A mesma coisa com as histórias mal-assombradas que ele conta. São entes querendo ajudar. Esses entes dão conhecimento à pessoa de que eles existem. As pessoas se apavoram porque não estão preparadas para aquela emoção. São coisas invisíveis.

Saudação à meia porta

Boa tarde comadre Ceíça
Não vim tirar sua atenção
Continue seu trabalho
Fazendo com perfeição
Que chegou quem cata o erro
Como Deus cata o perdão

Pensamentos

O único sujeito que dialoga consigo mesmo somos nós, por conta da consciência e do encontro dela com a natureza.

Tudo que o homem faz, que ele inventa, ele pensa que fez algo diferente. Mas eu não vejo por esse lado. É signficante a algo que já existe. O homem fez o computador que armazena tudo. É como você: nasceu e armazenou tudo o que aprendeu. As coisas imitam o que já existe no planeta.

Os próprios cientistas, com todas as máquinas, às vezes prevêm uma coisa e dá errado. A natureza está sempre evoluindo. Então, pode haver algum problema e muda todo o esquema. A natureza é um corpo vivo.

A natureza também manda e-mail sempre. Mas só compreende quem sabe ler a natureza. Porque é observando a transformação da natureza que você lê a natureza.

Tudo quanto a ciência descobre, a natureza já ensinou há muito tempo.

Alguém diz: “Aquele é um louco, a natureza não conversa com ninguém”. Mas você observando, ela tem algo a lhe oferecer e a lhe dizer.

A gente só serve de adubo para as plantas. Elas são milenares, nós só temos algumas centenas de anos.

Pisamos na medicina da natureza e nem percebemos.

A natureza nos oferece sinais para a gente prestar atenção.

A própria natureza agredida pelo homem dá seu troco.

Cada região é cada região, cada ser humano é cada ser humano, cada cabeça é um mundo, e estamos conversados.

A linha do Equador do Planeta tem uma amostragem com a nossa vivência. No domínio familiar, também existe uma linha do Equador. O ecossistema familiar é a mesma coisa, não tem nada diferente.

Eu não tive oportunidade de estudar, mas sempre procurei ver a natureza. Presto atenção a tudo desde quando eu era criança.

As pessoas que não prestam atenção, acham que a natureza não é nada e não tem nada a oferecer.

Olho muito a natureza e gosto de aparentar as coisas da natureza com a vida do próprio homem e dos animais.

Desde menino que eu sou curioso com as coisas, tenho vontade de aprender e estudar. Aprender alguma coisa para escrever o que eu fizesse, o lado bom e o lado ruim, para deixar para os meus filhos.

Eu acredito muito na natureza e nas plantas.

A gente só conhece o campo, andando ele todo. Não é com um dia só que a gente arruma a bagagem do tempo inteiro.

Não se encontra o positivo sem o negativo.

Cada um na sua área tem a sua formação.

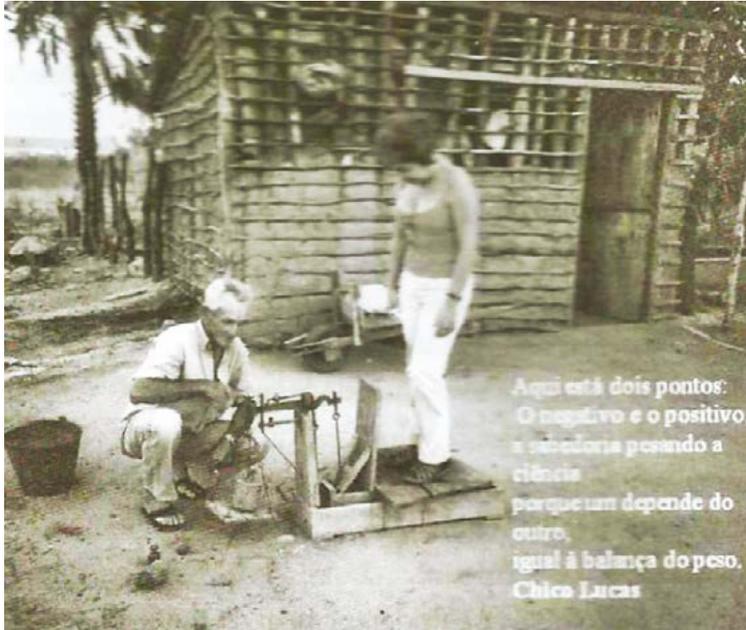
Um bom escritor só precisa de seus sonhos naturais para transcrevê-los. E seus conhecimentos gerais chegam gradativamente como se fosse uma linha cósmica. É um dom dado por Deus.

Tem muita gente sem reflexo planetário que se torna um planeta sem férias.

A Lagoa secou, o barco encalhou e a história acabou.

O segredo não é cuidar das borboletas, mas do jardim por meio do qual elas vêm até você.

Não existe o positivo sem o negativo. E sem objetivo não há motivo, porque os dois (o positivo e o negativo) têm que caminhar juntos. Pois são eles que asseguram todas as nossas ilusões.



Não faça de sua vida um rascunho, porque o tempo pode não dar tempo para passar a limpo.

O pescador e o professor

O pescador Chico Lucas recebeu um convite de um companheiro de pesca

para encontrá-lo, hoje presente na Universidade. Eu disse: Oba! Lá tem peixe, peguei meus entrepostos de pesca e botei o pé na estrada...Mas, quando aqui cheguei, não avistei nenhum lago. Fiquei desanimado, não encontrei o que queria, vim pra fazer uma pescaria aqui na Universidade.

E se alguém duvidar a história do pescador está aqui o comprovante, eu e o professor!!! Enfim, assim caminhamos os dois

juntos, ciência e sabedoria! Parabéns professora Ceiça e toda sua equipe que faz a Universidade!

Muitíssimo obrigado!



Cartas

Caligrafias do mestre Chico. Mensagens de apreço, amizade e afeto.

19/12/14

Apudés

fôz um prazer ter conhecido
Vozê através ^{da} Professora Lígia
isso fez com que nós fizésemos
uma estreita amizade em tão pouco
tempo, sempre dentro de vozê e
daquelas amastragem que fiz no
nosso campo. ACHO que foi isso
que fez com que eu ~~sembrar~~ estando
em campos de suas terras ^{sembrasse} junto com
Vozê, me mostrando a casa onde nasceu
ficando no fi de uma sacra cercada
por uma cerca de madeira, e na frente
uma chapada com uma grande plantação
e após um pequeno lago e eu acabei
fiquei muito feliz por esse ^{reconhecimento}
em sonho. Obrigada.....

(Um Abraço) Chico Fúlio

21/02/14

Leiza,

Estou registrando prova que você gosta muito do Piato, porque deixou seus familiares e amigos e veio compartilhar com nosso seu aniversário! Para mim foi uma grande honra ter comemorado esta data tão importante junto com você, com essa sua simplicidade é mais uma prova de nossa grande amizade! Leiza obrigado fiquei muito feliz!
Deus Abençoe você e Família e amigos.

Muito forte abraço!

Franisco Lucas da Silva

 Capítulo 5 

O homem revisitado

Vários autores

E se Chico Lucas fosse à escola?

Maria de Fátima Araújo²

Num final de tarde de sexta-feira, em que tudo ou quase nada poderia acontecer, botei roupa de festa, usei meu melhor perfume e fui ao Grecom. Não era dia de estudo, nem havia convite prévio, mas pairava no ar o prenúncio de que algo estava por acontecer. Depois de um dedinho de prosa, Ceiça resolveu ligar para Chico Lucas. Tinha acertos a fazer com relação à sua ida, no domingo seguinte, à Lagoa do Piató. Chamou-o ao celular anunciando, em seguida, que ele ia falar com uma pessoa e, subitamente, me entregou o aparelho. Ali estava eu, de um lado, e, do outro, nada menos que Chico Lucas, separados pela tênue distância de uma chamada telefônica.

Fechei então meus olhos para tentar enxergar, através daquelas doces palavras de homem simples, a grandeza de sua alma. Tendo que dizer algo para uma pessoa tão especial, cujas ideias já conhecia um pouco, manifestei meu desejo de conhecê-lo e disse-lhe que, quando nos encontrássemos iríamos fazer uns versos juntos. Mas, Chico me surpreendeu ao confessar que numa de suas visitas à universidade a convite de Ceiça, havia feito uma quadrinha. E falou os versos que sabia de cor:

Não frequentei banco escolar
Por não ter oportunidade
Mas com ajuda dos amigos
Cheguei à universidade.

Aquele homem, ao qual a vida já havia ensinado mais coisas do que a universidade pode ensinar a alguém, encontrava-se ali,

² Mestre em Educação pela UFRN. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN. Professora do Núcleo de Educação Infantil da UFRN. Pesquisadora colaboradora do Grupo de Estudos Da Complexidade - GRECOM/UFRN.

do outro lado da linha, orgulhando-se por já ter estado nesse lugar. Se soubesse Chico as agruras pelas quais passa a maioria dos que aqui estão, tentando racionalizar e domesticar ao máximo seus pensamentos faria quadrinhas sim, mas sobre sua vida de intelectual da tradição.

Foi com esse pensamento que me despedi de Chico, após termos nos prometido fazer os tais versos na Lagoa do Piató. Por muitos dias sua voz aos meus ouvidos e me fez pensar coisas: qual seria o mote dos nossos versos? Como seria estar frente a frente com Chico Lucas? Foi aí que, de súbito, me veio um outro pensamento: e se Chico frequentasse a escola? Qual seria a sensação daquele intelectual dos saberes que pouca gente valoriza, quando estivesse sentado nos bancos escolares, tentando conceituar, construir e classificar conhecimentos nos moldes da escola? Imaginei a cara de Chico ouvindo a professora dizer, por exemplo, que a cobra é um animal nocivo e irracional. Que apenas o homem é dotado de racionalidade. Chico, decerto, não contestaria a professora em viva voz, mas em pensamento lhe diria:

Perdoe-me ilustre mestre
Mas tenho que lhe dizer
Na imensa cadeia da vida
De tudo já pude ver
Nociva e sem serventia
A cobra não pode ser.

Pois senão como seria
Viver sem esse animal
Se é porque ela nos pica
Isso é apenas um sinal
De que invadimos seu espaço
O seu habitat natural.

E a aula seguiria aos moldes da professora que, em seu ofício de cumprir tudo que tinha planejado, exercendo o estatuto da lógica e da razão, agora trabalhava leitura e escrita. É claro que, para ela, leitura significa apenas decodificação do código escrito. Chico arrisca-se na leitura do texto indicado pela professora que logo o corrige, ditando as palavras que estão grafadas no papel. Chico concorda e até repete o que a professora dita para ele. O texto é sobre previsão do tempo. Fala de aparelhos para medir a umidade do ar, para medir a quantidade de chuva que cai e dá informações sobre as estações do ano. Chico, que já lê tudo isso muito bem, utilizando seus próprios aparelhos – os sentidos –, mais uma vez faz a leitura subjacente ao que a professora lhe propõe:

Instrumentos sei que há
Para prever e medir
Se vai ser dia de sol
Ou se chuva está por vir,
Mas posso saber tudo isso
Se o mundo eu sei sentir.

Se faz vento do poente
Ou se canta a juriti
Se sapos me aparecem
Ou muda o clima daqui
Tudo isso é sinal
Que se pode distinguir.

Em meio a esses pensamentos, Chico é chamado atenção para a aula de matemática. Agora é hora de falar de medidas e de números, mas da forma como está no livro. É hora de fazer conta e encontrar os resultados que a nada se aplicam, porque o livro não contextualiza. Os colegas de Chico estão tão contentes, eles pensam que a senha para o sonho e a felicidade está escondida nos livros. Felizmente Chico desconfia disso e começa a pensar que o livro de sua vida tem

Ihe ensinado mais coisas. Nessa aula, os alunos precisam aprender símbolos e instrumentos de medidas como litro, metro, quilograma etc. Disso Chico sabe muito bem, mas ele sabe um tanto mais, e seu pensamento voa:

Essa história de medida
É coisa muito engraçada
Pois posso medir com metro
E com minha mão espalmada
E se o objeto é maior
Eu posso medir à braçada.

Lá na feira, os produtos
Compram-se a olho nu
Uma porção de batatas
Ou um monte de umbu
Não importa o peso exato
Também não hai zun zun zun.

Pra fazer um barco, então
Tem um montão de medida
Se eu usar esse livro
Não vou encontrar saída
Melhor usar as medidas
Que já aprendi com a vida.

Dessa vez ele foi longe. Mas é hora de voltar à realidade. Hora de ir pra casa, sonhar ou ter pesadelos. Chico segue seu caminho de volta para casa, uma parte andando a pé e a outra em seu barco, pois a escola está localizada do outro lado da lagoa. Em seu percurso, ele vai reencontrando todas as coisas: árvores, pequenos insetos que saltam do caminho, vagalumes que lançam fochos de luz aqui e ali, iluminando a cara e as ideias de Chico. As águas da lagoa, iluminadas

pela lua, permitem vislumbrar o balé dos peixes, despreocupados com a ausência de pescadores àquela hora da noite. Chico chega em casa, deita em sua rede, dorme e sonha com entidades das florestas e das águas, que o advertem: Chico, preste atenção, você está na escola, mas não é por isso que deve calar sua voz para os conhecimentos que já tem. As coisas que estão nos livros e na cabeça de sua professora não são as únicas verdades, e você sabe muito bem disso, ou pensa que não lemos aqueles versos em seus pensamentos? O problema, Chico, é que os professores pensam que quando os alunos chegam à escola não sabem de nada: não sabem ler as palavras, nem o mundo. Por isso pensam que têm que ensinar um método para os alunos pensarem. Veja Chico, essa sua forma de pensar colocando em jogo todos os sentidos que alguns intelectuais chamam de pensamento selvagem, não pode ser domesticada, rendendo-se ao que os homens que só pensam com a razão desejam que se aprenda. Use a sua sabedoria, Chico. Junte o que você sabe às coisas que a professora ensina. Assim, você ficará mais feliz e seus colegas de classe também.

Chico despertou de seu sonho e lembrou tudo o que os seres encantados lhe haviam falado. Levantou, trabalhou o dia todo e, quando caiu a noite, foi à escola. A aula começou como nos dias anteriores: alunos sentados, a professora ditando a lição, tudo seguia como sempre. Chico inquieta-se com as lembranças do seu sonho e resolve falar em alto e bom som:

Dá licença professora
Eu também quero falar
Não dá pra ficar assim
Estando só a escutar
Quero expor minhas ideias
E poder participar.

A senhora sabe muito
Isso se pode notar
Por isso está aqui
No ofício de ensinar

Mas temos também experiências
Que podemos compartilhar.

Senão, vejam meus amigos
Quem daqui já não viveu
E não conhece esse mundo
Do jeito que Deus nos deu
Trilhando os seus caminhos
Garanto que não só eu.

Estou aqui na escola
Na intenção de somar
Aquilo que eu já sei
Com o que a senhora nos dá
Garanto que esses saberes
Se possam complementar.

Ontem a senhora dizia
Que o homem é racional
É difícil dizer isso
Desse tipo de animal
Que comete muitos erros
No seu meio natural.

De modo que a natureza
Parece ser mais sabida
Se organiza de tal forma
Alimenta nossa vida
Mas para preservá-la
Poucos fazem tentativas.

Ontem com aquele livro
Fiquei muito perturbado
Pois já fiz casa e barco
Tudo medido e somado
Mas quase não entendi
Como praticar seu recado.

Queria propor uma coisa
Se a senhora me permite
Que a gente leia no livro
Mas fale do que acredite
Pra tudo ficar mais claro
E não valer um só palpite.

Os colegas de Chico o olhavam com caras assustadas, talvez pela sua coragem e ousadia, mas a professora parecia serena e respeitosa ao ouvir o que seu aluno falava e aceitou a sugestão. Daquele dia em diante, tudo passou a ser diferente. Ela sempre procurava saber o que os alunos tinham a dizer sobre os assuntos estudados, especialmente sobre suas experiências de vida. A polifonia de experiências passou, então, a reinar no espaço da sala de aula e a professora de Chico agora sabe, talvez sem nem ter lido Clarice Lispector (1979), que “há coisas que só se aprende quando ninguém ensina” e que seus alunos todos podem acionar diferentes métodos para pensar sobre a vida e sobre as coisas que os cercam.

E eu aqui fico pensando sobre o que Lispector (1979) nos diz: “cada pessoa é um mundo, cada pessoa tem sua própria chave e a dos outros nada serve”. Se servisse, qualquer dia desses eu ia pedir a chave de Chico Lucas emprestada, para ficar mais sabida e certamente mais feliz.

Chico Lucas: o pedagogo da fraternidade ecológica

*Samir Cristino de Souza*³

A pequena comunidade de Areia Branca Piató, à margem da Lagoa do Piató no município de Assu, no Estado do Rio Grande do Norte, foi o lugar em que vivenciei as lições de amor, poesia e sabedoria orientadas por Chico Lucas a quem denomino o Pedagogo da Fraternidade Ecológica.

Neste lugar descobri o verdadeiro sentido da pedagogia, palavra que vem do grego *paidós*, e significa “criança”, e *agogós*, que significa “guia” do verbo *egéomai* (guiar). O *paidagogós*, que em português dizemos “pedagogo”, tinha a missão de acompanhar a criança no percurso que a levaria a escola, lugar de novas descobertas do conhecimento. Ao longo do tempo, o termo pedagogia foi sendo associado aos processos de transmissão e produção de conhecimentos, podendo-se compreender o pedagogo como aquele que exerce a pedagogia, ou seja, aquele que se ocupa do modo de educar de conduzir o aprendiz ao conhecimento. Além da etimologia da palavra o ato de educar, o fazer pedagógico é uma experiência real capaz de ser praticada na convivência fraterna entre educador e educando.

A Pedagogia da Fraternidade Ecológica é a pedagogia do amor, da poesia e da sabedoria. Uma pedagogia que integra homem e cosmos, que está implicada no modo como se vive as relações interpessoais na vida cotidiana, pois é a partir do cotidiano que se deve vivenciar os princípios e valores fundamentais que a compõe. No processo educativo, o modo fraterno de tratar os demais cria um

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte -IFRN, Coordenador do Grupo de Estudos da Transdisciplinaridade e da Complexidade - GETC/IFRN. Pesquisador colaborador do Grupo de Estudos Da Complexidade -GRECOM/UFRN.

estilo, e esse estilo espelha uma maneira singular que se manifesta no gesto, na saudação, no tratamento cortês, na sensibilidade e em todos os momentos do estar junto ao outro, de viver com o outro e de ser para o outro. Foi essa a experiência que tive com Chico Lucas e que aprendi qual a essência da pedagogia.

Chico Lucas possui uma pedagogia própria, tanto para aprender com a natureza, quanto para nos ensinar por meio das suas lições. Essa pedagogia foi sendo desenvolvida desde a sua infância, observando seu pai e os adultos nas tarefas do dia-a-dia, como o próprio Chico relata:

Aqui não tinha escola e meu pai era trabalho, trabalho, trabalho. E eu fui um menino muito ativo e tinha vontade de fazer tudo que um homem fizesse. Então, eu queria ir para o roçado. Meu pai ia para o roçado com os trabalhadores e eu ia atrás com uma carga d'água para botar lá para os homens beberem. E minha enxadinha estava ali. Eu ia botar água no pote, e eu ia trabalhar com eles. Aquilo era uma alegria para mim, estar no meio deles, porque eu ia virar homem. Para uma criança de sete anos de idade, qual é a influência que isso tem? Queria fazer o que os outros estavam fazendo para aprender.

Percebe-se nitidamente que foi a partir das suas experiências do cotidiano, na sua relação muito próxima à natureza, que ele foi construindo o conhecimento e desenvolvendo uma pedagogia que se manifesta nas suas lições de fraternidade junto à natureza.

Quando reflete sobre o conhecimento, Chico tem a compreensão de que cada pessoa tem a sua importância. Uns têm a aptidão e desenvolvem a habilidade para o estudo e a pesquisa científica; outros para as artes; outros para fabricar utensílios necessários às mais diversas áreas; outros para o artesanato; outros para o esporte; outros ainda para observar e aprender com a natureza, como diz ele:

Cada um nasce para uma formação e nós precisamos de todas. Nem todo mundo tem a aptidão para ser doutor, pra se formar na universidade. É por isso que existem tantas profissões que se aprende e se ensina fora da universidade. Cada um de nós tem uma importância no lugar em que vivemos, cada ser na natureza tem a sua importância no ecossistema no qual está inserido.

Desenvolver a capacidade de observar tudo o que está ao seu entorno e uma escuta sensível da natureza é, para Chico Lucas, educação. É uma educação da sobrevivência que é aprendida com amor, poesia e sabedoria, numa relação fraterna e cuidadosa com a Natureza.

Olha, pra mim, meu ponto de vista, a educação ela está em todos os setores que a pessoa vive. Por exemplo, eu não estudei, aprendi com a Natureza as coisas que ela me mostrava. Isso pra mim é educação. Enfim, eu acho que tudo que a gente procura fazer é um meio de educação porque o homem tem que procurar uma atividade para a sobrevivência, quer dizer, se ele encontra essa atividade e dá pra ele sobreviver, ele tem uma educação da sobrevivência.

Há um significado muito forte nas atitudes de Chico, quando ele vai à vazante plantar, cultivar a terra, colher o alimento para dona Maria e suas filhas cozinharem. Esse percurso que o alimento faz desde o plantio até a mesa está repleto de prazer, de alegria, e não é um fardo pesado para o homem que ama a natureza. Assim, a relação próxima à natureza suscitou em Chico uma pedagogia que se manifesta pelo amor que ele sente por esse lugar, onde ele nasceu e vive até hoje. Essa pedagogia está repleta de poesia, de uma estética captada pela sensibilidade que Chico desenvolveu na sua relação fraterna com a lagoa. E, também, pela sabedoria que está na compreensão de que

um lugar, tão belo e possuidor de um ecossistema exuberante, só pode ter sido criado pelo amor que se manifesta na beleza estética desse lugar. A compreensão cosmológica fundante dessa pedagogia parte aqui da relação de fraternidade com a natureza vivida por Chico Lucas. Talvez esteja aí um modelo pedagógico facilitador de uma reforma paradigmática da educação como propõe Edgar Morin.

Para acompanhar Chico Lucas e aprender suas lições, é preciso estar atento ao que ele fala, pois sua sabedoria não tem hora, emerge quando menos se espera, e é interrompida apenas pelas nossas curiosidades e indagações.

Nas lições compartilhadas com Chico, a atenção à diversidade da vegetação e aos sinais das plantas ensina, também, que elas são uma importante referência para a compreensão do comportamento do clima. Isso mostra que a sabedoria primeira é um exercício do pensamento livre que percorre caminhos e contextos distintos da natureza, compreendendo as relações existentes entre os elementos naturais. Nesse sentido, é de admirar a forma como Chico olha o movimento das nuvens. No meio da caminhada, ele para e olha o céu, volta a caminhar meditando sobre a observação feita e, logo depois, para novamente e expressa seu pensamento. Isso se repete várias vezes na caminhada.

Acompanhar esse processo inacabado e dinâmico de produção de conhecimento a partir dos movimentos da natureza é compreender que há uma estratégia de método na sabedoria primeira que permite a compreensão dos fenômenos que fazem parte da vida e que ajuda a conviver bem com eles.

Chico manifesta inúmeras características do pedagogo da fraternidade ecológica. O diálogo permanente em forma de ensinamento, de acordo com o que acontece no momento, sempre trocando experiências; discutindo as dúvidas e provocando dúvidas nos seus interlocutores; suscitando questões e perguntas importantes; orientando nas dificuldades e nas técnicas que ele próprio desenvolve na pesca, na agricultura, na carpintaria e na fabricação de canoas.

Desencadeia e incentiva a reflexão, cria intercâmbios de aprendizagem com os pesquisadores; colabora para estabelecer conexões entre o conhecimento adquirido e novos conhecimentos; levanta

questões éticas importantes para serem refletidas e postas em prática; está sempre cooperando nas pesquisas e, acima de tudo, vive em uma profunda simbiose com a natureza.

Chico Lucas, esse intelectual mestiço, como diz Ceíça Almeida, trata a todos com simplicidade e alegria; não tem nenhuma dificuldade de partilhar os seus conhecimentos e se sente motivado cada vez que nos ensina a compreender mais a natureza. A cortesia e a alegria ao nos receber, a partilha do alimento, as caminhadas pela caatinga oferecendo fraternalmente seus saberes, se tornam um aprendizado não só das características da natureza, mas um aprendizado dos valores mais importantes para a vida.

Esses são alguns valores e princípios da Pedagogia da Fraternidade Ecológica que emergem da vida de Chico Lucas e que precisamos alimentar através de uma reforma da educação que promova um conhecimento transdisciplinar e que considere os saberes da tradição, a religação da cultura humanística com a cultura científica, a formação profissional com ética e cidadania e o compromisso com o planeta Terra.

Esses são princípios e valores que precisamos encontrar, hoje, nos educadores e que devem compor a sua prática pedagógica diária, seja na escola, seja na vida cotidiana, como um exercício de vivência da *antropoética*.

Por fim, a vivência e o aprendizado com Chico Lucas me permitiu compreender que a educação não está apenas nos espaços formais das universidades e escolas, mas na vida, nas relações do cotidiano. Por isso, a Pedagogia da Fraternidade Ecológica inspirada na vida de Chico Lucas é para mim um modelo real de que é possível educar a partir de outros valores e princípios que podem conduzir a formação de educadores mais amorosos e integrados à natureza, capazes de enxergar a poesia da vida para viver com sabedoria.

O homem que atravessa o tempo

Silmara Lúcia Marton⁴

Conheci, a princípio, Chico Lucas por intermédio das paisagens e cenários descritos por Ceiça e Wani em sua obra *“Lagoa do Piató: fragmentos de uma história”* (2006). Entre os anos de 2003 e 2008, sob a orientação de Ceiça, estive muito presente no cotidiano do Grecom e pude, mesmo ainda sem conhecer pessoalmente, perceber a importância de Chico Lucas naquele espaço, assim como na vida de Ceiça e alguns pesquisadores. Mas, foi somente no percurso de minha pesquisa de doutorado, cujo tema se vinculava à afirmação de uma escuta sensível como *escuta perto da natureza*, que Ceiça me convidou a ir até a Comunidade da Areia Branca onde vive Chico Lucas. Senti-me agradecida e honrada com o convite. Meu propósito era também atrelar minha pesquisa a uma história que, até então, já contava com mais de duas décadas entre o Grecom e Chico Lucas, feita de amizade, afeto e de muito diálogo entre a ciência e os saberes tradicionais.

Assim aconteceu. Como descrevo no primeiro capítulo da tese, chegamos à cidade de Assú e, em frente ao mercado “Golinha”, lá estava ele à nossa espera: Chico Lucas, sorridente, como em muitos dos retratos do livro lido e degustado. Depois dos cumprimentos de afeto e alegria, Ceiça disse a Chico sobre as intenções de minha presença, ao que ele respondeu com sabedoria, de forma leve e segura: *“Então, é ela é que vai escutar os sons da natureza”*. Nas viagens que fiz de Natal a Assú, naquele período, gradativamente Chico Lucas foi me conduzindo ao universo de suas memórias, observações, questionamentos e assim fui exercitando junto com ele a escuta da natureza articulada com a escuta de mim mesma. Pude, no percurso de nossa convivência, perceber em Chico Lucas um estilo

4 Doutora em Educação pela UFRN. Professora do Instituto de Educação de Angra dos Reis da Universidade Federal Fluminense. Pesquisadora colaboradora do Grupo de Estudos Da Complexidade – GRECOM/UFRN.

de pensamento que tem na experiência do sensível sua forma mais plena de se comunicar com a natureza do mundo, do humano e do inumano.

Sinto agora, então, enorme satisfação em fazer meu depoimento sobre Chico Lucas. Reafirmo aqui o que digo na tese: *cada um dos encontros com a Lagoa e, em particular, com Chico Lucas, foi uma lição de escuta, porque fui descobrindo sentidos e significados, mais profundos e amplos, para a escuta sensível através da experiência de conciliação entre Chico, a natureza e os seus conhecimentos. Nas múltiplas direções e vozes dos ventos, Norte e Sul, na Lagoa, na construção das barragens pelas formigas, no movimento da água da Lagoa e no modo como as carnaubeiras se direcionam para o céu, no modo como o pensamento de Chico Lucas atribui significados a tudo o que vê, escuta, ou manipula, pude compreender um jeito de ser, viver e pensar que precisa ser preservado, pois isso contribui para a sustentabilidade da natureza.*

Chico nos ensina a parar para prestar atenção, a guardar silêncio, a ter paciência, a pensar sobre o sentido da existência, a ouvir os mais velhos, a rir com as crianças, a perceber as sonoridades da mata, a acompanhar o ritmo da natureza, a trabalhar em sintonia com esse ritmo. Aprendi nas nossas caminhadas que precisamos dar vazão a essa nossa natureza criadora. Chico Lucas é um caminhante solitário e, ao mesmo tempo, um ser que cria, pensa, repensa e compartilha.

Posteriormente, já morando em outra cidade, visitei Chico Lucas e sua família mais algumas vezes. Sempre senti verdade, cumplicidade e afeto. Isso tem um valor incalculável! Quando estou perto deles, fico em paz.

Hoje sou professora do Instituto de Educação de Angra dos Reis, da Universidade Federal Fluminense e utilizo em todo o semestre que ministro a disciplina “Epistemologia e Educação” o livro “*A Natureza me disse*” (primeira edição), de Chico Lucas. Sempre testemunho a enorme afinidade dos alunos com seus escritos e me emociono com sua força renovadora. Eles reconhecem Chico Lucas em suas biografias, em seus familiares, nas gerações que os antecederam. Num dos seminários, uma aluna me chamou de lado e me entregou esse bilhete, que agora transcrevo para Chico:

“Lendo Chico Lucas, fui levada à minha infância e recordei de quando eu ia à casa dos meus avós que, como ele, aprenderam a ler através de uma cartilha e dela tiraram o conhecimento que tem das letras. Lembro que no quintal da casa dos meus avós, tinham algumas plantas medicinais como a hortelã, a cidreira e outras, que delas faziam chás e lambedores para os filhos ou netos, quando precisavam. Esses conhecimentos minha mãe me passou, alguns como o chá de erva-doce que, segundo ela, acalma. Esse chá indiquei à minha filha para fazê-lo para o meu netinho. Chico Lucas fez sua história construindo seus conhecimentos agregados aos que lhe foram transmitidos por seus pais. Isso fez dele esse extraordinário ser humano que, através de sua história de vida, ensina e inspira outras pessoas. Sua vida é digna dessa homenagem que lhe foi concedida, com carinho, através desse livro, por aqueles que o conheceram pessoalmente e aprenderam a respeitar sua ciência natural”.

Chico Lucas, você está em Assú, mas também aqui em Angra dos Reis, em São Paulo, minha terra natal. Está em muitos lugares, em minha história e na de muitos alunos. Você atravessará o tempo, as futuras gerações.

Com afeto,

28 de janeiro de 2014.

O nome que é próprio de cada um

Oswaldo dos Santo Barros⁵

Como então dizer quem fala ora a Vossas Senhorias?
Vejamos: é o Severino da Maria do Zacarias, lá da serra
da Costela, limites da Paraíba. Mas isso ainda diz pouco...

Morte e vida Severina (Auto de Natal Pernambucano)

João Cabral de Melo Neto

A denominação de seres, objetos e lugares obedece a orientações técnicas etimológicas próprias de cada língua, em geral são regras de derivação e composição com prefixos e sufixos anexos ao radical. Para os nomes próprios considera-se o sobrenome dos seus descendentes, como homenagens, marcas e hierarquias políticas e financeiras necessárias à manutenção do poder e da propriedade.

Entre homens e mulheres comuns as representações nominais e dos sobrenomes não trazem necessariamente a hierarquia de poder e propriedade, mas trazem o registro de gerações de homens e mulheres cheios de história de lutas e conquistas, memória de dignidade e merecimento.

Como podemos, então, compreender a denominação de um homem somente pelos seus sobrenomes familiares? Acho que isso é pouco. Talvez juntando seus adjetivos possamos compreender a propriedade de um nome. Entre homens comuns, a memória e o saber são os tesouros que carregam em si e procuram passar às

⁵ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor da Universidade Federal do Pará - UFPA. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas das Práticas Etnomatemáticas na Amazônia - GETNOMA Pesquisador colaborador do Grupo de Estudos Da Complexidade  GRECOM/UFRN.

futuras gerações familiares. Para tanto, uma profissão, uma situação eventual, um ato, podem gerar um nome adicional, um apelido que identificam tanto ou mais que o nome de pia, como disse o Severino da Maria do Zacarias.

A relação entre o nome próprio e os adjetivos para a denominação de um homem, ou mulher, são alheias aos sujeitos, que resultam das interações e funções temporárias, isso porque os nomes se modificam, porque a vida muda. Então, chamamos o José da Silva de Zé do açougue, o João carpinteiro, o Tião roceiro, a Maria dos mamulengos e tantos outros que se fizeram nome permanente pela propriedade de família, ou por nomes temporários em apelidos que descrevem o que fazem e o que são.

Assim tento ler esse nome: Chico Lucas, um nome que pra se dizer próprio de pia é muito pouco, pra se dizer temporário de função, não carrega toda uma história. Como, então, dizer essa denominação?

Quando faz uma leitura de si, Chico Lucas diz: Francisco, filho da Cesária e do Manoel, da Lagoa do Piató, do vale do Assu, permanecendo lá até hoje. Mas seu caminho percorrido corta muitas estradas.

Quando morou no Ceará, no distrito de Feiticeiro, foi aprendiz de sapateiro, “sapateiro mesmo, que fazia sapato de sola”. Com esse primeiro mestre se tornou o Chico Engraxate, dando polimento aos sapatos de vaqueta de couro. Mas isso ainda é pouco. Ainda lá trabalhou levando água para uma padaria e botando massa no forno, agora como Chico Padeiro. Em meio tempo para cada nome, engraxate na manhã e padeiro vespertino.

O ofício de aquário, na padaria, já revela a natureza de um homem que deseja o saber. Pois assim como no mito do signo do aquário - o homem que leva a água, é através dela que revela o saber.

Quando criança o desejo de aprender era grande, mas as necessidades de sobrevivência eram maiores e o trabalho venceu a escola. O olhar do seu Manoel, seu pai, como dos aquarianos, viu o futuro de um homem dos saberes na leitura de uma cartilha e assim, ensinou o primeiro dos seus alfabetos.

Seu Manoel, homem totalmente do campo como diz Chico Lucas sobre seu pai, além de ensinar as letras, ensinou as contas no

pequeno comércio que tinha e na cubagem, nas demandas trazidas pelos trabalhadores. Assim como o pai, Chico também é agricultor.

Depois de 1960, com o aumento do nível das águas na lagoa do Piató e a melhora da pesca, surge então, o Chico pescador. A necessidade do pescador por uma canoa fê-lo buscar por um carpinteiro, que fez uma construção inadequada, e a curiosidade que desfez a canoa para construir uma nova, fez surgir “Chico Lucas: o fabricante de canoas da região”.

A construção de barcos sempre esteve presente na vida de Chico Lucas, ofício do qual ele mesmo diz se preparar desde menino quando fazia barcos de tábua de compensado ou caixão de charuto.

Ainda jovem, aos 14 anos construiu uma prensa de queijo que lhe fez perceber que a carpintaria era o que queria fazer. Muito curioso, sempre aprendeu observando a prática dos carpinteiros.

Depois, como as tartarugas que retornam à praia, de onde eclodem dos seus ninhos, Chico também voltou. Seu caminho cruzou com o de Dona Maria, do vaqueiro que veio para o Alto Rodrigues.

O Chico, da Dona Maria, morou em três casas e dessas, duas ele mesmo construiu. Assim surgiu o Chico construtor, que se define nas suas empreitadas como: o arquiteto, o engenheiro, o pedreiro, o eletricitista e o encanador. A necessidade sempre moveu o Chico curioso, que em momentos incomuns fez surgir: o Chico costureiro e o Chico parteiro de animais.

Esse Chico de tantos nomes em tantas quantas foram as situações, que aprendeu no fazer, na força da sua curiosidade, também se tornou o Chico do saber, lendo o alfabeto dos códigos da natureza, seja vendo a imitação do carreiro para saber do tempo das chuvas, ouvindo os sapos na lagoa na época da procriação, entre outras linguagens inauditas para os que não sabem ouvir, invisíveis para olhos destreinados.

O menino que levava água à padaria, hoje como homem de muitos saberes, ainda permanece como aquário, levando conhecimentos que adquiriu com os sons, imagens, símbolos e a linguagem da natureza, como homem atento ao mundo, ao seu tempo, ao seu meio.

No encontro com Conceição Almeida, na troca, no diálogo, na aprendizagem mútua, revelaram-se outros Chicos: o artesão

do conhecimento e do saber, o artista, o oleiro do pensamento, o intelectual que somam ao Chico pescador e agricultor e tantos outros.

Em outros encontros o Chico de tantos nomes, sempre generoso, fez parte dos estudos de outros acadêmicos que lhe rendem homenagens em formas de palavras e abraços fraternos.

Tenho gravado em minha retina a primeira viagem na canoa de Chico Lucas pela lagoa do Piató quando li a simbiose de seres tão irmãos, na generosidade de um homem simples que entregava o leme do seu barco para uma mulher da cidade, da ciência, da academia.

As águas da lagoa que trouxeram peixes, também trouxeram Ceíça e nos deram o homem das águas, o aquário Chico Lucas. Assim como iniciei ainda tento denominar, porém é mais fácil dizer que um nome ainda é pouco, pois são muitos os nomes que lhe dão, posto que os nomes são externos e intensos.

Prefiro assim dizer que a propriedade sobre um nome se dá por merecimento, e este vem com a maturidade, quando nos permitimos a sensibilidade aos movimentos, aos sons e aos signos do mundo. Então como um livro de páginas em branco, poderíamos escrever nossos muitos nomes, um novo a cada dia, tornando-nos muitos até merecermos ter um que nos distingue, identifica e amplia.

Compreendo, então, que Chico Lucas não é um nome, mas a identidade de um homem que tem a curiosidade como alimento e que se nutre do que aprender, bebe da água que brota do mais simples movimento da natureza e que não nega o saber porque é homem das águas, um aquariano por assim dizer.

Chico Lucas, pescador polivalente e polifônico

Sérgio Cardoso de Moraes⁶

Escrever para Chico Lucas me traz imensa satisfação, pela possibilidade de registrar o diálogo com um grande intelectual da tradição. A convivência com Chico se deu por conta de pesquisa realizada em comunidades pesqueiras durante curso de Doutorado. O período de campo ocorreu entre os anos de 2002 a 2004.

O aprendizado construído nesse período marcou uma etapa de minha vida. Já tinha experiência de trabalho comunitário e organizativo com pescadores de várias regiões do país, porém foi exatamente às margens da Lagoa Piató, na companhia de Chico Lucas, que pude aguçar a atenção para um tipo especial de articulação e sistematização de ideias deste pescador.

Recordo de uma atividade realizada na Comunidade de Chico. Ele fez toda articulação com os pescadores para me receber e juntos assistirmos um vídeo de pescarias na Amazônia. A intenção era identificar as impressões e considerações deles sobre pescarias de outra região diferente do nordeste.

Chico a frente das discussões fazia sempre associações de pescarias da Amazônia com pescarias semelhantes do Nordeste. Este recurso usado por Chico Lucas permitiu uma proximidade das regiões, possibilitando aos pescadores ficar a vontade para registrar suas considerações.

O convívio de Chico com pesquisadores também tem permitido a troca, a condensação, a ressignificação de conhecimentos, que muito sabiamente ele absorve e sistematiza. Chico faz articulações e adaptações do conhecimento científico contemporâneo com o tradicional

⁶ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor da Universidade Federal do Pará - UFPA. Diretor Adjunto e Coordenador Acadêmico do Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará. Pesquisador colaborador do Grupo de Estudos Da Complexidade – GRECOM/UFRN.

quando ressalta que “a natureza também manda e-mail sempre. Mas só compreende quem sabe ler a natureza”.

Quero dizer para o Chico que seus ensinamentos hoje estão presentes no cotidiano das aulas que ministro na Universidade Federal do Pará, na graduação e na pós-graduação. Destacar o conhecimento da tradição é valorizar e reconhecer sua relevância diante do mundo e de outros tipos de conhecimentos.

Ressalto que a mais de vinte anos venho trabalhando com populações pesqueiras, mas nunca havia conhecido um pescador que não come peixe. Um pescador que constrói seu próprio barco. Chico seguramente não é um pescador comum. É um privilégio ter conhecido e o reconhecido como referência para vida.

Agradeço o convívio e os ensinamentos de Chico Lucas, um pescador polivalente e polifônico. Suas habilidades em interpretar os sinais da natureza, em construir seus próprios instrumentos de trabalho, em lidar como os bichos da água e da terra nos períodos de fartura e de estiagem, em lidar com os humanos que, carinhosamente, recebe em seu lar, abrindo espaço em sua agenda de trabalho para nos ouvir e nos falar em atenção às nossas necessidades são alguns fragmentos que, para mim, sinalizam o quanto Chico é especial.

Obrigado, Chico.

O melhor lugar do mundo

*João Bosco Filho*⁷

Querido amigo Chico Lucas,

Ao pensar sobre o que lhe dizer por tudo o que você fez por mim, senti que a palavra obrigado era pouco. Isso porque devo confessar que minha vida mudou muito depois do dia que tive a chance de compartilhar dos seus ensinamentos. Ensinamentos tão antigos e tão atuais; de tantas gerações e originalmente seus.

Guardo com imensa alegria o momento do nosso primeiro encontro, que aconteceu no dia 19 de maio de 2007. Aquele dia foi como um divisor de águas em minha caminhada. Tornou-se impossível não repensar minha vida pessoal e, conseqüentemente, minha prática profissional, depois das minhas constantes vindas ao Piató. Lembrando de sua frase de que a Lagoa do Piató é o “melhor lugar do mundo”, na minha chegada à Comunidade Areia Branca, percebi que tinha encontrado não apenas um lugar privilegiado para fazer minha pesquisa de doutorado. Mais do que poder ganhar um título de doutor, percebi que estava a ganhar também a companhia de pessoas que passaram a fazer parte da minha vida de modo intenso, sincero e afetuoso.

Atrevo-me a dizer que ganhei mais uma família. Afinal, o acolhimento que recebi me fez sentir parte desse todo que é a sua família, com seus filhos, netos e Dona Maria, essa sabia mulher que em sua companhia coordena com maestria todas as nossas chegadas ao Piató. Doce, harmônica e suave, Dona Maria expõe os talentos de uma grande mulher: tendo sido uma professora atuante na escola Sete de Setembro ela, no meu entendimento, sabe conciliar as

⁷ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN e da Universidade de Potiguar - UnP. Pesquisador colaborador do Grupo de Estudos Da Complexidade – GRECOM/UFRN.

atividades de mestra, dona de casa, companheira, avó, conselheira de uma família que tem mais do que doze filhos biológicos, porque se abre para outros agregados como a equipe de pesquisa da UFRN, coordenada por Ceíça Almeida.

Preciso dizer obrigado, caro Chico, por todos os ensinamentos, por todas as nossas conversas no alpendre da sua casa, depois da Casa da Memória, nas nossas caminhadas pelas terras do Piató. Muito obrigado pela paciência em repetir e explicar quantas vezes fossem necessário para que eu pudesse compreender, da melhor forma, as lições que a natureza colocava à minha frente e eu não sabia identificar. Importante dizer que, as lições que tive a oportunidade de aprender no Piató, extrapolaram em muito as expectativas, bem como alimentaram muitas áreas de minha vida.

Como profissional da saúde não aprendi somente que “pisamos na farmácia da natureza”, uma das frases guia do seu livro *A Natureza me disse*, mas aprendi principalmente que com humildade, presteza, coragem, solidariedade, respeito e honestidade, podemos avançar e realizar muitas conquistas na vida. Particularizando para o processo de formação em saúde, podemos pensar modelos que inspirem um verdadeiro compromisso com a vida das pessoas que estão a nossa volta.

Não posso também deixar de agradecer pela oportunidade de conhecer pessoas especiais como Dona Teresinha, Dona Lica, Siana e Seu João Gomes. Essas pessoas, de modo muito atencioso, compartilharam comigo seus ensinamentos e experiências de vida. Com elas tive a oportunidade de repensar conceitos caros ao processo de formação em saúde, como também consegui construir senhas que me permitiram entender situações que me acompanharam durante o meu trabalho como enfermeiro. Com os saberes da tradição complementei o conhecimento presente nos livros técnicos das ciências da vida, passando a entender detalhes que não me foram explicavam com muita clareza. Seus ensinamentos me servirão de base para novas reflexões sobre o processo de formação em saúde.

Preciso te dizer, Caro Chico, que durante esses meu tempo de imersão na vida do Piató, tive a oportunidade de construir um imenso arsenal de informações e conhecimentos que me foram essenciais para o meu constante processo de mudança pessoal. Foram

conhecimentos sobre biologia, economia, política, farmacologia, anatomia das plantas e animais, genética, ecologia, agronomia, veterinária entre tantos outros, que me ajudaram a pensar não só a minha produção textual da tese, mas principalmente, o meu modo de ver o mundo. Ainda tenho que ruminar durante muito tempo esses conhecimentos e desdobra-los em reflexões, artigos e aulas ministradas por mim nas duas universidades nas quais sou professor. Sabe-se que Claude Lévi-Strauss se valeu até o fim de sua vida das pesquisas em vários países e, sobretudo entre as populações indígenas brasileiras. Estou muito longe de ser um Lévi-Strauss, mas espero que o talento de saber desdobrar o que aprendi, na Lagoa do Piató, possa ser um desafio em minha vida.

No Piató posso dizer que aprendi que “Há um dever geral da humanidade... que nos liga não apenas aos animais, que têm vida e sentimentos, mas às próprias árvores e às plantas.” (COMTE-SPONVILLE, 2007, p.17). Em sua sabia companhia meu caro Mestre, pude empreender um novo sentido para o que seja a vida. Seus ensinamentos mostraram-me que, como diz Roberto Otsu “precisamos acolher as leis da natureza com humildade e reverência. Só assim podemos manter nossa saúde e a nossa paz interior.” (2006, p. 25).

Seus ensinamentos, queridos amigos, me ajudam a pensar sobre as ideias de Albert Einstein apresentadas por Conceição Almeida (2003, p. 32) no artigo as Artes da nova ciência:

Não basta ensinar ao homem uma especialidade. Porque se tornará assim uma máquina utilizável, não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. A não ser assim, ele se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais, mais a um cão ensinado do que a uma criatura harmoniosamente desenvolvida. Deve aprender a compreender as motivações dos homens, suas quimeras e suas angústias para determinar com exatidão seu lugar exato em relação a seus próximos e à comunidade (ALMEIDA, 2003, p. 32).

É Mestre, tenho certeza que se fosse listar toda a aprendizagem possibilitada por você durante os momentos que estive na Lagoa Piató precisaria de muito mais páginas. Mas procurei compreender que minha vida, na Comunidade Areia Branca/Piató, não terminou com o doutorado, pelo contrário, foi apenas o começo de um longo processo de aprendizagem para a vida.

Com você, Chico Lucas, realizei a minha segunda faculdade de enfermagem. Dessa vez pude construir uma matriz do conhecimento complexo que não se restringi a conhecimentos puramente técnicos sobre a vida e o homem, mas se amplia na ideia de *conhecimento pertinente* de Edgar Morin. Reconheço na árvore do baobá, que você usa como metáfora da árvore do conhecimento, a construção de um pensamento que para ser pertinente precisa se enraizar no solo fecundo dos saberes ancestrais.

Por essa minha iniciação numa auto-formação complexa, muito obrigado.

Abril de 2014.

Lagoa Piató, o meu fio condutor

Thiago Emmanuel Araújo Severo⁸

A Chico Lucas: biólogo, filósofo, intelectual e, principalmente, professor! Muito obrigado por compartilhar comigo os saberes que você esculpiu ao longo de vários anos e pela paciência em me mostrar “O Campo”.

Durante a graduação em ciências biológicas, passei muito tempo pensando sobre a relação entre as disciplinas que eu estava a estudar. Sentia que havia ligação entre os processos evolutivos, a ecologia de corpos lacustres, a organização social das plantas, a vida dos morcegos urbanos, a microbiologia e a sistemática de invertebrados. Fui compreendendo aos poucos que a ligação que existia entre esses conhecimentos era bastante óbvia. Todos fazem parte de uma mesma dinâmica natural, de uma mesma rede, de uma mesma Natureza. Certamente por essa relação ser tão óbvia talvez poucos tenham se preocupado em anunciá-la.

O curso de bacharelado em ciências biológicas é longo, não só na duração do tempo mas na quantidade de conteúdos a dar conta. Temos que dominar muitos conceitos e detalhes a da dinâmica da vida dos ecossistemas. Muitas teorias precisam ser revisitadas. Mas naquela época (2006 a 2010) eu sentia falta de algo que aproximasse os conceitos, ideias, teorias. Faltava um fio condutor. Sem ele, as informações parecem desconexas.

Mesmo não conseguindo operar a aproximação entre algumas disciplinas, o curso me fornecia alguns pontos de intersecção entres saberes. Por exemplo, as aulas de ecologia, biogeografia e filosofia

⁸ Mestre em Educação pela UFRN. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN. Professor do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo/UFRN. Pesquisador colaborador do Grupo de Estudos Da Complexidade – GRECOM/UFRN.

das ciências eram como um farol luminoso, apontando para um sul regenerativo.

Lembro que sempre procurei uma matriz mais ampla quando fazia minhas pesquisas de campo e estágios nos laboratórios. Tentava traçar e montar uma dinâmica que abrangesse a natureza dos processos que eu estava a estudar. Com o passar do tempo e o convívio com outras ideias, aprendi que essa natureza não era restrita ao estudo da biologia, como fomos treinados para pensar.

Aprendi, também, que todas as ciências se nutrem e são nutridas pela mesma matriz que alimenta todas as coisas que existem: a Natureza. E que construir conhecimento a partir da leitura da Natureza não é uma exclusividade da ciência. Essa foi uma das mais marcantes lições que serviram para saciar um pouco o meu desejo de compreensão mais totalizador sobre o ambiente.

Atribuo a essa lição dois pontos principais. Em primeiro lugar aprendi nos livros *A Natureza me Disse* e *Lagoa do Piató – Fragmentos de uma História os conceitos de saberes da tradição e intelectuais da tradição*. Ambos iriam ampliar a noção de etnociências, já presente na minha formação de biólogo naquela época. O conceito de intelectuais da tradição me permitiu tomar consciência de que existem pessoas cujas leituras do ambiente são por vezes mais detalhadas do que aquelas que estão nos manuais da biologia tradicional. Claude Lévi-Strauss afirma que esses conhecimentos correspondem a uma “ciência primeira”, próxima de uma “lógica do sensível”. Trata-se de saberes tecidos em rede e construídos com os pés no chão, na terra rachada, experimentados.

Levou um tempo para esse conceito sair dos livros. Durante o mestrado tive a oportunidade e a sorte de conhecer, conviver e aprender *in loco* como se faz uma ciência primeira, como descrita por Lévi-Strauss. Por intermédio de Conceição Almeida conheci Francisco Lucas da Silva, nosso amigo Chico. Homem simples, sorriso aberto, coração nobre. Não possui título de doutor, mas me espantou o quanto ele sabe sobre o ambiente em que mora.

O conhecimento construído por Chico Lucas não foi forjado nos bancos escolares. Ele nunca foi à escola. Mas mesmo fora do signo da ciência paradigmática, ele traça com facilidade o óbvio oculto que

não se consegue trazer à tona na erudição da academia: ele consegue religar os fragmentos do mundo.

Durante a minha pesquisa no município de Assu-RN, comunidade de areia branca Lagoa Piató, pude notar que a riqueza da compreensão de natureza tecida por Chico ultrapassa as frases guias de seu livro publicado em 2007, *A Natureza me Disse*. As observações de Chico não são feitas por acaso. Existe sempre um motivo e uma justificativa para explicar um fenômeno que acontece na lagoa interligado a outros que estão acontecendo em micro ambientes como a serra que estão a quilômetros de distância. Há sempre uma ligação entre o aruá da serra e a precipitação pluviométrica; entre a floração do cardeiro e os indícios de um bom inverno; e entre a má pesca e o calcário das rochas da bacia da lagoa.

As observações de Chico são feitas à cocção lenta. Construídas pacientemente pelo seu olhar atento à diversidade dos fenômenos naturais. Mas não são apenas observações. Chico faz questão de, às suas observações, realizar experimentos “No Campo”, que para ele é um lugar de experimentação de ideias, é o seu laboratório vivo. As compreensões de Chico sobre o ambiente em que vive sempre são expandidas, com rigor, para compreender outras regiões que tem dinâmicas diferentes.

O óbvio oculto dos currículos oficiais na narrativa de Chico é sempre a explicação primeira. Foi caminhando na terra rachada, observando vestígios geológicos, aprendendo sobre a sazonalidade do semiárido e conhecendo “o campo” junto com Chico Lucas, na Lagoa Piató, que pude traçar um axioma de compreensão sobre os fenômenos naturais. Aprendi com Chico, empiricamente, que é possível e inevitável operar a curiosidade sobre as coisas do mundo e a pulsão de exercitar o pensamento para compreender bem os fenômenos naturais.

Ao eterno professor, Chico Lucas da Silva: muito obrigado por me presentear com o fio condutor para compreender a natureza.

Natal - 22 de abril, dia da terra.

O caminho e as pedras

Wyllys Abel Farkatt Tabosa⁹

“...o caminho se faz no caminhar”

Antonio Machado

“tinha uma pedra no meio do caminho...”

Carlos Drummond de Andrade

Entre os conhecimentos dos homens e mulheres que constroem saberes da tradição um afirma que o ano terminado em quatro é bom de inverno. Na minha vida também os anos terminados em quatro foram de bom inverno ou de boa colheita. Foi assim que em 1964 eu nasci, e mesmo tendo sido acometido de febre reumática aos quatro anos de idade, sobrevivi. Foi em 1994 que Ceíça Almeida e Wani Fernandes lançaram o livro *Lagoa do Piató - fragmentos de uma história*. Em 2004, começo a minha parte da aventura nessa mesma história com o trabalho que culminou na tese *Uma ecologia de base complexa*. Agora em 2014, um inverno nos traz à tona um novo e fecundo trabalho com os mesmos parceiros de aventura. Portanto não poderia deixar de citar Chico Lucas quando chegamos pela primeira vez na fazenda Curralinho da Dona Régia e do Sr. Vavá. Disse Chico naquela ocasião: “Ceíça agora tem uma história para contar. Vai começar tudo de novo com os pés de Baobá”.

Os dois fragmentos de poemas em epígrafe funcionam como mantra em minha mente, representando tatuagens cognitivas, impregnadas de toda a carga de emoção que envolve a relação de respeito e admiração que foi crescendo desde 2004 com meu amigo Francisco Lucas da Silva que, para nós, é suficiente chamar Chico Lucas.

⁹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN. Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional do IFRN. Pesquisador colaborador do Grupo de Estudos da Complexidade – GRECOM/UFRN.

Entender o caminho percorrido para a elaboração de uma tese, antes de tudo, reconhecer que esse caminho não começa na elaboração de um projeto ou em sua avaliação para seleção em um programa de pós-graduação. Esse caminho pressupõe toda a carga de impregnações culturais que fazem a história do sujeito do conhecimento. Foi a partir dessa consciência que pude compreender, com mais acuidade, que caminho eu iria percorrer nessa nova parte da mesma história.

As pedras têm um significado para além do simbólico e metafórico. Elas são parte de uma realidade vivida, da experiência de cada um durante o seu percurso. Em nossas vidas estamos sempre transpondo pedras que, um momento ou outro, nos aparecem em tamanhos e formas variadas. Essas pedras nos servem ao mesmo tempo de empecilho, mas também de chances para refletir, reavaliar e trilhar os nossos caminhos. Elas são como degraus para nos deslocarmos com mais firmeza. Na lagoa do Piató elas são muitas e estão presentes em todos os ambientes dos diminutos grãos de areia, pedras que sucumbiram ao tempo, aos grandes seixos da chapada. Em todas elas uma parte da história do Piató está incrustada.

Hoje, Chico e eu nos consideramos amigos. O que começou com uma pesquisa foi se deslocando, como um seixo, até as águas da confiança e da sinceridade. O caminho que trilhamos para nos tornar amigos e parceiros na aventura do conhecimento foi recheado de pedras reais e imaginárias, mas intensamente concretas em nossa vivência. Após fazer parte da vida de Chico Lucas, percebi que tínhamos em comum um caminho e as pedras. Cada um de nós com percursos tão distintos, seja pela idade, seja pelos locais onde fomos criados, seja pela vida que vivemos e compreendemos os pontos comuns que nos ligam ao longo dos últimos dez anos.

Comum a ambos foi a empatia, já no primeiro encontro, marcado por muita expectativa. Eu tinha me preparado bem para esse dia, pois o nosso cordão umbilical, Ceíça Almeida, sempre teve o devido cuidado com as suas crias. Ela só permite procriar quando as condições climáticas da Lagoa do Piató são favoráveis a uma fertilidade sustentável. Nosso cordão percebeu que os anos seguintes se não fossem tão bons de inverno, seriam suficientes para ela não machear

e prover um diálogo profundo com as suas crias. Assim, percorremos caminhos e transpomos pedras, que, em determinados momentos pareciam impossíveis de serem removidas.

Durante todo o caminho trilhado por nós – Chico, Ceíça e eu – aprendi a aprender, aprendi a conhecer, aprendi a viver circunstâncias e aprendizados até então desconhecidos por mim. As caminhadas com Chico Lucas pelos diferentes ambientes que formam o ecossistema da Lagoa do Piató proporcionaram-me um novo aprendizado sobre a ecologia do local. A amizade consolidada, a cada nova viagem, ampliou as discussões sobre diferentes temas ecológicos. Esses conhecimentos, inevitavelmente, transitam pelas histórias de vida de Chico Lucas: sua vida familiar, seu trabalho, suas caminhadas, seu navegar na Lagoa e principalmente seu diálogo com o ecossistema.

A cada nova viagem ao Piató e os diálogos com Chico Lucas e sua família, outros conhecimentos de vida impregnavam minha mente e transformavam meu espírito. Algumas memórias da tese são reavivadas neste momento. No primeiro dia, no alpendre da varanda da casa de Chico, pude vivenciar a primeira grande lição que foi sobre o tempo.

Aprendi que o tempo é diferente para cada um de nós e que, para poder compreender o outro, era preciso compreender o tempo do outro. O meu era acelerado, cheio de interrogações e ávido por respostas: Como era? Como foi? Poderia ser de outra forma? Eu quero ver! O autor tal diz algo parecido, será que não é isso? Até que, tal qual a matriarca de “Cem anos de solidão”, um dia fui interpelado por Ceíça, que me disse sem constrangimento “Wyllys, pare! Não é assim, aprenda a escutar!”. Foi duro ter que reconstruir todo o padrão da forma de conhecer que estava impregnado em mim. Era preciso escutar com calma todos os elos das longas cadeias narrativas e interpretativas do Mestre Chico.

A partir daquele dia, como neófito, que está aberto a novas experiências para construir um padrão novo, eu entendi que o tempo é uma abstração e cada um tem o seu, apesar das determinações acadêmico-científicas. Se eu desejava beber em uma nova fonte para me inebriar com ela, e a partir daí reconstruir uma nova forma de

pensar, era preciso rever a minha relação com o tempo que é vivido pelo outro.

Foi assim que na minha primeira viagem com Chico Lucas, caminhamos cerca de quatro quilômetros - atentem para o número quatro de novo! Chico me apresentou intensamente alguns ambientes ecossistêmicos do Piató. Saímos da sua casa em direção à chapada. Passamos pela aba da Serra (denominada Serrote do Flecha) até chegar ao lugar das pedras “freudianas”. Faço essa analogia valendo-me de um fato importante que aconteceu nessa primeira caminhada. Exatamente no alto da chapada de onde podia se avistar a ponta da lagoa, Chico Lucas parou e ficou em silêncio por um tempo que não sei precisar. Fez com que sentássemos sobre as pedras e começou a refletir sobre o seu caminho e me disse: “Wylllys! Aqui no Piató não tem essa história de psicólogo não. Quando eu tenho meus problemas, eu não vou procurar psicólogos, eu venho aqui conversar sobre a minha vida com as pedras, elas me escutam e aí fica tudo bem”.

Por minutos fiquei em silêncio, eu não sabia o que dizer. Calar-me foi a melhor resposta, porque nenhuma resposta era preciso. Aprendi mais uma grande lição: a de que calar-se, por vezes é a melhor resposta. Nunca mais conversamos sobre esse assunto, mas foi a partir desse dia que eu aprendi a dialogar com Chico e, principalmente, conhecer Chico Lucas, um ser como eu, com suas idiossincrasias e que vive a sua vida intensamente como cada um de nós.

Muitas outras vivências aconteceram até o dia 05/09/2007, data da defesa de minha tese. Até aquele dia os encontros na casa de Chico, com a presença de sua família, foram muito intensos. Chegou um momento em que a tese se fundia com a própria vida daquela família a ponto de me perguntar se havia necessidade de alguma defesa. Sim, havia. Os ditames acadêmicos exigem isso; a CAPES exige isso, vamos lá!

Chico Lucas participou, até aquela presente data, da única defesa de tese ou dissertação de que eu tenho notícia, não é preciso dizer mais nada! A cumplicidade intelectual estava agora consolidada; até interpelar um dos avaliadores externos na hora da defesa Chico o fez, quebrando todas as regras determinadas pela academia. Passados sete anos desde o dia da defesa, a cumplicidade intelectual continua, e não apenas no campo das ideias. Chico Lucas continua a ser, para

mim, uma referência como ser humano que não só constrói barcos, casa, prensa de queijo. Mas, sobretudo, faz nascer vida em tudo que toca. Sei que essa história terá um fim físico algum dia, mas isso pouco importa, pelo menos para mim. O que ficou impregnado em minha memória foi o caminho percorrido e as pedras que encontramos. E isso não se apagará nunca.

Natal, 18 abril de 2014.
Escrito na sexta-feira da paixão

Chico Lucas: a leitura de um retrato

Fredy Enrique González¹⁰



Em seu pulso esquerdo, um relógio simboliza o tempo, a imersão em que transcorre a vida, a mesma que fica refletida em toda a composição gráfica da imagem...

Os traços do passado estão marcados em seu rosto; são muitas as linhas que, na sua face, foram sendo riscadas, durante tantas horas de pesca: de peixes, de pessoas, de afetos...

O presente, o hoje, é o descanso. Provavelmente num entardecer cujo resplendor foi guardado pela sombra de alguma das árvores com as quais ele tanto aprendeu...

E o futuro? O futuro é o olhar, dirigido ao horizonte, guiado pelo sorriso que em seu rosto se desenha...

¹⁰ Doutor pela Universidad de Carabobo. Profesor Titular da Universidad Pedagógica Experimental Libertador (Núcleo Maracay); Coordenador da Unidad de Investigación. Coordinador do Programa, Facilitador de cursos y Seminarios. Diretor-Editor da Revista Paradigma. Pesquisador colaborador do Grupo de Estudos da Complejidade – GRECOM/UFRN.

A camisa entreaberta mostra um peito que guarda um grande coração...

O tempo repousa sobre os braços da cadeira.

Pelo efeito da composição fotográfica, a cabeça de Chico aparece rodeada de folhas de árvores que o cobrem; ali contém “tudo o que a natureza me ensinou”...

Um nariz pontiagudo, olhos pequenos e brilhantes, orelhas grandes, braços fortes... são os componentes de um corpo sensível aos cheiros, cores, sons da sinfonia múltipla (acredito que é assim) que pode ser escutada, cheirada, vista, saboreada e sentida nesse universo natural e humanamente misterioso, que é para mim, a Lagoa do Piató.

Após a leitura da fotografia, compartilho a leitura da minha imaginação sobre o amigo Chico Lucas. Imagino Chico caminhando sobre terra seca, navegando na Lagoa, olhando as estrelas, observando os animais, como se ele fosse (na realidade é) uma parte integrante dessa terra que tanto ama. Imagino Chico como uma ave a voar junto com outros pássaros. Imagino Chico na forma de uma Carnaúba (é lógico e evidente que uma carnaúba macho) olhando o horizonte, procurando o céu, transformando seu olhar na cor azul, aguardando a chuva que tanto ele espera porque tem certeza de que ela vai chegar em abril ou maio dos anos que terminam com o número quatro.

Imagino Chico na forma de uma rocha, vivendo em meio a outras rochas e dizendo para elas que antes elas foram peixes, pássaros, víboras; explicando que foi o tempo que fez com que suas almas se incorporassem em outros seres, mais que seus corpos ficaram fixos e se transformaram nas rochas que elas são agora. Imagino Chico dizendo para essas rochas quando, em suas caminhadas, tropeça nelas é para encontrá-las e leva-las para a Casa da Memória.

Imagino Chico sozinho, falando para si mesmo, portanto falando em silêncio. Porque o silêncio é a língua que as árvores entendem, que os peixes compreendem, e que os animais atendem.

Maracay (Venezuela), 18 de agosto de 2013

Tradução: Thiago Lucena

Revisão: Ceiça Almeida

Vinte e quatro horas de aula, apontamentos para a vida inteira

Josineide Silveira de Oliveira¹¹

É comum ao assistir-se uma aula fazer-se apontamentos na esperança de utiliza-los em momentos posteriores. Alguns são esquecidos logo em seguida, outros continuam por muito tempo como guias de pensamento, porém existem aqueles que se transformam em tatuagens da alma e ficam para sempre conosco. Uma dessas tatuagens me foi impressa numa visita à Lagoa Piató, num dos meus retornos ao lugar. Sempre que planejo aulas, preparo alguma fala ou escrevo sobre Educação, aparecem marcas de tal experiência que agora compartilho.

Quando convidada a escrever um texto para o livro de Chico Lucas, pensei: que posso oferecer a um homem de tamanha generosidade e sabedoria? Um homem que acolhe e nutre, desde 1986, a pesquisa sobre os *saberes da tradição* a qual enxergo como espinha dorsal do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM). Monografias, dissertações, teses, vídeos têm sido produzidos a partir da parceria Ceíça Almeida e Chico Lucas! Este guardião da Lagoa Piató, um pedaço do mundo encravado no município de Assú-RN, vive na observância sistemática dos ciclos da natureza para fazer-se emissário dos segredos que compõem aquele ecossistema. Mais do que um reservatório natural de água, a lagoa é o lugar da memória; lugar onde nossos pesquisadores podem reorganizar e renovar ideias. É fauna, flora, gente, cio de esperanças e desejos. É lugar de muitas aprendizagens.

O ano da escrita dos apontamentos tão significativos foi 2007, entre os meses de agosto e setembro, num daqueles dias de grande

11 Professora do curso de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professora do curso de Direito da Universidade Potiguar (UNP). Pesquisadora permanente do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM/UFRN).

alvorço na sala 3, do Setor V, da UFRN, onde ficava o GRECOM. Muito trabalho! Ceíça rouca, quase sem voz, Wani participando de um congresso do Museu Câmara Cascudo, Bosco dando aulas... Em meio a todo esse movimento, havia a necessidade de ir à Lagoa do Piató para que os então pós-graduandos Samir Cristino e Silmara Marton pudessem receber as orientações de Chico Lucas para suas teses em construção. Na formação da comitiva daquela viagem, fui incluída. Havia muito tempo que não ia à lagoa. Meus afazeres tinham me conduzido por outros caminhos. Fiquei contente com aquela incumbência.

Por volta de meio dia, chegamos ao nosso destino: Silmara, Samir e eu. Da última porteira que dá acesso ao terreiro, avista-se a Casa Branca de portas azuis e, logo atrás, a faixa de carnaubais modulada pelas águas da lagoa. Era a minha primeira vista da *Casa da Memória do Piató Chico Lucas*, um sonho de tijolo e cimento que tinha mobilizado Ceíça e o resto do GRECOM nos últimos tempos. Da casa de Chico Lucas e Dona Maria, que fica em frente à Casa da Memória, correram para nos receber as crianças Anne, Tereza e Mateus, e logo apareceram os donos da casa. Enquanto transcorriam os rituais de acolhida entre os anfitriões e nossa comitiva, segui discreta e apressadamente para a Casa da Memória. Entrei sozinha, como se, ao abrir a taramela da porta inferior da casa, estivesse acessando o cofre no qual se guarda o mais precioso do GRECOM: um pacto de amor; uma ciência que se faz sob o signo do afeto. Na sala, deparei-me com uma mesa, alguns tamboretas, cartazes e *banners* nas paredes. Uma cortina de chita bem colorida, posta na porta do único quarto da casa, balançava suavemente, como que dando as boas vindas. Atrás da porta, encontrei um pequeno armário com trabalhos que registram a fisionomia de uma ciência que, no dizer de Ceíça Almeida, “pratica o abraço” com outros saberes nascidos das experiências do cotidiano, tecidos nas exigências circunstanciais e transmitidos pela oralidade. Tais trabalhos são registros e pesquisas feitas sobre a lagoa, pelos pesquisadores do GRECOM. Essas pesquisas, ficam disponíveis aos visitantes da Casa da Memória.

Folheei cada trabalho como que para confirmar o vínculo que nos une. Encontrei-me naqueles escritos. Senti forte a presença de Ceíça, Wani, Edgar Morin, Tereza Vergani, Edgard Carvalho... O GRECOM

estava inteiro ali sob a tutela de Chico Lucas. Levantei os olhos e, de uma das janelas ele observava-me. Disse-me sorrindo e levantando ligeiramente a aba do chapéu: “logo que o sol esfrie iremos à beira da lagoa”. Caiu a tarde e saímos Samir, Silmara, Chico e eu por entre o pasto maduro. O velho mestre pisava firme, tinha a segurança de quem sabe o que ensinar. Caminhei observando sua determinação e cuidado ao oferecer informações durante o trajeto. Parava sempre para alertar-nos sobre a diversidade manifesta em pequenos detalhes da flora. Acariciava, com o dedo indicador, pequenas plantinhas e discorria sobre cada uma delas. Lembrei do educador Célestin Freinet (1896-1966) ensinando nas aulas passeios sobre as leis da vida. O método utilizado por Chico me coloca diante de uma releitura de *Pedagogia do bom senso*, relato de estratégias pedagógicas traçadas a partir das descobertas feitas pelas crianças em suas caminhadas pelos campos de Bar-Sur-Loup, na França. O mestre do Piató esforçava-se para despertar nossa curiosidade e nos fazer pensar sobre os ciclos sucessivos de morte e renascimento. Enquanto Samir e Silmara perguntavam sobre suas dúvidas de pesquisa, compreendi que se tratava da exposição daquilo que André Comte-Sponville (2007) chama “Sabedoria da impermanência”. Aquele poderia ser um jeito simples de explicar para meus alunos da Licenciatura em Ciências da Religião como tratar o tema da morte nas aulas de Estágio Supervisionado para os primeiros anos do Ensino Fundamental.

Era quase noite quando chegamos bem próximo das águas. Uma brisa leve fazia-se ouvir no movimento da maretá d’água que lambe as margens. Chico com calça arregaçada no meio da perna subiu no barco, mas não saiu do lugar, continuou conversando sobre como aprendera com seu pai a amar aquele recanto do mundo. Compreendi naquele momento que só ensinamos bem sobre aquilo que amamos.

O crepúsculo vai deitando o sol e os colegas continuam fazendo suas anotações. Silmara com um gravador à mão vai compondo um texto ao qual chamara depois de “paisagem sonora”. Samir interessasse por compreender as relações de cooperação entre os sistemas vivos do ambiente, o que depois chamará de “pedagogia da fraternidade ecológica”. Estamos atentos aos ensinamentos de Chico que, com voz pausada e fisionomia paciente apura-se numa conversa didática capaz de aguçar nossos sentidos. Não é assim que fazem os grandes mestres?

Meu olhar perde-se numa revoada de garças e outras aves apressadas por acomodarem-se nos galhos das árvores para pernoitar. Essa visão provocou subitamente em mim um sentimento nostálgico. Recordei um poema de Castro Alves (1847-1871)

Eu sou como a garça triste que mora à beira do rio
As orvalhadas da noite me fazem tremer de frio
Me fazem tremer de frio como os juncos da lagoa
Feliz da araponga errante
Que é livre e que livre voa.

Como eu podia pensar em tristeza naquele momento em que estava em meio a um verdadeiro paraíso? Chico, como um pescador de ideias, dirige-se a mim para falar de como aprendera a admirar o pôr do sol na lagoa, ao lado de seu pai; dos tempos de fartura; da diversidade das espécies de peixes e pássaros que outrora compunham o ecossistema. Falou do som dos búzios no período das enchentes e do plantio das vazantes e tabuleiros. Contou sobre as casas de farinha, sobre o engenho e o artesanato das redes de pesca. A narrativa soava como um canto nostálgico, tal qual aves que aproveitam os últimos raios de sol para chegar ao abrigo. Nosso mestre desfia eventos que ajudam a transcender os instantes de desalento e transformar a saudade num patrimônio de valores que acredita serem úteis às nossas pesquisas. Ao nos contar histórias de seu lugar, abre-nos as portas do acolhimento.

A conversa vespertina à beira da Lagoa atualiza um dos textos que reli logo que cheguei à Casa da Memória, no livro de Ceiça Almeida e Wani Pereira *Lagoa do Piató: fragmentos de uma história* (2006, p. 10).

O 'antigamente' na Lagoa Piató é o tempo de uma combinação mais equilibrada entre trabalho, lazer e ócio. É tempo para o qual a memória guardou a palavra harmonia para falar da relação entre o homem e a natureza. É o tempo de mais autonomia nas condições de vida dos habitantes da lagoa.

Compreendi que Ceiça e Chico militam por uma educação complexa que fraterniza conhecimento científico com uma ética da alegria e do afeto.

Já estava escuro quando voltamos para a casa. Ao longe avistávamos as luzes das comunidades que compõem o entorno da Lagoa. Perguntei sobre a vida da população ribeirinha na era da luz elétrica e da implantação dos programas do governo. Chico responde como as conversas nos terreiros, em noites de lua cheia, perderam a concorrência para a televisão; como o corte de carnaúbas, antes feito artesanalmente, foi substituído pelo trabalho das máquinas; como a preferência por motos superou o transporte feito em lombo de cavalos e jumentos. Tais constatações não são revestidas de pessimismo. Trata-se de uma adaptação ao espírito dos novos tempos. Sobre isso, ele diz:

é preciso aprender observando uma árvore chamada jurema que se recupera rápido depois de ser podada. Eu, por exemplo, estou sempre ouvindo o rádio e assistindo a televisão para saber das notícias e depois poder pensar sobre elas.

Compreendi que viver é reinventar formas de interação de exigências que se apresentam no cotidiano. Depois do jantar quando nosso anfitrião senta-se no alpendre da casa para conversar com um vizinho que chega para prosear, pude ver viva essa afirmação. As cadeiras de Chico e de seu amigo ficam em frente à porta da sala pela qual é possível assistir o *Jornal Nacional*. Os dois conversam sobre política partidária, religião e futebol. Impressiono-me como discutem a escalação e a armação tática dos times de futebol de nível nacional, *Vasco da Gama*, e de nível local, *Camaleão do Vale*, times do coração do dono da casa.

Na manhã do dia seguinte, fomos ao passeio de barco pela Lagoa. Dessa vez, fomos no carro de Samir até perto da água. Antes de navegar até a outra margem, o mestre falou da itinerância das formigas nas croas de areia nos meses que antecedem as enchentes;

do movimento dos ventos, antes dos dias chuvosos e da acrobacia dos peixes que vêm brincar na superfície da água nas tardes frescas. Todos esses sinais são entendidos pelos que sabem ler as mensagens da natureza como anúncio de um bom inverno. Para mim, são fagulhas para acender a esperança.

O motor do barco nesse instante é ligado e o ronco se espalha pelo ambiente como que saudando todos os viventes daquele ecossistema. Sol, água e ar concelebram a vida. Na proa Chico navega tranquilo ratificando uma das suas afirmações mais famosas: “a Lagoa é o melhor lugar do mundo”.

No início da tarde, voltamos para Natal. Naquelas vinte e quatro horas havia descoberto que é na lagoa Piató onde bate o coração do GRECOM.

 Capítulo 6 

O cenário e o homem

Registro fotográfico de Areia Branca Piató – Lagoa, barcos, canoas, artefatos construídos por Chico Lucas e Casa da Memória.

Fonte das fotos: Acervo do GRECOM, de autoria de Paula Vanina Cencig, Wyllys Abel Farkatt Tabosa, João Bosco Filho, Samir Cristino de Sousa, Thiago E. A. Severo, João Lopes, Daliana Gonçalves, Louise Gabriela da Silva, Tatiana Lapitz, Silmara Marton, Fredy Gonzalez, Ivone Priscila Ramalho, Oswaldo Barros, Conceição Almeida, Sérgio Moraes, Renato Figueiredo, Mônica Reis, Tiago Lincka.

Cenários

Canoas de pesca: a grande maioria construída por Chico Lucas.



Baobá de Curralinho. Antiga casa grande com senzala anexa.
Hoje a fazenda Curralinho abriga o amor de Vavá e Régia.



Vista da Lagoa Piató em novembro de 2014. A última lâmina d'água antes de secar completamente em Fevereiro de 2015.



Casa da Memória Piató. Construída pelo mestre Chico, um filho e um neto. É um abrigo e um aconchego dos pesquisadores do GRECOM.



Placa dedicada à Casa da Memória, fixada na parede de dentro da casa, acima da coleção de rochas de Chico.



Mangas mais doces não têm...



Nem pôr do sol mais sublime



Casarão de Zumba Marrero, na comunidade de Banguê.



Gentes

Inauguração da Casa da Memória.



Wylls e Artur. Pensadores de Rodin?



O barco de Chico é como coração de mãe. Sempre cabe mais um.



Dona Maria e Antônia: herança da profissão de professora. Os netos Lucas e Maria Teresa.



Mês de maio na Casa da Memória. Bosco, Wani, Sinhana...



Artur quando Criança



Terezinha, uma das moradoras de Areia Branca na sua casa atual. Amiga desde 1986. Terezinha sente saudades de Expedito. Ceiça recorda com carinho “Pirão Perdido”.



Dona Lica. Cuidada por Sinhana, essa mulher é um exemplo de que o carinho é o melhor alimento da vida longa e feliz.



“Mãe Santa! Assim era chamada a parteira que ajudou a nascer dezenas de crianças da região do Piató.



Escola do Porto Piató. Crianças aprendendo a amar e a brincar com Tatiana, tutora de afeto.



Projeto Estaleiro de Saberes. Josineide e sua arte de falar com simplicidade e clareza.



Projeto Estaleiro de Saberes. Tiago Lincka faz a base para Ceiça brincar com as crianças.



Dois filósofos - Josineide Silveira e Chico Lucas.



Já caminhavam por essa campo no século passado: Paula Vanina, Ceiça, Juliana Rocha e Wani.



Na casa de Dona Santa. Chico, Iran, Mãe Santa, Ceiça e Wani.



Segurando as novas gerações de Areia Branca.



Alguns dos filhos e Netos do Mestre Chico



Seu Luizinho: o grande contador de histórias da comunidade de Olho d'água. Carlos Aldemir, Ceiça, Bosco e tantos outros foram alimentados pela sua "imaginação imaginante".



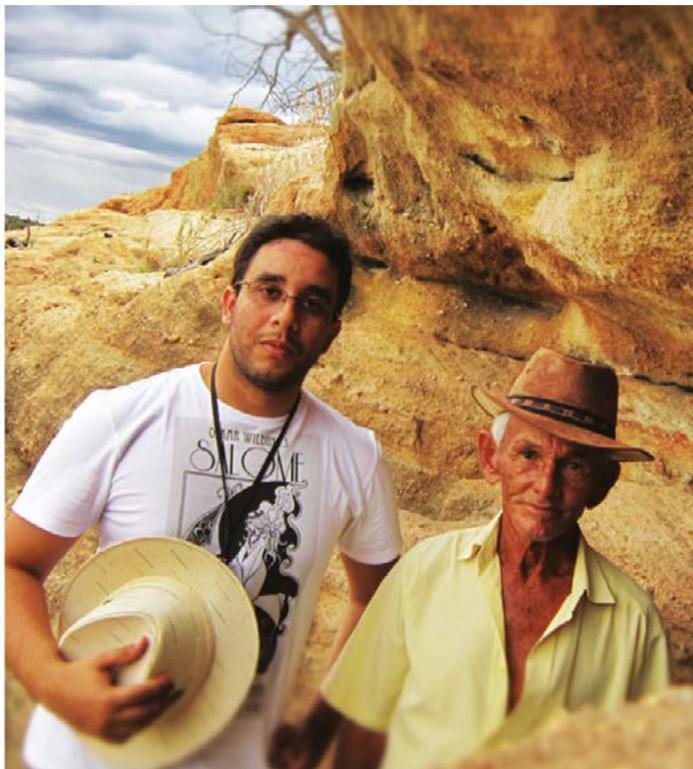
Paula Vanina participando da bricolagem da Casa da Memória.



Chico Lucas pintando um sonho.



Discípulo e Mestre em tarde nublada na Lagoa do Piató. Thiago Severo e Chico Lucas dentro do 'sexo da Lagoa'.



Após o Lançamento do Livro A Natureza me disse, voltando de Assú para Areia Branca.



Mês de maio na capela de Areia Branca. Simplício, Ceíça e Dona Maria.



Aula de Ciência ao ar livre.



Conversas ao final da tarde.

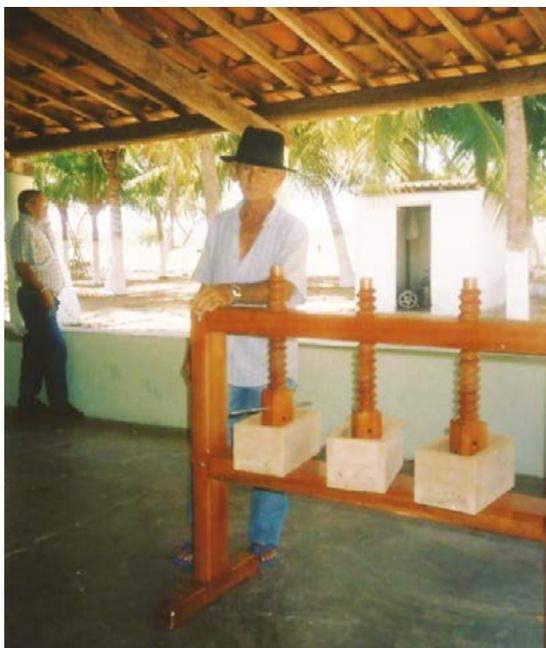


O matemático Venezuelano com Lucas Neto na casa da Memória.



As muitas artes do Intelectual da Tradição

Prensa de Queijo



Ouvir os sussurros da natureza



Construção de barcos



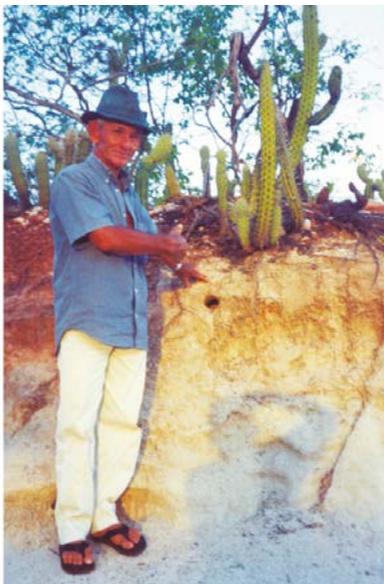
Pintando a Casa da Memória



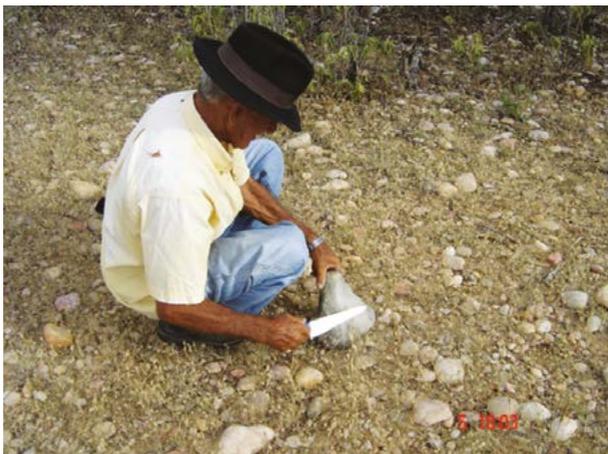
Ex-Voto



Decifrando os sinais da Natureza: a casa do “fura barreira”.



Amolando a faca



Concertando rede de pesca



Colhendo flores do campo



Ajudando a “bater a buia”



A simetria perfeita da espiral.



Vacinando o animal



Engenharia da tradição: Artefato para verificar a direção do vento



Pau para toda obra



Chegada de pescaria



O homem e a água.



Inauguração da casa da memória. Chico quebra a garrafa de champanhe como no casco do navio.



Chico desenha na areia como se fosse um Dogon desenhando para Teresa Vergani.



O que ensina a Matemática.



Antropomorfismo

ou a arte de perceber forma e processos humanos na natureza

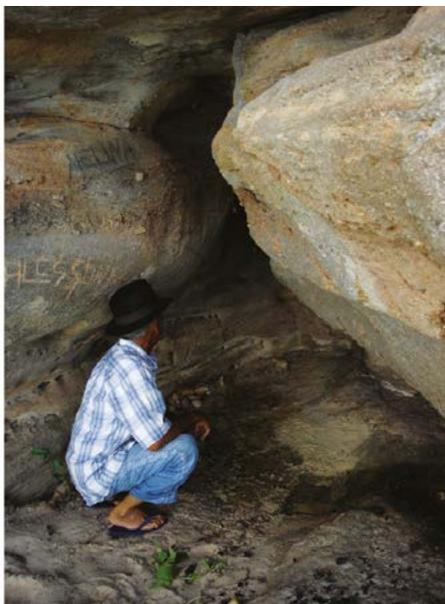
O rosto de um Homem.



Ciclista visto por Chico em resíduo de insetos fixado na parede.



O sexo da Lagoa identificado por Chico. Tudo tem um nascimento. Gustave Courbet concebeu e pintou “A Origem do Mundo” em 1866.

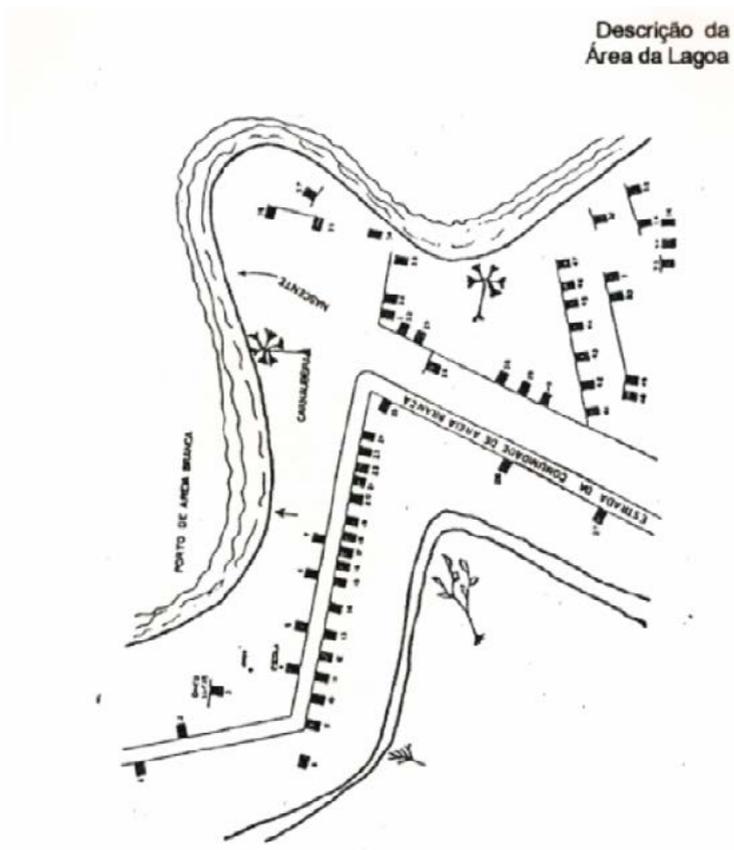


O baobá macho (Casa da Memória).

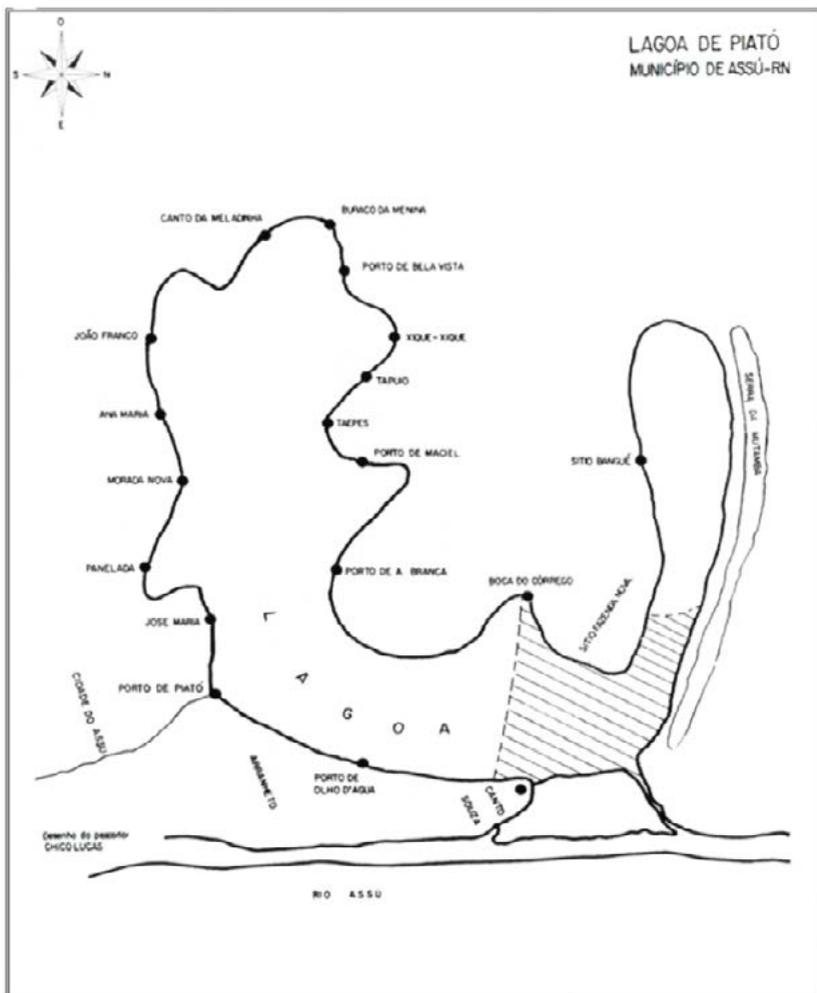


Mapas mentais

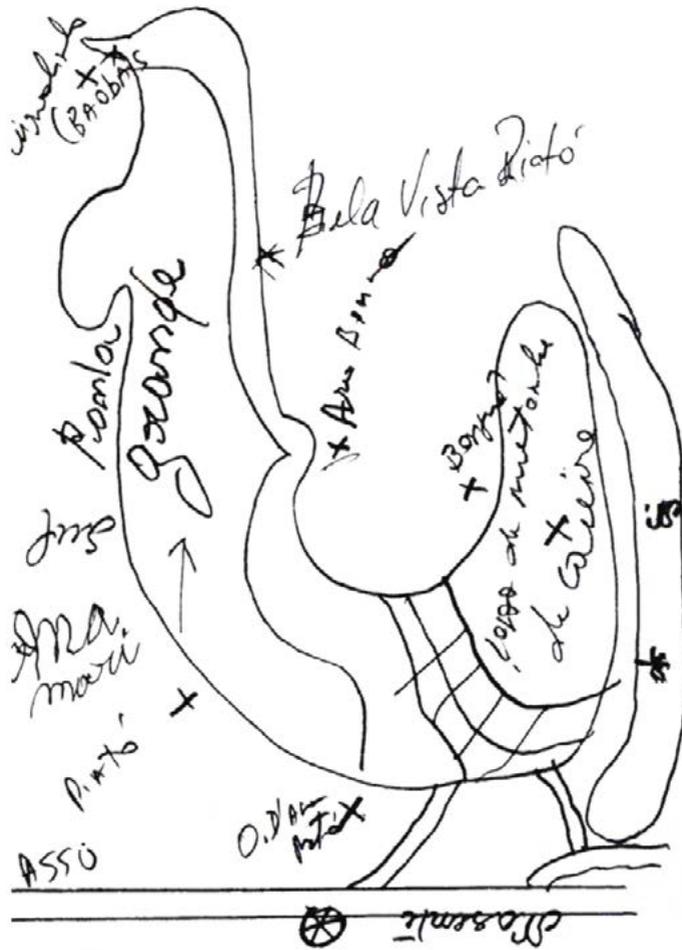
Croqui da Comunidade de Areia Branca, desenhado por Chico Lucas em 1988



Mapas da Lagoa, por Chico, em 1988. O primeiro, organizado com referencia geográfica a partir do segundo, desenhado à mão por Chico.

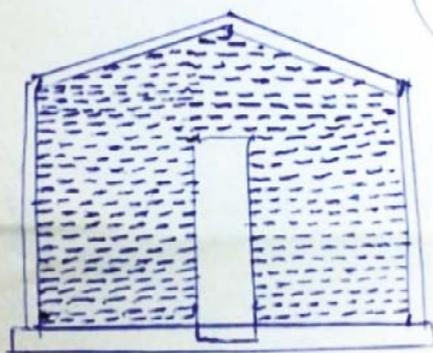


Poente ~~de~~



Desenho de Chico Lucas de antiga edificação portuguesa colonial.

08/6/07



Monumento do Turaxinho
Parede de Pedra

Na entrada do ano novo, Chico escreve com as folhas do Baobá o ano 2015.



Referências

Parte das informações deste livro foram construídas a partir de 1986 primeiramente por Maria da Conceição de Almeida, e a seguir por Wani Pereira. Posteriormente a matriz dessa pesquisa se desdobrou em Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado. Esse prolongamento e consolidação da pesquisa sobre o diálogo entre conhecimento científico e saberes da tradição teve como base o Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM - UFRN) e se encontra disseminado pelos seguintes títulos:

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. KNOBBE, Margarida Maria. **Ciclos e metamorfoses: uma experiência de reforma universitária**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

ALMEIDA, Maria da Conceição de; PEREIRA, Wani Fernandes. **Lagoa do Piató: fragmentos de uma história** – 2ed, rev. e ampl. – Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2006.

BOSCO FILHO, João. **As lições do vivo: ciências da vida e complexidade**. Natal, RN: EDUFRN, 2013. Originalmente tese de Doutorado defendida e aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2010.

COMTE-SPONVILLE, Andre. **A vida humana**. Tradução: Cláudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

COSTA, Fábio Antônio da; VIDEIRA, Antônio Augusto Passos. **Apresentação ao manuscrito de 1942**. In HEISENBERG, Werner. *A ordenação da realidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2009.

FARKAT, Wyllys Abel Farkatt. **Uma ecologia de Base Complexa**. Tese de Doutorado defendida e aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2007.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso**. Tradução: J. Baptista. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HEISENBERG, Werner. **A ordenação da realidade: 1942**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2009.

MARTON, Silmara Lídia. **Paisagens sonoras, tempo e autoformação**. Tese de Doutorado defendida e aprovada no Programa de Pós-Graduação em

Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2008.

MORAES, Sérgio C. de. **Uma arqueologia dos Saberes da Pesca: Amazônia e Nordeste**. Belém: EDUFPA, 2007. Originalmente tese de Doutorado defendida e aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2007.

SEVERO, Thiago E. A. **Formação do Biólogo e Compreensão de Natureza**. Dissertação de mestrado defendida e aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2013.

SOUZA, Samir Cristino de. **Pedagogia da Fraternidade Ecológica e Formação Transdisciplinar para um Ensino Educativo**. Tese de Doutorado defendida e aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2009.

VERGANI, Teresa. **Excrementos do sol – A propósito de diversidades culturais**. Lisboa: Pandora, 1995.

Capítulo 2 – Geólogo da Mata. Entrevista concedida por Francisco Lucas da Silva a Maria da Conceição de Almeida e Thiago Emmanuel Araújo Severo em 05 de abril de 2014. Fotos: Thiago Severo. Transcrição: Tatiana Lapitz Machado dos Santos.

Capítulo 3 – Acadêmico da Complexidade. Entrevista concedida a Thiago Emmanuel Araújo Severo e parcialmente publicada em sua dissertação de mestrado supracitada. Transcrição: Tatiana Lapitz Machado dos Santos.

IFRN
Editora ■■■■



Maria da Conceição de Almeida é Antropóloga e doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Professora titular do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade – GRECOM, primeiro ponto brasileiro da Cátedra Itinerante UNESCO Edgar Morin para o pensamento Complexo (CIUEM). Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN. Membro da Association Pour La Pensée Complexe – Paris – França.



Thiago Emmanuel Araújo Severo é Biólogo pela Universidade Estadual da Paraíba e doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor adjunto do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo da UFRN. É membro permanente do Grupo de Estudos da Complexidade - GRECOM. Atua na área de Educação, com foco no ensino de ciências e biologia, pesquisando sobre: estratégias de método para o ensino de ciências e formação de professores baseadas na experiência; perspectivas transdisciplinares e pensamento complexo. É coordenador do PIBID/UFRN - subprojeto Interciências, envolvendo estudantes dos cursos de química, física e biologia.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte iniciou em 1985 suas atividades editoriais com a publicação da Revista da EFRN, que a partir de 1999 se transformou na Revista Holos, em formato impresso e, posteriormente, eletrônico. Em 2004, foi criada a Diretoria de Pesquisa que fundou, em 2005, a editora do IFRN. A publicação dos primeiros livros da Instituição foi resultado de pesquisas dos professores para auxiliar os estudantes nas diversas disciplinas e cursos.

Buscando consolidar uma política editorial cuja qualidade é prioridade, a Editora do IFRN, na sua função de difusora do conhecimento já contabiliza várias publicações em diversas áreas temáticas.



Francisco Lucas da Silva nasceu em 17 de Julho de 1942, na comunidade de Areia Branca, Lagoa do Piató, em Assú, RN, onde vive até hoje. Esse potiguar é um exemplo de que a curiosidade o desafio e a necessidade de resolver problemas de toda ordem são alimentos preciosos para elaborar e organizar conhecimentos diversos, quando se é obstinado, perseverante, teimoso mesmo. Dotado de um talento que foi tecendo a partir dos ensinamentos repassados por seu pai, Chico já fez, e continua fazendo, de quase tudo: pesca, agricultura, cubação, construção de canoas e barcos a motor, ex-voto, prensa de queijo. Na construção de casas ele é ao mesmo tempo arquiteto, engenheiro, pedreiro, eletricista, encanador e pintor. Seus saberes navegam pelas áreas da medicina natural, ecologia, cosmologia, arqueologia. Este “intelectual da tradição” pode ser também chamado de um geólogo da mata, de um acadêmico da complexidade e de um poeta do silêncio.

ISBN 978-85-8333-131-5



9 788583 331315 >

